MEMORIAS DE EDVARDO BRAZÃO

QVE SEV FILHO COMPILOV

E HENRIQVE LOPES DE MENDONÇA PREFACIA

EMPRESA DA REVISTA DE TEATRO LDA. EDITORA

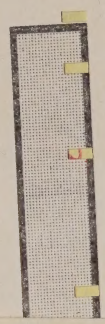
UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA

BOOK CARD

Please keep this card in book pocket

MORIAS-DUE-SEU-FY

PARTIAL TITL



THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PN2798
.B73
A3

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00015510993

LIVRARIA BARATEIRA
DE
Salvador dos Santos Romana
LISBOA
84, Rua do Duque

MEMORIAS DE EDUARDO BRAZÃO

PN2798
.B73
A3

MEMORIAS
DE
EDVARDO BRAZÃO

QUE SEV FILHO
COMPILOV

E HENRIQVE LOPES DE
MENDONÇA PREFACÍA

EDIÇÃO ESPECIAL
PARA O BRASIL

EMPRESA DA REVISTA DE
TEATRO L.DA EDITORA

Todos os exemplares vão rubricados pelo autor

Raconter sa vie c'est
la revivre

JULES CLARETIE

O ULTIMO RETRATO DE EDUARDO BRAZÃO

PREFACIO

PREFACIO

Quando, ha poucos meses, o filho de Eduardo Brazão me pediu um prefácio para as Memórias *de seu pai, que êle estava elaborando, logo me pareceu ociosa, e até talvez impertinente, a minha recomendação. Para qué? Êste ramo de literatura, aliás tão pouco cultivado entre nós, excita sempre a curiosidade, sobretudo quando a fisionomia do autor anda profundamente gravada na mente do público. E nenhuma mais vulgarizada do que a dos artistas dramáticos, pôsto que durante muitos anos hajam vivido na exibição de fingidas aparências. Desejar-se ia espreitar para fora do acanhado âmbito do palco, no intento de surpreender a vida real desses Proteus, no trato doméstico, na camaradagem artística, no convívio com toda a casta de personagens, que deixaram vestígios, mais ou menos assinalados, nas efemérides históricas.*

Bastava pois o nome de Brazão para assegurar às projectadas Memórias *um êxito duradouro. Foi isto o que realmente pensei. Mas vedava-me a recusa a velha e reconhecida amisade que me liga ao meu eminente colaborador, o qual dias depois me honrava, corroborando pessoalmente em sua casa o penhorante pedido de seu filho.*

Acedi. Confesso que me afagava a esperança de rejuvenescer por momentos, associando o meu nome a essa obra que iria decerto evocar o período mais brilhante do teatro português.

Não tomem à conta de ilusório o asserto. Quem não assistiu aos espectáculos do velho D. Maria, ao tempo da Sociedade Artística Rosas e Brazão, dificilmente faz idéa do que seja uma representação, primorosa e harmónica, em língua portuguesa.

Injustiça grande fôra negar um ou outro caso esporádico digno de aplauso, e sucedido desde então. Maior injustiça ainda supôr que naquêle período se havia estancado entre portugueses a fonte do génio histriónico.

Não! Ilustres artistas tem surgido desde então na scena, acertadas e até brilhantes interpretações se tem aclamado. Mas o que nunca se repetiu, como suponho que jámais se dera antes, foi a congregação equilibrada de elementos superiores, subordinados a uma direcção em cujo propósito os ideais artísticos raro seriam vencidos por preocupações mercântis.

Um tão admirável conjunto impossibilitou-o dentro em pouco a industrialização definitiva do teatro, tendo como conseqüencia a dispersão dos artistas a quem as

assopradelas de uma crítica por extremo indulgente aceleravam a fôrça centrífuga da vaidade.

Com que saüdade os homens da minha geração volvem o olhar para essa idade áurea do teatro português e lembram, a propósito de qualquer peça ressuscitada por nacionais ou estrangeiros, a claridade que o seu desempenho espargiu no palco do velho Normal!

Ora o actor Brazão é o único sobrevivente dessa trindade insigne que brilhantemente orientou a nossa arte dramática no último quartel do século passado. Em quanto João Rosa representava a correcção impoluta e a suprema distinção, e Augusto Rosa a fantasia estética e a subtileza psicológica, Eduardo Brazão caracterizava-se pelo panache *romântico, pela paixão irradiante, pela beleza das atitudes, por aquela fúria grande e sonorosa, que às Tágides pedia o grande épico.*

E eram estas características, tão gratas à alma nacional, que o tornavam porventura o mais querido das plateas, aquêle cuja imagem mais fundo se gravava nos corações e cujo nome era o mais feiticeiro atractivo nos cartazes.

Até que as fôrças lho consentiram, manteve Brazão incólume a sua merecida reputação, e a sua despedida

recente deu claro testemunho das saüdades que deixava aos seus admiradores.

São êstes — que representam o grosso do público português — quem aguardará com ansiedade a publicação das presentes Memórias, *onde esperam encontrar o reflexo das suas emoções de outrora, a revivescência dos triunfos em que esfalfaram pulmões e empolaram palmas, e — porque não o diremos? — talvez um certo número de saborosas indiscrições que déem a solução de alguns segredos teatrais.*

Receio que nêste último ponto a sêde dos curiosos não se considere satisfeita de todo. Brazão, através dos olhos de seu filho, mal se deixa entrever, não direi já no negligé *do pijama, mas nem sequer no seu traje usual de passeio. Os fatos que o vemos envergar, quando não são os que lhe fornece o guarda-roupa, são em regra aquêles, novinhos em folha, com que os alfaiates fazem no palco o reclamo dos seus artefactos.*

Mas o que os curiosos encontrarão certamente nêste livro são valiosos subsídios para a história do teatro português de há meio século a esta parte, ilustrados com uma larga documentação gráfica, que até os espíritos mais superficiais devem apreciar sem dúvida. Des-

filarão diante de seus olhos, como numa cine-revista, as figuras culminantes que tornaram as scenas do velho D. Maria e do antigo D. Amélia um praso-dado das Musas... Porque — curiosa coïncidencia! — foi sob a égide de duas raínhas que maiores triunfos alcançou o grande actor, fadado na infância por uns lábios de rainha.

Para quantos ainda vivos, que em companhia dêle travaram esses incruentos, mas gloriosos, combates, a leitura dêste livro é como o reverdecer de louros já mirrados pelo tempo. Há em cada página repercussão de aplausos que hão de acelerar em muitos peitos as pulsações. O meu é um dêles. É principalmente aos nomes de João Rosa e de Eduardo Brazão que andam ligadas as mais fulgurantes recordações da minha vida literária. Como sou grato a êste último por mas avivar, com generosas palavras, no seu livro!

É já reduzida, infelizmente, a falange dos que podem ser comovidos por idênticas reminiscências.

Mas restam os outros, uma legião! os que por todo êsse Portugal devem ao grande artista a emoção de um sorriso, que amacia as agruras da vida, ou de uma lágrima, quantas vezes mais consoladora ainda!

Êsses hão de lêr com devotado fervor estas páginas, elaboradas pelo amor filial, e rever com os olhos da imaginação a figura gentilíssima que fez o encanto de duas gerações.

E o Brazão pode repousar orgulhoso. Ainda depois de ter desamparado a scena, a sua lembrança e a sua imagem hão de resplandecer em muitas almas... E permita Deus que não obscureçam, antes aumentem com seus reflexos a luz das estrelas nascentes!

Fevereiro de 1925.

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.

É A TI MINHA MÃE
QUE OFEREÇO ESTE
HUMILDE TRABA-
LHO, FRUTO APENAS
DA MINHA ADMI-
RAÇÃO E DO MEU CA-
RINHO POR AQUELE
A QUEM TANTO AMAMOS

DUAS PALAVRAS DO FILHO

DUAS PALAVRAS DO FILHO

Cheio de satisfação, cheio de profunda alegria, venho prestar esta homenagem a Eduardo Brazão, o grande actor que tanto fez entusiasmar as plateias, e a Eduardo Brazão, Pai, que venero e estremeço.

A memoria do actor desce com o pano, — *diz Dumas* — a sua gloria é da geração a que pertence; — *e eu, o filho e admirador, queria esquecer esta verdade tão amarga, ao evocar o grande actor que tanto me emocionou, nessas noites gloriosas em que eu sentia o vivo e ancioso desejo de o seguir, abraçando a sua arte incomparavelmente bela!*

Mas o seu vôo era de águia; tive medo da

vertigem das alturas, porque a queda seria tremenda, e quedei-me a vê-lo pairar, lá nesses cumes altaneiros da glória.

E hoje, vendo-o, a um canto do seu escritório, sozinho e talvez esquecido desse público que êle, tanta vez, fez chorar e rir, o celebre ditame de Dumas, perpassou, como nuvem negra, pelos meus olhos.

Pedi-lhe que me contasse a sua vida, cheia de tantas amarguras, cheia de tantos triunfos.

«Para quê recordar o passado ?

— Deixa-me ficar esquecido desse público que adorei !»

E, finalmente, após varias instancias, ace-

deu ao filho que desejava prestar esta homenagem, de gratidão ao Pai, de admiração ao actor.

Recordou o seu passado tão belo, e o filho foi escrevendo na sua humilde prosa, a vida — permiti-me, falo como admirador — do maior actor que conheci.

EDUARDO BRAZÃO, FILHO.

Em Lisboa, aos 26-IX-924.

MEMORIAS

CAPITULO I

A MINHA INFANCIA

Recordar o passado é triste; é triste, sim, e é alegre. Triste por não poder voltar aos dias ditosos da minha mocidade; alegre, por ver perpassar na minha mente, dias tão felizes de triunfos e aplausos.

E agora, abatido pela doença, sem forças e sem alento para a vida, eu recordo com verdadeiro prazer, esses tempos, já tão distantes, de estudos e sacrificios, coroados quasi sempre — oh! consoladora evocação! — de tantos aplausos, que me redobravam o esforço e enchiam de prazer a minha alma juvenil.

Como já vai longe!

* * *

Havia em Lisboa quatro celebres alfaiates: Keil — pai do grande artista, pintor e musico Alfredo Keil—, Strauss, Catarro, e méu Pai. Os

três primeiros eram nesse tempo, os alfaites dos *dandies* de Lisboa, ao passo que meu Pai era o artista preferido dos oficiais elegantes e aprumados nas irrepreensiveis fardas.

Nasci a 6 de Fevereiro de 1851, na Costa do Castelo. Daí passamos para um quarto andar da Rua dos Fanqueiros, sob o qual estava o estabelecimento de meu Pai.

Foi aí, nessa casa humilde, que nasceram meus irmãos.

Aos 5 ou 6 anos, minha Mãi, depois de me dar uns rudimentos vagos de instrução, e já farta de aturar as minhas garotices, (que eram muitas, confesso), mandou-me para a «mestra».

E, todas as manhãs, lá ia eu de mala a tiracole, pezaroso de não poder ficar na rua a fazer partidas aos que passavam para os seus afazeres. Foi o meu primeiro desgosto!

Depois destes ensinos elementares, fui para um colégio proximo da minha casa, onde tive por companheiros de estudo... e mais que estudo, de diabruras: Augusto Rosa, mais tarde o grande actor do *panache* e da *finura*, Joaquim Costa, mais tarde tambem grande actor no seu género, Joaquim Augusto de Oliveira, depois comerciante, e João Duarte. São estes quatro os que a minha hoje enfraquecida memória gravou mais nitidamente.

* * *

Ao pé de minha casa, havia o Teatro D. Fernando onde hoje é o Largo de Santa Justa.

Aos 8 anos comecei a ir com meu Pai e minha Mãi assistir aos espectáculos.

Brazão aos 14 anos

Lembro-me que nos camarotes de então, havia um «porta-voz» para o botequim donde todos mandavam vir chá, durante os intervalos. E era esse então o meu atractivo pelo Teatro!

Mas em breve o chá passou a segunda plana! O Teatro ia-se arreigando cada vez mais ao meu ser, até que o abracei numa avidez de peregrino num deserto árido e arenoso.

E, com os meus quatro colegas e um rapaz Mendonça, resolvi armar na minha sala um Teatro volante onde representassemos comedias em um acto.

Mas faltava a licença paterna! E então comecei a exibir as minhas qualidades de actor; fui ter com meu Pai que estava trabalhando, e, com olhos ternos e palavras brandas, convenci-o, com toda a astucia que uma criança de nove anos pode ter.

Zangou-se ao principio, protestou, mas passada uma hora, foi ter com minha Mãi que, desde o principio reprovara o meu desejo, e logrou convence-la ao fim de pouco tempo.

A alegria da «troupe» foi indiscritivel. Começamos os nossos preparativos: o pano de boca, o scenario, o estrado, etc., ficando a *mise-en-scene* a cargo do Augusto, por haver mostrado a sua aptidão nos teatrinhos de caixas de charutos, que faziamos no colegio.

Estava tudo preparado para a *première*, e foi tal o sucesso dessa representação, que ao segundo dia tivemos de fazer rifas para que alguem lá fosse.

— Auspiciosa estreia!...

E foi assim que comecei a ter amor a essa arte que tanto me fascinou e de que fui escravo durante cincoenta e tantos anos.

CAPITULO II

ASPIRANTE DE MARINHA

A MINHA PRIMEIRA CONQUISTA
E O BEIJO DA PRINCESA DE SABOYA

Havia muito que me captivára o porte garboso dos imberbes aspirantes de marinha, o seu boné com a corôa real, o seu fato de duas ordens de botões doirados e o seu espadim de punhos tambem doirados.

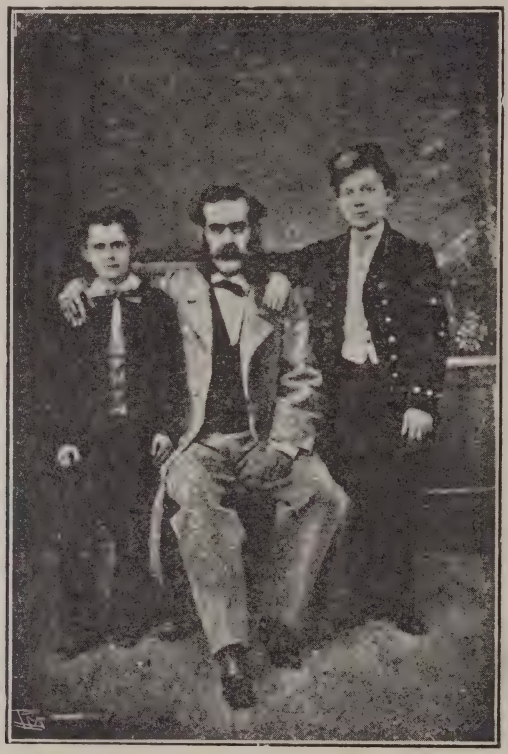
E ao vê-los entrar no estabelecimento de meu Pai, eu passava horas a mira-los de alto a baixo e pensava comigo: «Achei a minha vocação: heide ser aspirante de marinha!»

Este sonho durou uns dois anos, nessa época feliz, em que julgamos a vida um mar de pétalas doiradas, velejando nós em gondola de prata!

Feliz idade, os onze anos; quantas ilusões!

Ao fazê-los, portanto, fui ter com meus

Pais, declarando-lhes que queria seguir a vida de Marinha, ao que êles logo acederam, e,



Brazão aspirante de Marinha com seu Pai e seu irmão

tempo depois, passeava orgulhoso diante dum grande espelho, revendo-me no meu lindo uniforme.

O diploma de Marinha de Eduardo Brazão

* * *

Após a minha entrada para a «Companhia dos Guarda-Marinhas», organizava-se uma esquadrilha para ir a Italia buscar a princesa Maria Pia de Saboya, filha de Victor Manuel, que vinha casar com o nosso Rei D. Luís.

Tendo meu Pai optimas relações com o Visconde Soares Franco, almirante dessa esquadrilha, composta das corvetas *Bartolomeu Dias, Estefania, Sagres* e *Nova Goa,* conseguiu que me encorporassem na oficialidade da *Sagres.*

Levava como soldo três mil réis por mês, uma quantia para comedorias igual à dos oficiais com quem estavamos arranchados e ainda cinco libras para gastarmos nas nossas descidas a terra.

Partimos de Lisboa directamente para Genova.

Lembro-me que a primeira coisa que comprei ao desembarcar foi um grande comboio de corda, que fiz andar, com grande escandalo da oficialidade, pelo tombadilho, o que me causou muitos castigos.

Chegados pois a Génova, formou-se uma deputação para ir a Turim buscar a princesa, que devia embarcar na *Bartolomeu* — navio chefe da expedição.

Encontrando-me em terra com Soares Franco,

preguntou-me êste em que navio estava, respondendo-lhe que na *Sagres*.

—«Convem-me que venhas para a *Bartolomeu,* para que sejas um dos pagens da princesa enquanto durar a viagem».

Deu-me uma carta para o comandante da minha corveta, com ordens de passar para a *Bartolomeu,* o que fiz no mesmo dia, tendo por mentor a bordo o oficial Jaime de Carvalho.

* * *

Uma vez em Génova, acompanhei este oficial a um armazem de sedas. E, enquanto êle fazia as suas compras, reparei que uma rapariguita da minha idade, filha do dono do armazem, olhava com insistencia para mim, ao ver-me tão garboso no meu trage de aspirante. E qual não foi a minha surpreza, quando, à saida, senti a minha mão agarrada, e vi que alguem me entregava um pequeno embrulho com uma gravata como as que usavamos com o fardamento.

Tinha sido... a primeira conquista!

* * *

A princesa chegara acompanhada de seu irmão, o principe Humberto, que seguia a nossa

esquadrilha num vaso de guerra italiano, vindo jantar por vezes à nossa *Bartolomeu*.

Era transportado ou por um escaler do proprio navio ou por um nosso, de quem eu era «patrão».

Aconteceu que, uma das vezes, estando o mar bravissimo, me fizeram deitar no fundo, para não cair com o balanço, ao que o principe Humberto achou imensa graça.

* * *

A história do beijo da princesa que, por várias vezes, tem sido contada em biografias minhas, nunca veio completa e verdadeira.

Ei-la, pois:

Tendo a princesa de Saboya por costume recolher muito tarde, sucedeu que uma noite, estando eu de castigo na ante-camara dos seus aposentos, me puzeram um tamborete de *reps* vermelho, em consequencia dos balanços que a corveta fazia.

Sentei-me de espadim na mão, e pouco tempo depois adormeci.

Só acordei ao ruido da comitiva que chegava; e como já não tivesse tempo de me perfilar, fingi que continuava dormindo.

A Princesa e a Duquesa da Terceira pararam. A filha de Victor Manuel, achando tanta

graça ao pequeno pagem adormecido, fez um sinal, para que não me acordassem, foi dentro e trazendo uma porção de «bon-bons», colocou-mos no colo e deu um beijo nos lindos caracois doirados do pagemzinho que fingia continuar a dormir, recolhendo por fim aos seus aposentos.

Os oficiais que ficaram à espera que a princesa entrasse, aproveitando o meu fingido sono, roubaram-me todos os «bon-bons».

Recolhi ao meu beliche, triste por não encontrar o espadim, que tinha desaparecido.

Mas qual não foi a minha surpreza, quando, no dia seguinte, o general Caula mo entregou, dizendo-me asperamente: «Para a outra vez segure-o com mais cuidado, pois ia matando o meu impedido». O espadim escorregara por uma grelha do sobrado indo cair, felizmente, de punho para baixo, na cara do impedido do general Caula que, estava dormindo beatificamente.

* * *

...E foi aquele beijo da Princeza de Saboia que me veio acompanhando pela vida fora, como *porte-boneur* dos triunfos alcançados.

CAPITULO III

MARINHEIRO OU ACTOR?

A MINHA ESTREIA E OS PRIMEIROS PASSOS NO TEATRO

A vida de Marinha perdera já as seduções, com que havia aparecido á minha imaginação infantil.

Ambicionava alguma coisa de mais emocionante, de mais atraente, ambicionava emfim — ser actor — realizar a minha ideia fixa desde os Teatrinhos da Rua dos Fanqueiros, interrompida por um mero episodio de cinco anos — a marinha.

Ser actor, conseguir fazer vibrar centenas de pessoas que nos ouvem, ser aplaudido, ser victoriado no nosso trabalho conscienciosо, ainda que esses triunfos se transformassem em pateada ruidosa e em chufas humilhantes na peça

seguinte, — eis o supremo ideal dos meus desoito anos!

* * *

Fui ter com meus pais, pesaroso pelo desgosto que lhes ia dar, pois ser actor nesse tempo, era o mesmo que ser boémio.

E na verdade foi grande o desgosto que causei principalmente a minha santa Mãi que julgava ver assim o seu filho perdido no pélago das paixões mais vis e dissolutas.

* * *

Frequentava já ha muito o Teatro, dando-me com diversos actores, como Joaquim Carlos da Gama e Julio Soler, filho da grande actriz Josefa Soler, rival da imorredoira Emilia das Neves, que trabalhavam no Teatro do «Principe Real», estando já no fim da 1.ª época de exploração.

Fui ter com eles e disse-lhes abertamente que queria seguir o Teatro.

Levaram-me ao empresário Cesar de Lima que recusou a minha entrada, alegando que estava no fim da época e que não tinha papeis a dar-me.

Insisti muito, pois grande era a minha von-

tade de entrar para o Teatro, e Cesar de Lima, depois de me censurar por ter deixado em meio uma carreira que poderia ser brilhante, encetando outra tão duvidosa para mim, fez-me a seguinte proposta:

«Nós vamos em «tournée» ao Porto, se quizer dar-lhe-hei dois papeis com a condição de só lhe pagar as passagens!»

Acedi á proposta do meu primeiro empresário e estreei-me no Teatro Baquet do Porto, fazendo um galã nos *Trapeiros de Lisboa* de Leite Bastos, e um criado, numa comédia em um acto, tradução do francês: *Precisa-se dum perceptor.*

Voltei a Lisboa para o Principe Real, onde me demorei poucos meses, tendo por colegas — Margarida Lopes, Emilia Eduarda, que foi mais tarde uma grande actriz cómica, José Carlos da Gama, Julio Soler, dois grandes artistas, e Virginia, que começava então a sua carreira.

* * *

Uma noite, assistindo ao espectaculo Francisco Palha, ex-comissário régio do Teatro de D. Maria II, mandou-me convidar para fazer parte da futura Companhia do Teatro da Trindade que estava em construção, aceitando eu esse convite.

Trabalhavam então os elementos de que ele dispunha no velho Teatro da Rua dos Condes esperando a edificação do novo Teatro.

A' cabeça dessa companhia estavam o grande actor Tasso, José Carlos dos Santos, Joaquim d'Almeida, Leoni Queiroz, Emilia Adelaide, Emilia Letroublon e a grande Delfina que era conhecida pela *avozinha*.

Da Rua dos Condes passaram para o S. Carlos, onde me fui reunir a essa pleiade de grandes artistas que me ampararam nos meus ainda vacilantes passos. Representou-se a *Alva estrela,* de Mendes Leal e a *Cigana*, cujo autor não me ocorre.

Do S. Carlos passou a companhia ao salão de baile do Teatro da Trindade, representando a *Familia Benoiton* de Dumas filho, etc.

Neste improvisado Teatro não cheguei a representar.

* * *

Deu-se pois a abertura da Trindade, entrando mais no nosso elenco o grande actor cómico Isidoro Sabino Ferreira, a actriz Rosa Damasceno que pela primeira vez representava em Lisboa, depois de ter feito varias «tournées» pela provincia, e Taborda, que entrou em diversas peças.

A primeira voz que se ouviu na abertura deste Teatro foi a minha, e as primeiras palmas foram para Isidoro.

Representava-se nessa *premiere* o drama de Ernesto Biester, *A Mãi dos pobres*, em que eu fazia um camponês que vinha, acompanhado da sua noiva, solicitar da Mãi dos pobres licença para se casar, e o *Cherez da Viscondessa*, tradução de Francisco Palha.

Seguiram-se as peças: *Pecadora e Mãi*, *Barba Azul*, *Mocidade do Figaro*, *Alma Viva*, *Barbeiro de Sevilha*, a mágica *Rosa de sete folhas*, *Pupilas do sr. Reitor*, fazendo Taborda de Reitor e eu de Daniel, *O Drama da Rua da Paz*, *Provinciano de Lisboa*, *Os Médicos*, — notavel criação de Taborda — *Tentações do demónio*, *Cozinha, casa de jantar e sala*, *Médico á força* com Taborda, *Conspiração d'Aldeia*, *Familia Benoiton*, etc.

No segundo ano da empreza da Trindade, Palha foi nomeado pelo governo gerente do Teatro D. Maria II, onde se fizeram reprises das peças já mencionadas.

* * *

E foi com a protecção e o auxilio destes grandes actores que fariam honra em qualquer parte do mundo, que eu comecei a ter verda-

deiramente amor á arte que abraçara, tomando o dilema para toda a minha vida, de «trabalhar e só trabalhar», pondo de parte os elogios e os aplausos, as pateadas e as criticas desfavoraveis, e subir sempre com um estudo conscencioso, entre aplausos vibrantes, ou entre a metralha das criticas, a um ponto altaneiro que procurei sempre atingir, sem nunca o poder alcançar.

CAPITULO IV

UMA CARTA DE AUGUSTO DE MELO

NAS TERRAS DE SANTA CRUZ
E NO TEATRO DE D. MARIA II

Tendo meu Pai recebido do grande ensaiador e actor Augusto de Melo, uma carta que é uma admiravel evocação dos tempos passados, não resisto á tentação de a publicar neste desalinhavado livro de Memorias.

Meu caro Brazão:

«Sabendo que teu filho está escrevendo as tuas Memórias, envio-te estes apontamentos, de que talvez te não lembres nitidamente, como recordação da nossa mocidade.

«Aí por 1870 vindo a Portugal Furtado Coelho já celebre no Brazil, representou na Trindade com Emilia

Adelaide a *Morgadinha de Val-Flor,* desempenhando tu o papel de D. Rodrigo — o priminho.

«Agradaste a Furtado, contratando-te êle para o Rio de Janeiro onde fizeste belos papeis na comedia de Scribe *A Calunia,* nas *Pupilas do Sr. Reitor*, na *Dama de King's Charles,* na *Fernanda* de Sardou, na *Pecadora e mãe* e no *Jogo,* de Biester,

«Voltaste para Lisboa em 1871, estando eu no teatro de D. Maria II. (1)

---

(1) Foi nessa ocasião que entre Furtado Coelho e Pinheiro Chagas, se deu a conhecida anedota que reproduzo:

«Como Furtado Coelho se esquivasse ao pagamento dos direitos de autor da «Morgadinha de Val Flor», Pinheiro Chagas foi ter com êle para lhe pagar a divida contraída.

Furtado Coelho, inteligente e muito palavroso, embrulhou de tal forma o assunto que Pinheiro Chagas, a rectidão em pessoa, já farto de o ouvir disse-lhe:

— «Deixemo-nos de discussões, o que desejo é simplesmente o meu dinheiro».

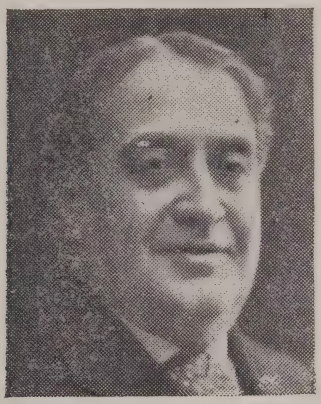
— «Perdão» exclama o empresario fora de si «eu sou um homem honrado, eu sou Furtado Coelho»!

— «Não o meu amigo é o Coelho... o Furtado fui eu».

E retirou-se, sem mais uma palavra, no seu porte fino de «gentleman».

Santos, pediu-me para em seu nome, convidar o joven prometedor artista a ingressar na sua companhia.

«Moravas então em casa de teus pais na Rua dos Fanqueiros logo á entrada, num 4.º andar sobre a Farmacia Pinto.



Augusto de Melo

«Desempenhei-me com felicidade da mensagem, e no dia seguinte o futuro interprete do *Hamlet,* do *Othelo* e do *Kean* assinava o seu contrato com a Empresa Santos & C.ª.

«Nesta temporada de dois anos representaste com agrado da crítica e do

publico, o galã do *Bastardo,* o galã de *Pedro o Ruivo,* o general Foy do *Drama do Povo,* de Pinheiro Chagas, em que fechavas o primeiro acto com grande sucesso :

«Estando em assembleia os oficiais invasores comandados por Junot e os oficiais portuguezes vendidos ao dominio de Napoleão em Portugal, um camponês que era interpretado por Santos, inspirando-se nas belezas da natureza e na vida simples das rudes montanhas, verberava em linguagem chã os vicios dos homens da cidade e a covardia dos poderosos e dos ricos. Ouvindo as palavras patrioticas do montanhez da Serra da Estrela, alguem perguntava : «Quem é este homem ?» ao que Foy responde :—«êste homem... é a revolução !»

«O calôr e a convicção com que tu pronunciavas esta frase, levantava o público todas as noites.

«Representas-te tambem com agrado papeis de comédia na *Camaraderie* de Scribe com o titulo de *Elogio mutuo*, *Janto com minha mãe*, *Um ano em quinze minutos, Audiencia na sala*, *Gostos não se discutem* e principal-

Brazão no «Fura-Vidas»

(Caricatura de Raphael Bordallo Pinheiro)

mente o protagonista da comédia italiana *Uno uomo d'affai,* que foi traduzida sob o titulo de *Fura-vidas.*

Foi tal o teu agrado nesta comédia que mereceu de Bordalo Pinheiro uma graciosa caricatura que obteve grande voga, tornando a peça conhecidissima de tal modo que por vezes ainda hoje, diversos amadores tentam arcar com as dificuldades do papel.

«E aqui tens tudo que me lembra da nossa saudosa mocidade, já lá tão distante, entristecendo-nos recorda-la.

O que nós fomos... e em que nos tornamos».

Do sempre velho amigo
Augusto de Melo

CAPITULO V

ARTISTAS DA MINHA MOCIDADE

Como é grato para mim fazer perpassar na mente esses artistas gloriosos, que tanto admirei, meus Mestres e meus colegas, essa pleiade de tantas notabilidades que se degladiavam em luctas de talento!

Vou relembrar muitos factos veridicos que serão comentados por vós, publico inteligente, se vos interessais ainda por este obreiro da Arte Teatral, que deu a sua vida inteira, a sua mocidade, os seus dotes, bons ou maus, em vosso holocausto.

* * *

Começarei por uma atriz enorme, uma actriz que hoje está esquecida, vivendo apenas na memoria daqueles que tiveram a dita de a aplaudir, de a ver representar.

Refiro-me a Manuela Rey. A sua memoria faz-me recordar o primeiro alvor da minha mocidade, os meus tão longinquos quatorze anos!

E eu já tive quatorze anos!?

Pois dessa idade feliz, sem preocupações de vida, eu recordo-me, ainda que palidamente, da grande actriz que tanto me entusiasmou!

Manuela Rey mulher, completava Manuela Rey artista; o seu gesto, a sua figura, o seu galanteio produziam em nós o *frisson* da celebridade.

Ninguem fala nela, ninguem a conhece!

Como é ingrata a vida do actor!

Desta grande actriz tenho uma recordação interessante, uma recordação, deixai-me dizer... poética!

Na sua trasladação para o jazigo dos actores do Teatro D. Maria, Francisco Palha, então comissário régio, tirou desse colo que fora alabastrino uma pequena medalha de oiro com os doirados cabelos, de Manuela Rey, para a entregar a Delfina do Espirito Santo, que por sua vez ma deixou em testamento.

E eu hoje, como Alexandre Magno guardando a Iliada em cofre de oiro lavrado, tenho essa medalha humilde e de tão gratas recordações, em cofre, não de oiro, mas de rica porcelana rendilhada, como tributo a ti, Manuela Rey, esquecida desta nação que se orgulhou de te em-

balar, e que hoje passa descuidosa ante o teu jazigo, onde um cofre pequenino encerra a tua ossada.

Manuela Rey, se me ouves de alem-tumulo, dir-te-hei que não vale a pena ser grande em Portugal.

* * *

Depois desta grande actriz, nomeada em primeiro logar por ser o mais antigo meteoro do Teatro Portuguez de que me recordo, falarei dos meus primeiros mestres; dum *duo* verdadeiramente sublime, inegualavel em qualquer parte do mundo — Emilia das Neves, a rival da grande Ristori, e Joaquim José Tasso, rival de todas as celebridades!

Antagonista das ideias de Diderot, sentindo o que representava — o unico erro que se lhe pode apontar—chorando de verdadeira comoção, rindo de verdadeiro prazer, trágico insigne, Tasso é uma verdadeira gloria de Portugal, como Talma o é da França e Zaconi da Italia.

Não conheci nem poderia conhecer Talma; conheci Zaconi, o grande tragico Italiano, hoje o maior do mundo. Mas creio que Tasso se tivesse a dita de ser da Pátria de Talma ou da de Zaconi, havia de suplantar os nomes dos dois insignes comediantes.

Taborda, Leoni, Isidoro e Queiroz, tentando fazer rir com os seus esgares o actor Tasso (sentado)

Quantas vezes ao contrascenar com o grande artista eu ficava suspenso a admira-lo, como se admira um Rubens ou um Murillo. Perdia-me no meu papel para só contemplar a figura austera, nobre, insinuante que foi e é ou deve ser a honra maxima deste nosso Teatro a quem ele deu a sua vida, o exuberante talento e o nome inextinguivel!

Foi o unico e verdadeiro interprete do Luiz Fernandes da *Morgadinha de Val-flor;* assombroso no Holofernes da *Judith*, no *Sineiro de S. Paulo*, no Duval da *Dama das Camelias*, no D. Nuno Alvares Pereira do *Alfageme de Santarem* e em tantos outros, marcando sempre, como astro luminoso que era, o seu talento e o seu *panache.*

Mas a par de grande artista, Tasso era o colega mais leal que conheci, ensinando a todos, na ansia de que todos brilhassem.

Quantas vezes sentado no meu camarim, me deu conselhos tão salutares, expondo-me os caracteres dos personagens, o gesto, a dicção... quanto lhe devo!

Lembro-me que, uma vez, estando a ensaiar-se uma peça cujo nome não me ocorre, como não desse energia suficiente ao meu papel, Tasso, furioso, levantou-se do seu logar gritando-me: «Isso não é representar. Não tens sangue nas veis... capilé, capilé é o que tu tens!»

Emilia das Neves

Mas era tudo por amizade, e por interesse sincero.

E ao recordar o grande artista, ha outra figura que brilha com egual fulgor: a grande Emilia das Neves, a rival de Ristori.

Esbelta, linda, insinuante, Emilia das Neves reunia todas as qualidades duma grandissima actriz.

Não houve, não ha, nem creio mesmo que possa haver artista de tanto talento e de tão assombrosos dotes. Emilia das Neves contrascenando com Tasso não era uma maravilha, era um assombro.

As peças eram eles, os outros apenas apagados satélites que gravitavam atraidos pela chama rubra do talento que dimanavam. Bastaria só a entrada da grande atriz na *Joana-a-doida* quando anunciavam a *Rainha,* para a consagrar.

Todos os seus papeis eram criações estupendas: *A Dama das Camelias, Maria Stuart, Joana-a-Doida, Angelo, Judith, Doida de Montmayor, Gladiador de Ravena, Marion Delorme, Adriana Lecouvreur, Medea, Lucrecia Borgia, Patria,* etc., etc.

De genio altivo e inquebrantavel era exigente nos seus contratos, criando por vezes situações dificeis ás empresas.

Os nomes de Emilia das Neves e de Tasso

ficarão gravados na Historia do Teatro Portuguez, como os maiores de todos os tempos.

EMILIA ADELAIDE

Depois de Emilia das Neves, o astro rutilante, a labareda que ateou tantas paixões, pela sua beleza, pelo seu talento, vou falar de Emilia Adelaide, outro astro magnifico, outro astro rutilante.

Emilia Adelaide, foi a criadora inimitavel da *Morgadinha de Val-flor,* da *Julia,* da *Mademoiselle de Belle Isle,* e de tantas outras, sempre grande, sempre *Emilia Adelaide!*

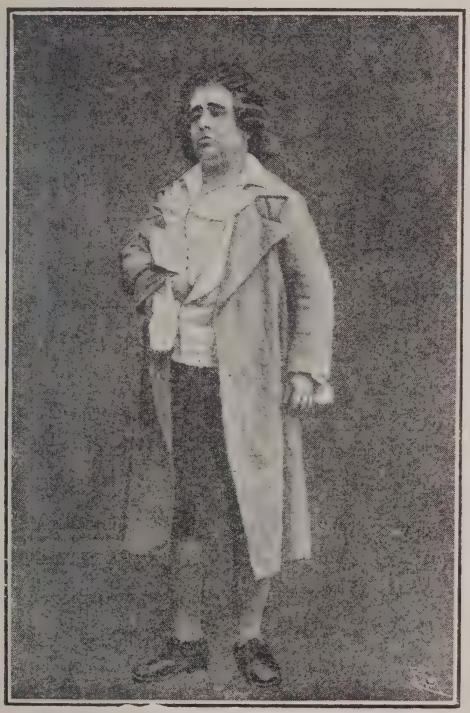
SANTOS

Diz Maximiliano de Lemos:

«Se a Emilio Doux cabe a gloria de ter pela sua acção dirigente levantado a arte dramatica, a Santos se deve a grande transformação porque passou a scena nacional.»

E, na verdade, Santos foi o grande dirigente, o reformador do nosso Teatro, o criador das peças de Dumas, de Sardou, de Feuillet, de George Sand, de Ernesto Biester, de Mendes Leal, de Pinheiro Chagas e de tantos outros

dramaturgos, imprimindo sempre nos seus d versos e inumeros personagens o seu talento e o seu saber.



Santos no Luiz XVI

Introduzindo e ensaiando a Gran-Duquesa de Offenbach, contratando Rossi, o imortal criador de Shakespeare, o Teatro Portuguez deve

ao grande actor a maior parte da sua antiga grandeza.

Rispido e mantenedor da ordem como ensaidor, o Mestre querido de Antonio Pedro, de Emilia Letroublon, e de Virginia, o criador insigne do Luiz XVI, de Maximo Odiot na *Vida dum rapaz pobre* e do Duque d'Aleria no *Marquez de Vilemer,* gravou a sua passagem rapida com a vasta erudição, o grande talento e a enorme inteligencia que possuia, num logar intangivel no Teatro Portuguez.

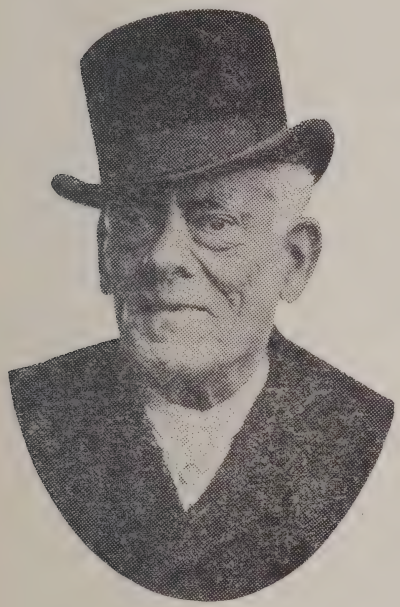
Santos, alem de actor e excelente ensaiador, depois de Tasso é quem tem o nome mais aureolado pela chama do talento, que jamais se apagará da nossa mente.

JOÃO ANASTACIO ROSA E TABORDA

João Anastacio Rosa e Taborda foram dois grandes actores em generos completamente opostos.

Um estupendo nos medonhos *tiranos* das tragedias, que faziam estremecer de medo, com as suas negras barbas e com os seus uivos estridentes, o ingenuo publico de ha quarenta anos; o outro, delicioso na farça, ingenuo e gracioso, simpatico e afavel, que fazia rir esse mesmo publico ingenuo de que falei.

Começarei pelo segundo, esse velhinho tão insinuante que ha poucos anos se apartou da terra para se ajuntar aos da sua geração que já não pertenciam a este mundo infecto e mesquinho. Esse delicioso velhinho de quem Julio Cesar Machado com tanta *verve* escrevia:



Taborda

«Vede como o cortejam, como lhe dão a cada passo um apertado *shake-hands*, como o abraçam, como se sorriem para ele, como chamam pelo seu nome — Adeus Taborda! gritam-lhe uns operarios que saem da fabrica.—Senhor taborda muito boa tarde! dizem-lhe uns burguezes que vão passando.—Meu caro Taborda, como está?... perguntam-lhe no Chiado os elegantes. — Ó Taborda como vaes tu?... gritam-lhe os estudan-

tes da Universidade que estão a ferias em Lisboa. —Olha! aquele é que é o Taborda! diz um saloio a outro apontando-o a dedo no meio da rua».

Como isto é bem certo!

E no entanto a sua enormissima popularidade contrastava com a sua bonomia e a sua humildade.

Lembro-me que quando inaugurei um Teatrinho na minha quinta do Gradil, pedi ao grande artista para o ir estrear, ao que logo acedeu com aquela benevolencia, aquele sorriso de bondade, que tinha para todos, e em especial para os seus colegas.

Preparei logo a sua receção, distribuindo dinheiro a todos os garotos do Gradil e arredores para o aclamarem, dando flores para lhe serem lançadas quando o trem passasse, e comprando molhos de foguetes!

No dia aprazado, meti-me no meu *phaeton* e fui á Malveira esperar o querido Taborda que vinha radiante por poder ser agradavel ao seu velho amigo.

Ao chegar ao Gradil, as girandolas estrelejaram, os foguetes subiam numa vertigem, as flores caiam ininterruptamente das janelas, todo o garotio gritava em volta do trem: «Viva o Sr. Taborda, viva!», e os sinos da minha capela começaram a entoar um hino de saudação a essa reliquia do Teatro Portuguez.

Encostado a um canto do *phaeton,* muito atarantado pela imprevista ovação, Taborda ia-me dizendo com os olhos marejados de lagrimas:

«Oh! Brazão pois V. fez-me isto a mim?»

O meu Teatrinho enchera-se, um grande portal que tinha ao fundo fora aberto e a saloiada apinhada em cachos esperava anciosa ver o «Sr. Taborda»!

O nosso velhinho dissera-me ao jantar: «Oh! Brazão, eu canto-lhes as minhas coisas mesmo sem musica!»

E assim foi; mas o publico ainda não se contentara e de cada vez que Taborda se calava, ao fundo o povo gritava entusiasmado: «Viva o Sr. Taborda!»

Ele saia de scena e dizia-me no seu ar de bondade: «Coitadinhos! Eles querem mais, eu recito-lhes mais outra!», e lá entrava em scena para ser de novo vitoriado pelo povo do Gradil!

E era assim Taborda, adorado por todos, pelo seu talento, pela sua bondade, pelo seu carinho.

Taborda, o criador insigne do *Misantropo,* do *Miguel,* do *Torneiro*, do *Medico á força* e de tantas outras peças; era o enorme artista de quem Emilio Doux, num errado vaticinio, dissera no começo da carreira que era uma nulidade, baixando-lhe o ordenado, que já tinha, de 20 mil

reis, para metade! E o que mais tarde deveria chamar-se o grande Taborda não discutiu: «deixa-lo», disse, «comecei a ganhar 9 mil reis, ainda estou superior!»

Taborda grande amigo, grande alma, não esperes nada do nosso País, nem gratidões, nem recordações afectivas depois da morte; a melhor glorificação é teres merecido o Ceu, que creio bem que o mereceste—: é a melhor recompensa á tua bondade e á tua honradez.

* * *

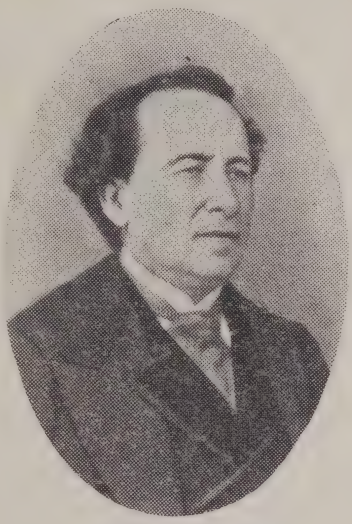
João Anastacio Rosa, pai de João e Augusto Rosa, foi um grande actor do seu tempo, nesse teatro Romantico que creio que tinha por norma que «quem mais berra mais razão tem»; e foi por isso mesmo que Rosa pai, depois de uma meia duzia de *tiranos* (o seu genero preferido), teve de ir para *Cauterets* pois já não tinha voz.

Discipulo querido do grande Emilio Doux, convivendo de perto com a Escola Franceza para onde foi subsidiado pelo governo, amigo do grande Sanson, de uma vastissima ilustração e de grande inteligencia, Rosa pai, foi um artista insigne no seu genero e no seu tempo.

O seu reportorio era inumero e fatigantissimo: *Dalila, Mulheres de Mármore, Fidalgo*

pobre, Morgado de Fafe em Lisboa, Cego, Marquez de La Seigliere, Alfageme de Santarem, Auto de Gil Vicente, etc., etc.

Legando ao Teatro Portuguez dois preciosissimos elementos — os seus dois filhos, Rosa pai foi um dos actores que mais contribuiram para o desenvolvimento da arte dramatica.



João Anastacio Rosa

E o seu caracter e o seu talento desdobraram-se na finura e panache de Augusto, na sizudez e raciocinio de João, e na inteligencia dos dois grandes artistas que tanto enobreceram o Teatro Portuguez.

ANTONIO PEDRO

O escultor pega no martelo e no cinzel e transforma um bloco disforme de rico alabastro, alizando e profundando, raspando e cortando, em Venus de Milo ou em Moisés de Rafael!

Mas se imaginarmos que o escultor marca delevelmente no bronze ou alabastro uns traços rapidos e fugitivos e que a materia prima se vai por si só desenvolvendo e criando, é um assombro, na verdade!

Antonio Pedro pertence a esta divisão.

Inculto como era, tinha apenas a centelha do genio a inflamar-lhe o amago do seu sêr!

Os seus gestos, as suas atitudes, os seus detalhes eram espontaneos, não calculando mesmo o efeito que poderiam causar no publico que o idolatrava.

E, depois dessas scenas inegualaveis, ao abraçarem-no, dizia sempre na sua modestia e na sua bonomia:

— «Que querem vocês, adregou de calhar!

Era assim Antonio Pedro, esse grande actor, assombroso quer no coveiro do *Hamlet*, quer no *Paralitico,* ou no *Saltimbanco*.

Amante do rosado nectar de Falerro, boémio e mesmo desleixado, Antonio Pedro passou veloz, irradiando luz no vasto firmamento do nosso Teatro.

E, na verdade, ele foi grande para que o seu nome ainda prevaleça na boca de Portugal, tão esquecido dos que o honraram.

Antonio Pedro

* * *

Com dois episodios da sua vida pode-se delinear o caracter do grande actor! — Ei-los:

Santos, o rispido ensaiador do D. Maria, sabendo da predilecção do nosso heroi pelo suco doirado (ou mesmo tinto) da uva, tinha proibido a entrada de alcoois no Teatro; e para maior segurança, pedira a Antonio Pedro para se arranjar no seu camarim, ao que o nosso artista acedeu sem um protesto.

E daí em diante, com grande espanto nosso, viamos que Antonio Pedro tomava chá a todas as horas.

Santos, triunfante ao vê-lo de chavena na boca, dava-lhe duas palmadinhas nos ombros dizendo:

— «Então, Antonio Pedro, é para suprir o vinhinho, hein?»

E contava triunfante aos colegas a sua grande influencia no caracter submisso do nosso grande actor.

Uma noite, estando nos bastidores a conversar os dois artistas, à espera das suas deixas, Santos reparando no alfaiate de Antonio Pedro que permanecia hirto por detraz do seu amo de bule e chavena na mão, e como tivesse a garganta seca, chamou,—«Oh Manuel dá cá um golo de chá que o sr. Antonio Pedro dá licença».

O nosso actor ficou muito pálido e ia a esgueirar-se, quando Santos ao beber o chá, cuspio-o, furioso, pois tinha engulido, sem saber, chá... de parreira.

— «Oh seu patife, então V. andava-me a intrujar?»

E Antonio Pedro, com ar de grande santidade, respondeu:

— «Pois o Sr. Santos não gostou? Olhe que não é nada mau: é do carvoeiro aqui do lado!»

Santos ia a investir contra o pobre boémio quando o contra-regra lhe veio dizer aflicto que estava a faltar á scena.

E Antonio Pedro aproveitando o tempo escurripichou o final do bule.

* * *

Um dia, como já nos massassemos de fornecer a caracterização ao nosso actor, resolvemos fazer greve.

E, á noite, quando o alfaiate de Antonio Pedro, como de costume, vinha de dedo estendido para o bezuntarmos com o ingrediente que ele mandava pedir, e por seu turno o alfaiate lho esfregar na cara, essa noite, como disse, ninguem lhe deu nada.

No final do 1.º acto apareceu-nos furioso declarando que nada precisava de nós, e confe-

renciando com o actor Gil o seu companheiro de boémia, no intuito de fazer contas aos seus fundos, viram que estavam reduzidos a 70 reis, e foram comprar 7 pinceis de caracterisação de 10 reis cada um. E na noite seguinte Antonio Pedro entrava triunfante no meu camarim!

— «Fica sabendo que já não preciso das tuas esmolas, vê: só pinceis comprei sete. Olha lá tu queres algum?

— «Pois sim, deixa ficar».

— «Então has-de deixar-me tirar um bocado de carmim».

E assim fez a todos os colegas, ficando com fornecimento de caracterisação.

Pobre Antonio Pedro, quantas saudades, ao lembrar o teu ultimo abraço, pouco tempo antes de morrer, quando te foste despedir dos teus colegas!

Contigo morreu o *Paralitico,* o *Bebé,* o coveiro do *Hamlet,* o *Saltimbanco,* o velho fidalgo dos *Solteirões,* o De profundis do *Sargento Mór de Vilar*, e tantas outras personagens em que eras magistral, em que eras inimitavel.

A lacuna que deixou Antonio Pedro é irreparavel; sirva-lhe ao menos de linitivo já que neste ingrato País não o teve, que ainda é lembrado e pronunciado o seu nome em Portugal com carinho e com a profunda admiração a que tem jus.

ISIDORO SABINO FERREIRA

Isidoro foi um dos primeiros actores do seu tempo, quer na farça, como no drama.

De casta humilde, começou a sua vida como tecelão, conseguindo com o seu esforço, e com o talento que já crepitava, no intimo do seu ser, marcar indelevelmente a sua passagem no Teatro Portuguez, como uma das mais brilhantes.

CAPITULO VI

NO GIMNASIO

A MASCARA DO ACTOR E AS MINHAS UNICAS DIVIDAS

Do D. Maria II passei ao velho Gimnasio, onde trabalhavam Cesar Polla, Joaquim de Almeida, Leopoldo Carvalho, Marcelino Franco, Maria das Dores, mais tarde Maria das Dores Polla, Emilia dos Anjos, que casou depois com Antonio Enes, Jesuina Marques, excelente caracteristica, Beatriz Rente, etc.

Foi propriamente neste Teatro e com as peças *Hygh-Life* e *Engeitados* que pude transpor a primeira barreira, a mais perigosa e dificil da vida Teatral.

Recordo-me nitidamente que num dos ensaios da peça de Antonio Enes, os *Engeitados,* caí sobre uma cadeira a chorar como uma criança,

Os Engeitados

(Caricatura de Raphael Bordallo Pinheiro)

dizendo que me era impossivel arcar com as grandes dificuldades do papel.

Antonio Enes e os meus camaradas animaram-me, instaram comigo para que o não deixasse. Então reagi, passei noites em claro, a estudar, a internar-me bem na psicologia do personagem; e com o meu estudo e a minha enorme vontade, consegui dar um passo mais largo e descobrir novos horizontes na vida que abraçara.

Agradei: o publico e a imprensa aplaudiram-me. No seu jornal, Pinheiro Chagas escrevia:

«Foi uma noite de entusiasmo... Antonio Enes manifestava a sua explendida vocação dramática numa peça notabilissima, o Sr. Brazão subiu de um pulo ás eminencias da arte, e colocava-se pelo modo como desempenhou uma scena, ao lado dos nossos primeiros actores».

Seguiram-se as peças *Como se conhece o vilão, Pai Pródigo* por Cesar Polla, *Suzana, A Cristã, Leque da Duqueza,* e *Não falta nem sobeja nada a minha mulher.*

* * *

Teatro, teatro! Quantas vezes me custou a suportar a tua pesada canga!

E ao rever o meu passado de tão diversos

matises, encontro um ponto negro que se não dilui pelos brancos tons dos aplausos.

Iam já em grande numero as recitas dos *Engeitados*.

Minha Mãe, essa bemdita Mãe que eu adorava, tinha adoecido; a sua doença progredia assustadoramente; e uma tarde — oh! tarde angustiosa! — a sua alma foi para junto de Deus e o seu corpo ficou inerte e mudo.

Encostado á sua cama, eu chorei lagrimas amargas, como um filho pode chorar por uma Mãe.

E á noite, enquanto os meus irmãos velavam o seu corpo inanimado, eu ia divertir o público que tinha pago o seu bilhete, e que indiferente aos sentimentos dum coração de filho, ia aplaudir ou patear o trabalho angustioso do artista que perdera sua Mãe.

E no camarim, á froixa luz dum bico de gaz, quantas lágrimas amargas eu chorei! E esse gargalhar convulsivo do *Ridi pagliaccio,* fez-me estremecer as entranhas. Ri actor vai divertir o publico que te espera, não te importes com o destino! Morreu tua Mãe? — Que importa?! Vai cumprir o teu dever!

E, com as lagrimas a entrecortar-me a voz, entrei á minha *deixa,* e representei o meu papel.

Oh! publico, se tu soubesses quantas vezes, quando te ris das nossas galhofas o que vai cá

dentro, o pélago que se desenvolve na misera natureza do actor!

Se nos pudesses tirar a mascara, quanto te compadecerias, publico! Chorarias tambem como nós, rindo e gritando *Ridi pagliaccio*...

* * *

Morrera meu Pai e, por ultimo, minha Mãe.

E eu, como filho mais velho, tinha agora de trabalhar mais do que nunca, para poder sustentar os meus seis irmãos.

Mas por mais que me esforçasse e restringisse todas as minhas despezas, o meu misero ordenado de 30 mil reis a nada nos chegava.

Tive então de recorrer aos meus amigos: e, num breve espaço de tempo, as minhas dividas orçavam a uns quatro contos!

Trabalhei ainda mais, e no regresso de uma viagem ao Brasil, tive a alegria de depôr esses quatro contos nas mãos de Francisco Palha, o amigo leal e dedicado da minha mocidade.

E, ao voltar á minha humilde casa, deitei-me sobre a cama, e, num suspiro fundo de alegria inexprimivel, eu pude dizer baixinho: «não devo nada a ninguem!»

CAPITULO VII

A MINHA PRIMEIRA BIOGRAFIA POR GERVASIO LOBATO

Lembro-me com saudade da minha grande alegria ao ler no *Contemporaneo*, revista dirigida por Gervasio Lobato, Pedro Vidoeira, Salvador Marques e Sousa Bastos, a minha primeira biografia feita pelo inolvidavel psicologo da *Lisboa em camisa* e inverosimil mas engraçadissimo dramaturgo do *Comissario de Policia*.

Era a primeira vez que alguem de subido valor literario se ocupava de mim mais demoradamente.

Foi deveras consolador, recordo-me, ler essas linhas tão cativantes para um rapaz de vinte anos, tão consoladoras para o actor.

Permiti-me, pois, caros leitores, que as transcreva na integra, pois ainda me é consolador reler o que me inebriou aos vinte anos.

EDUARDO BRAZÃO

Dizia Baron o enfatuado amante de la Molière, que o actor devia ser embalado no regaço das rainhas. Brazão não teve esse berço, mas teve todavia ao alvorecer da vida, o osculo d'uma rainha. Foi talvez n'esse beijo, que uma real creança que ia sentar-se num throno, depoz angelicamente na fronte do pequeno aspirante que dormia candidamente no posto de honra á entrada do camarote real, que a inspiração desceu sobre aquella infantil cabeça, que a ambição de reinar se gerou naquelle coração juvenil. Brazão, das faixas infantis, saido apenas adormecera quando a bordo, fazia a sua sentinella á porta da camara da rainha; ao sentir o rugido de vestidos que se aproximavam acordou sobresaltado. Era tarde já para tomar *a pose* official de sentinella. Tornou a fechar os olhos e deixou ao acaso esse Deus querido das creanças e dos poetas, o resultado da falta de cumprimento dos seus serios deveres de guarda. A rainha passou, sorriu ao ver a innocencia descuidosa com que a creança se esquecera da gravidade da sua missão, e deixou cair sobre o adormecido um beijo dos labios virginaes, ao mesmo tempo que a regia mão lhe depunha sobre o collo um punhado de *bons-bons*. A criança abriu então os olhos, e da passagem da rainha como da passagem de uma fada benefica, ficara o doce perfume dum beijo e a alegre companhia duns papelinhos multicores que são o enlevo das creanças. A que ia ser rainha osculou aquelle, que estará talvez fadado, quem sabe,

a ter a realeza da scena. E não conheço coisas que mais se pareçam que estas duas realezas. Ambas ellas, dependentes das multidões que tão depressa as coroam como as apedrejam; ambas sempre vacillantes sobre o seu throno, tão depressa gloriosas como abatidas, tão depressa radiantes do mais vivo explendor, como escondidas nas trevas amplas do tumulo, ambas representando o seu papel, uma sobre o throno que muitas vezes é patibulo, a outra sobre o palco que muitas vezes é altar e deixando apoz de si apenas uma data e um nome.

E deve ser glorioso o nome que Brazão legar á historia.

Chegou e venceu. São assim os talentos. Em dois passos caminham mais que os outros em cem. Os seus vôos são vôos de aguia.

Ainda hontem appareciam hesitantes entre a turba dos estreiantes, já hoje se erguem a alturas onde o vulgar não chega. São astros que irradiam de luz propria. Não lhes dá nomeada, a protecção do publico, a favor dos mestres, ou as precarias circumstancias do meio artistico; eleva-os o talento, glorifica-os o estudo.

Não se estonteiam com o estrondear das palmas, nem com as *avalanches* de bouquets. Os fumos da victoria não os embriaga, fortalece-os.

Pode-se, por isso, fallar desassombradamente d'elles: sem medo de os estragar com louvores, nem incita-los com censuras. A verdade fez-se para o talento. A lisonja para as nullidades.

Brazão não é ainda um actor completo. E felizes

d'aquelles de quem pode dizer-se, ainda não são. E' porque hão-de vir a sel-o, e estão no alvorecer da gloria. Os accasos são tristeza. Tem a melancolia do despedir. As auroras, não. São alegres como o riso fresco das creanças. Teem o encanto mysterioso do promettimento, o perfume suavissimo da flor quê começa a desabrochar. Não ha no theatro portuguez, aurora mais risonha, alvorecer mais rico em promettimentos do que o de Brazão. E' uma esperança que principia já a ser uma realidade. Promette immenso, e é já muito. Estrella que mal começa o seu gyro, que ha apenas dias surgiu no horisonte, poucas ha que com ella possam competir em brilho. Vem isto um pouco da solidão do nosso ceu artistico; muito, da luz vigorosa d'aquelle talento brilhante. Nós agora é que começamos a viver para a Arte.

A convenção esterilisou-nos muitos talentos; o mau gosto litterario, a falta de senso critico inutilisou muitas vocações. Muitos dos nossos actores não sabem, e outros sabem mal o que é peior ainda. Antes a ausencia da arte, que a errada interpretação d'ella. Preferimos o ignorante ao charlatão. Aquelle é como o pedaço de granito d'onde o cinsel habil do artista pode fazer a estatua: este é a estatua defeituosa e rachitica, rebelde a todo o aperfeiçoamento.

A arte moderna quer valentes luctadores; espiritos sadios e fortes, intelligencias vigorosas e virgens. Os talentos extraviados pelas doutrinas caducas d'uma escola que passou, são impotentes para lhe arrancarem o seu segredo. A arte é amante zelosa que não admitte rivaes.

Quem a quizer possuir entregue-se-lhe todo, de coração e de vontade.

O ecletismo, esse vicio de todos os systemas é inadmissivel na arte. A arte nova é a verdade, e a verdade é a negação do preconceito, da convenção, das regras methodicas, uniformes e pautadas da antiga escola.

Como da tunica de Nessus, o actor que um dia se envolveu na têa urdida pelas theorias falsas e ôcas d'uma esthetica contraria a todos os principios da logica e do realismo, não pode d'ella tirar-se sem lá deixar a porção mais preciosa da sua intelligencia e da sua organização artistica, a sua malleabilidade e livre concepção, a consciencia sã e robusta, que devem presidir ao estudo profundo da natureza humana. Santos é o exemplo mais completo que temos do que deve ser o actor moderno; e não vem aqui fóra de proposito escrevermos o nome d'elle; pois se em questão de arte o nome d'elle é sempre o primeiro, ao fallarmos da nova pleiade de artistas que cheios de talento, de mocidade, e de boa vontade se aventuram nos mares por vezes procelosos da scena, como Virginia, Antonio Pedro, Brazão, encontramos sempre o nosso grande actor, dirigindo-os nos seus estudos, guiando-os com o seu talento, pondo ao serviço d'elles todos os segredos que á arte teem arrancado o seu talento pela sua consciencia pratica, e seu aturado estudo, animando-os com o applauso e o exemplo, estendendo-lhes das alturas luminosas, onde já lhe sorri a gloria, mão vigorosa com que arremessou para longe as tradicções banaes da velha escola, e empunhou o sceptro indisputavel da scena portugueza.

Brazão não o imita servilmente, não lhe macaqueia o gesto, nem parodia as inflexões. Não o estuda, nem mesmo o estudou quando começava a dar os primeiros passos em scena. Dos seus conselhos aproveita a boa lição; na sua sabia direcção emendou as incorrecções e aperfeiçoou os trabalhos filhos do estudo e concepção propria. Utilisou-o como mestre e não como modelo, o que é o elogio de ambos.

Tem Brazão uma curta vida scenica; mas nestes ultimos dois anos teem sido tão rapidos e notaveis os seus progressos, que fizeram convergir sobre ele as attenções e os applausos.

A naturalidade, a distincção, a elegancia e o espirito do seu jogo scenico collocaram-no no primeiro plano do theatro, onde ha pouco entrava pela porta dos principiantes, e é facil de prever o futuro glorioso que espera, quem ao entrar na vida theatral sobe logo, levado por talento e estudo pouco vulgares, ao logar brilhante e honroso que hoje occupa.

Não ha que recear, que vocação tão explendida se estiole pela indolencia ou pela vaidade. — Não é para estacionar a intelligencia de Brazão, nem a vontade de progredir, e o amor da gloria que o anima; e ainda mesmo que não tivesse nos applausos, como tem, poderoso estimulo a novas conquistas, encontraria na consciencia do seu elevado merito e no acrisolado amor da arte, incitamento das luctas quotidianas do proscenio, que o hão de levar á gloria para onde o impelle o seu notavel talento.

Poderia citar os melhores papeis, do festejado artista como o *Elogio mutuo*, *Fura Vidas*, *Ano em 15 minutos*, *Gostos não se discutem*, *Sr. Affonso*, *Abysmo* e muitos outros que tanto o distinguiram, se não reservasse para breve o prazer grato de escrever mais largamente a biographia deste excellente artista que tanto presamos como actor, quanto estimamos como amigo.

Hoje apresentamos apenas o retrato d'esse moço cheio de talento, de boa vontade e de esperança, que é já um artista apreciavel, e que em breve será uma celebridade artistica.

Gervasio Lobato

CAPITULO IX

ENSAIADORES E INTERPRETES

DOIS EPISODIOS — UM HOMEM ILUSTRE E DESGRAÇADO — METICULOSIDADE E GRATIDÃO

Um amigo de Teatro, moço e entusiasta, perguntou-me se os ensaiadores da minha mocidade eram meticulosos e exigentes. Respondi-lhe que sim, e que os mais ilustres, o dr. Luís da Costa Pereira, homem de sciencia e desgraçado e José Carlos dos Santos, um actor de relevantes méritos, levaram a sua meticulosidade a extremos desvelados de paciencia. É que havia então a indispensavel disciplina de palco, evidenciada não só no exercicio quasi religioso da profissão, na pontualidade em se comparecer aos ensaios, na atenção prestada ás indicações e ensinamentos, como na observancia do principio das hierarquias, isto é, das situações conquistadas.

Havia devoção e respeito. E a minha memória recordou dois episodios para a demonstração da tese apresentada.

Este por exemplo: ensaiava-se no teatro de D. Maria II, uma peça em que figuravam Tasso, Santos *Pitorra* e, numa eventual cooperação, o Taborda. Dirigia os ensaios Costa Pereira e a rubrica da peça impunha a entrada, simultanea, em scena, dos personagens que aqueles três notaveis artistas interpretavam. Cada um dêles deveria, pela atitude ou pela intencionalidade das frases de inicio proferidas, crear desde logo o ambiente proprio para o gradual desenvolvimento da acção.

Mas os três grandes artistas, não davam no decorrer da prova, a imediata impressão exigida.

O ensaiador explicava, com todos os pormenores e numa improvisada e lucida erudição, o lance a sugerir. Hesitação, por vezes, de um dos interpretes, precipitação, por vezes, dos outros dois, e, a solicitude carinhosa de Costa Pereira fazia com que renovassem o seu repetido ponto de vista, que marcassem melhor a entrada, num mais perfeito movimento de conjunto.

— «Não, não sr. Tasso, assim não... vamos lá outra vez...»

E não havia fadiga que o vencesse, como

não havia mau-humor da parte dos interpretes, mau-humor acaso oculto, num encolher desdenhoso de ombros, num comentario aspero, mordido entre dentes, ou uma fugitiva expressão tedienta de um olhar.

Ensaiador e artistas trabalhavam afincadamente para o fim comum a atingir — a maxima perfectibilidade na representação, na qual intervinham então, actores dos mais ilustres do nosso teatro, de talento consagrado, de justo e incontroverso renome.

E a hora do ensaio prosseguiu com a repetição da mesma scena, fundamental para o exito das restantes, sob a sempre renovada indicação do mestre e do amigo.

Numa dada altura, como a entrada não estivesse ainda certa, apezar do esforço de todos, Costa Pereira explicou:

— «Como o sr. Taborda é visita, faça-me o favor de se sentar ali (e apontava-lhe uma cadeira vasia em scena) enquanto aqueles seus colegas afinam melhór a entrada...»

E assim se fez, sem protestos, sem impaciencias, sem enfado sequer.

* * *

De outra vez era ensaiador esse tão interessante artista que foi José Carlos Santos.

Marcada uma das situações do *Paralitico,* em que eu contrascenava com Antonio Pedro, o lance não resultara, no decorrer dos primeiros ensaios, perfeito, como Santos *Pitorra* desejava que fosse.

Persistente e afectuosa a coadjuvação do ensaiador, explicando; atenta e desvelada a atenção dos interpretes, realizando.

Os valores dramaticos da scena, iam assim surgindo lentamente na sua revelação histrionica.

Mas Santos *Pitorra* queria melhor ainda e esse paciente trabalho de aprimorar a situação, foi-se fazendo com crescente interesse de nós todos que, de facto, viamos, através da boa vontade dispendida, que os conselhos eram justos e a lição proveitosa.

Longas manhãs (os ensaios no meu tempo começavam cedo) levamos a compor, a definir, a ligar a scena que veio a desfechar em brilhante da parte do meu *partenaire.*

Eram assim os ensaiadores e os artistas da minha mocidade.

* * *

Outros ensaiadores havia então ainda, como José Romano Torres e Romão Antonio Martins que não sendo ilustres como aqueles a que

atraz aludo, dedicavam, todavia, ao exercicio da profissão a mesma meticulosidade, recebendo dos artistas que, sob a sua direcção acciona-vam, amizade e acolhimento identicos.

CAPITULO VIII

EM PERNAMBUCO E NO RIO COM JOAQUIM DE ALMEIDA

Em fins de Setembro de 76 fui convidado a ir a Pernambuco com Joaquim de Almeida representar na Companhia da grande actriz brasileira Isménia dos Santos.

Estreamo-nos com a peça os *Engeitados,* de Antonio Enes, que já em Lisboa tinha feito grande sucesso, seguindo-se a *Morgadinha de Val-flor, O suplicio duma Mulher* e a *Timidez de Cornélio Guerra.*

De Pernambuco fomos para o Rio de Janeiro, onde trabalhamos na empresa de José Antonio do Vale.

Era a segunda vez que ía ao Brasil, sendo recebido com grande carinho pela parte do público e da imprensa.

O folhetim da *Gazeta de Noticias,* de 14 de Outubro de 1876, diz dos *Engeitados:*

O primeiro personagem do drama, Antonio, foi interpretado pelo actor Brazão.

Ha cinco ou seis anos estreou-se entre nós este ar-

Brazão e Joaquim de Almeida despedindo-se do Brasil

(Caricatura de Raphael Bordallo Pinheiro)

tista. Era então uma esperança que se realizou. Aproveitando os recursos naturais de que dispunha, o actor Brazão é já um artista bastante superior.

E assim todos os jornais foram unanimes em elogiar os meus primeiros passos: e foi esta carinhosa generosidade com que sempre me acolheu o nobre povo brasileiro, que veio despertar em mim um profundo amor pela patria de João Caetano, pela gloriosa patria nossa irmã!

CAPITULO X

A EMPRESA-BIESTER, BRAZÃO & C.ª NO TEATRO D. MARIA II

Tendo a empresa Santos & C.ª terminado o seu contracto, foi o Teatro de D. Maria II posto a concurso, exigindo o governo que na firma da nova empresa figurasse o nome dum artista.

Ernesto Biester, o dramaturgo do *Jogo* e da *Mocidade de D. João V,* pedira-me para dar o meu nome á nova empresa que se ficou chamando — *Biester, Brazão & C.ª*.

Estreei-me a 14 de Março de 1877 no beneficio de Emilia das Neves, com a peça *D. Leonor de Bragança,* de Luís de Campos, já representada no palacio dos Condes de Lumiares onde teve grande sucesso; seguiram-se — *Varina* de Fernando Caldeira, em beneficio de Virginia, e *Loucura ou Santidade,* em beneficio meu. Desta minha récita ficou-me uma re-

cordação grata e honrosa: — os versos que vou transcrever, e que me desvaneceram profundamente por terem saido da pena dum dos maiores vultos da poesia contemporanea -- Antonio Macedo Papança, Conde de Monsaraz, o mavioso cantor da *Musa Alentejana:*

AO ACTOR EDUARDO BRAZÃO

Em tempos que vão distantes
Quando os principes de raça
Voltavam ébrios da caça
Nos seus cavalos possantes.

Ou quando após as metralhas,
Altivos como pavões,
Regressavam das batalhas
A' frente dos esquadrões.

Era uma gloria espantosa,
Ao desfilarem nas ruas
As soberbas equipagens,
Onde ao pé de qualquer Fuas,
Sorria a face garbosa
Imberbe e loira dos pagens.

Como coisas transitorias,
Foram passando essas glorias,
Esses costumes, e agora
Triunfam por toda a parte,
Em robusta florescencia,
Os reis austeros da sciencia
E os reis formosos da arte.

.....
.....
Principe, a sua realeza
E' legitima; por isso,
Curvado, e muito submisso,
Eu saúdo vossa alteza.

Seguiram-se *Um drama novo, Rosalino* e os *Fidalgos da Casa Mourisca,* em beneficio de Pinto de Campos.

Quando este meu colega e velho amigo quiz levar o arreglo de Carlos Borges do delicioso romance campesino de Gomes Coelho, julguei que me dessem um dos rapazes; mas o meu espanto foi enorme quando me vieram entregar, a mim, rapaz de 27 anos, o septuagenário D. Luís.

A mocidade revoltou-se contra o ultrage que havia sofrido: mas as muitas instancias do be-

neficiado levaram-me a transigir, aceitando o papel que me ofereciam, sob a condição de Pinto de Campos—optimo caracterisador—me transportar aos 70 anos.

E com efeito o D. Luís agradou apesar da juventude que lhe corria nas veias.

O folhetim do «*Jornal da Noite*» de 28 de Junho de 1878 dizia a meu respeito:

«Brazão fazia o papel do fidalgo D. Luís, pai de Jorge e de Mauricio, e foi inteiramente correcto do principio ao fim. A firmeza com que se manteve na atitude criada pelo romancista e a habilidade com que na lucta entre os preconceitos da raça e a bondade de alma se foi deixando vencer pelos bons sentimentos, sem parecer inverosimil a transição, não podem ser excedidas.

Na scena em que para sustentar o respeito devido a Berta foi detraz do leito onde lhe morrera a filha querida, e castiga com repreensão severa a criminosa audácia do filho e dos parentes, mereceu bem os aplausos com que o galardoaram».

E Pinto de Campos, radiante da sua ideia, abraçou-me com ternura dizendo:

—«Então valeu ou não valeu a pena!?»

O que mal sabia eu é que ainda viria a fazer o velho fidalgo, já não com o sangue novo a fervilhar nas veias ou com a cara lisa sob as alvas barbas, mas com o sangue tambem

de septuagenário e com as mesmas rugas de D. Luís. (1)

Seguiram-se as peças—*Familia Americana, Duqueza de Caminha, O Bobo* extraído do romance histórico do grande Herculano e o *Dote de Margarida.*

Sempre fui um aventureiro em Teatro; o que foi senão uma aventura (mas estudada, é preciso dize-lo) a representação do *Othelo,* a criação inimitavel de Rossi?; o que foi senão uma aventura a interpretação do *Hamlet?;* e o que foi senão uma aventura de 28 anos sequiosos de gloria e de triunfos, a interpretação de *Kean,* nesta segunda época de exploração da empresa Biester, Brazão & C.ª?

Kean, essa peça verdadeiramente extraordinaria em que Dumas, percorre todos os géneros Teatrais, desde a farça até á tragedia; desde a finura e galanteio do celebre actor Inglez na Embaixada Dinamarqueza, até á grosseria do marujo na taberna, *Kean,* feita expressamente para mostrar ás plateias francezas de que quilate era o talento inexcedivel de Lemaitre, é a peça mais divergente, mais desigual, mais dificil de representar que conheço.

---

(1) Refiro-me á representação feita no Teatro Apolo em 1923 dos *Fidalgos da Casa Mourisca* na Companhia de José Ricardo.

Dir-me-eis, pois, agora, caros leitores, se não foi ousadia de um rapaz de 28 anos inter-

Brazão no *Kean*

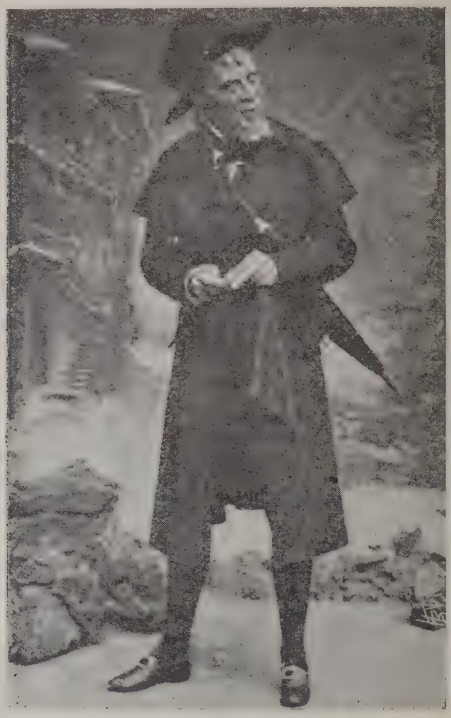
pretar a criação sublime de Lemaitre, o assombroso trabalho de Alexandre Dumas !?

Mas Deus guiava-me como sempre, e o *Kean* não deixou de ser representado uma só epoca e ainda ha pouco tempo, quando uma peça caía ou uma empresa estava a desmoronar-se, vinham buscar o velho actor para o representar.

O folhetim da «Revolução de Setembro» de 1878 dizia:

«Não faço confrontos, não estabeleço precedentes, que é esse o principal achaque e a deploravel preversão da nossa criticasinha... de soalheiro! Não quero saber se o actor Rossi interpretou tal ou tal scena do *Kean*, desta ou daquela maneira. Não julgo nem critico segundo os processos vulgares; o que sei, o que desassombradamente confesso, é que Brazão me comoveu profundamente; o que sei é que o vulto aventuroso de «Kean» apareceu a meus olhos tal qual o fantasiava revestido com todos os prestigios, e seductor de todas as fascinações; o que sei é que ninguem representaria melhor aquela perigosa scena que esboça o final de uma orgia do 2.º acto; e que o celebre monologo do *Hamlet*, que começa: «*To be or not to be, that is the question*», escolho de tantos actores, e que impõe á voz, ao gesto, á inflexão, á fisionomia e á *pose*, um sem numero de exigencias qual a mais dificil, foi recitado maravilhosamente por maneira a cobrir de gloria o actor portuguez, cujo talento brilhantissimo é motivo de jubilo e orgulho para nós».

Ao *Kean* seguiram-se as peças: *Oração dos naufragos*, *Angelo tirano de Padua*, *Morgadi-*



Brazão no *Amigo Fritz*

nha dos Canaviais, Os Danicheff, Morta-Viva, Vida infernal e o *Amigo Fritz*.

No terceiro ano de exploração representa-

Brazão no *Hernani*

mos os *Casamentos bastardos, Viagem duma carta, Os Engeitados*, e o celebre drama de Victor Hugo — *Hernani* — em que fui censurado dura e justamente pelos criticos da epoca.

Ainda não tinha folego, ainda não tinha ternura, e folego e ternura ao mesmo tempo, o que é mais dificil, para o desempenho do sublime tipo do bandido das montanhas de Aragão, que Hugo traçou com a sua pena possante.

O *Jornal do Comercio* de 26 de Abril de 1879 dizia:

«Brazão, seduzido pelo que vira na sua recente viagem a Paris, entendeu que tambem entre nós se podia realizar com exito o que em Paris se efectua com geral entusiasmo num Teatro onde representa Sarah Bernard. Infelizmente, Brazão enganou-se; e a certeza que ele só agora pôde adquirir já um grande vulto do Teatro portuguez — Santos — tinha previsto na sua sabia apreciação das coisas.

e o *Diario da Manhã:*

Brazão iludiu-se completamente com o papel de «Hernani», ilusão que explica o tel-o escolhido voluntariamente para seu beneficio. Tem um belo talento,

Brazão, tem um explendido futuro, mas «Hernani» não se alimenta de futuros quer esplendidos presentes.

Tem muita vontade de caminhar este distinto actor e ro desempenho do *Hernani* ha a aplaudir-lhe a sua nobre ambição, o seu heroico esforço, embora esse esforço não fosse coroado do exito que ele esperava e que nós desejavamos.

Mas nem por isso o meu animo fraquejou; pelo contrario, continuei a trabalhar com mais energia, com mais vigor, para que os criticos que justamente me tinham censurado, nas peças seguintes nada me tivessem a dizer.

Seguiram-se as peças: *Cora ou Escravatura*, *Morgadinha de Val-flor*, *Coq-hardy* e *Dora*.

No ano seguinte (1880) — *Segredo de Miss Aurora*, *Duas damas*, *Maria Joana*, *Heroi do Chiado*, *Mantilha de Renda* e *Burgueses de Pontarcy*.

E assim terminou a Empresa Biester, Brazão & C.ª.

CAPITULO XI

EM PERNAMBUCO, PARÁ E MARANHÃO

O SUPLICIO DUM ACTOR

Em Junho de 79 fui convidado para ir representar ao Brasil, numa companhia de Pernambuco.

Levei como bagagem artistica o *Kean* já representado em Lisboa com grande exito, *Os Fidalgos da Casa Mourisca* e a *Morgadinha de Val-flor*.

Fui recebido nas trez cidades brasileiras com o maior carinho e entusiasmo; mas onde o publico me mostrou mais claramente a sua benevolencia e a sua amizade — demasiada até — foi no Pará, no Teatro da Paz, a quando do meu beneficio.

Essa noite de verdadeiro delirio foi consoladora mas estopante para o actor.

O Jornal *Diario do Gram-Pará* de 15 de Agosto de 1879 lá está para comprovar as minhas palavras.

Foi uma noite deveras tragica!

Uma das demonstrações de afecto que mais me torturaram, não a desejando ao meu maior inimigo, foi a colocação, na geral, dum foco electrico de grande intensidade que me seguia por toda a scena enquanto representava!

Não podeis pôr na vossa ideia o que seja trabalhar com os olhos rasos de lagrimas, sem poder olhar para o publico, numa aflicção atroz!

Nos intervalos chamaram-me á scena delirantemente, lançaram-me flores, recitaram-me versos sem fim, atiraram-me os chapeus, as luvas, os casacos e, finalmente, não contentes com estas manifestações, treparam ao palco e fizeram-me andar ás cavalitas em redor do proscenio.

Depois destes sacrificios, pois eram verdadeiros sacrificios para mim, ao sair do Teatro, quando já cançado e exausto ambicionava o repouso da minha cama, o publico em peso esperava-me com duas bandas de musica á porta da caixa.

A minha desilusão foi enorme!

Depois de muitos vivas, de muitas ovações e do atroar ensurdecedor das duas filarmonicas, qual não foi o meu espanto quando ao subir para o trem que me esperava, reparei que lhe

tinham desatrelado os cavalos e o povo o queria puchar. Confundido, quiz protestar, mas a minha voz foi abafada pelo monte de flores que tinha em cima de mim, deixando-me respirar a custo.

Oh! martirio cruel!

E sem me poder mecher, quasi totalmente coberto por essa massa compacta de cravos e de rosas, com uma filarmonica na frente e outra por detraz, lá fui a caminho do hotel lamentando que o excessivo entusiasmo dos Paraenses transformasse o triunfo num martirio!

Finalmente o trem parou; e logo que me pude mecher, galguei a quatro e quatro os degraus do hotel na ancia suprema dum leito.

Mas oh! sorte adversa! quando já estendia os meus braços a *Morfeu,* que me sorria afavel e paternal... as bandas, as infernaes bandas, por baixo do meu quarto, começavam o seu atroz concerto que findou á alvorada.

E ás 5 horas da manhã, por despedida afectuosa, depois duns segundos para ganhar folego, zuniram como setas ponteagudas, os sons estridulos do hino nacional.

Antes queria ter sido pateado!...

CAPITULO XII

NO D. MARIA II E NO BRASIL COM PALLADINI

Da segunda vez que o grande Rossi veio a Portugal, acompanhava-o Celestina de Palladini, actriz de raro merito que depois de alcançar grande sucesso em Lisboa, se afeiçoou a este lindo cantinho onde nascemos, resolvendo aprender o nosso idioma para trabalhar em Portugal e no Brasil.

Em dois meses, Palladini conseguia falar o suficiente para poder representar, estreando-se no D. Maria com o drama magistral de Sardou — *Dora*.

O seu exito foi enorme; a sua linda voz, a expressão da sua fisionomia e a sua admiravel sciencia de estar em scena, apesar dos defeitos da pronuncia, conseguiram deslumbrar os dois mil espectadores que a ouviam enlevados.

E nós, artistas, que contrascenavamos com

a grande Palladini, sentiamo-nos bem nesse duelo de arte em que nos degladiavamos, na ansia duma victoria!

Nesta peça, fui relativamente feliz; para o comprovar, transcrevo parte da critica do *Jornal da Noite* referente ao meu trabalho.

O desempenho de Brazão é talvez o mais completo da sua vida artistica. Nunca se elevou a tamanha altura. Foi um grande actor em toda a acepção da palavra e sustentou com toda a gloria a enorme responsabilidade que o seu papel lhe impunha.

A scena final do 4.º acto, cujo exito depende dos esforços combinados de dois artistas de primeira plana, teve nele como em Palladini interpretes excecionais. Dizer-lhes que o seu talento se equilibrou perfeitamente naquela explendida situação é fazer quer a um quer a outro um grande elogio e uma grande justiça.

Houve momentos em que Brazão realizou o nosso ideial de artista moderno. Um deles foi na scena quando Dora se aproxima da janela e ameaça o marido de se precipitar dela abaixo, se ele der um passo mais.

O grito de horror, desafinado, estrangulado na garganta indo de encontro a todas as regras da harmonia teatral, a todos os preceitos convencionais da arte, mas exprimindo strictamente, humanamente o que devia passar-se na alma daquele homem, ao ouvir tal ameaça; — o grito que Brazão soltou nesse momento foi alguma coisa de superior, de extranho e de sublime.

Palladini representou ainda, com um entusiasmo delirante do publico, os *Burgueses de Pontarcy* e *Maria Joana ou uma mulher do povo*.

* * *

Nesta época Celestino da Silva e José Simões Nunes Borges, pai da grande actriz Lucinda Simões, contrataram a nossa empresa para uma tournée ao Brasil.

Chegados ao Rio de Janeiro, Palladini não caiu no agrado do publico pelo seu portuguez eivado de Italianismos.

Os espectadores diziam que a celebre actriz parecia uma preta a falar, e nem o seu enorme talento conseguia atenuar esta insignificante falta.

A empresa resolveu pôr o *Kean*, peça em que Palladini não entrava, salvando-se assim a situação financeira tanto no Rio como em S. Paulo, Campinas e Santos, onde tambem a grande actriz foi mal recebida pelo publico.

De volta a Portugal, Palladini regressou ao seu doirado paiz, a patria da historia e das artes, a buscar nos futuros triunfos o refrigerio á repulsão da patria nossa irmã, que hoje lhe abriria os braços mas que então a deprimiu.

CAPITULO XIII

NO D. MARIA II

AS EMPRESAS BRAZÃO, ROSAS & C.ª E ROSAS & BRAZÃO

Andavamos ainda pelo Brasil, quando findou o contracto da nossa empresa com o governo.

Ao concurso que então se realizou concorreram os principais artistas do D. Maria II.

Quando cheguei a Lisboa, soube inesperadamente que este Teatro estava sob a gerencia duma nova firma, a que eu pertencia tambem: — Brazão, Rosas & C.ª

Findo o contracto desta empresa, um novo se fez com os dois Rosas e comigo, excluindo as actrizes do corpo de gerencia, que ficavam no entanto com as mesmas garantias que a empresa finda lhes dava.

E a firma passou a ser--Rosas & Brazão.

Estas duas empresas duraram 18 anos, sem

Brazão e os dois Rosas

que a mais leve discussão viesse perturbar a perfeita harmonia e disciplina em que sempre nos mantivemos.

O Teatro do Governo, sob a empresa Brazão, Rosas & C.ª, abriu com a *Estrangeira*, em que não entrei, com scenarios maravilhosos do grande Manini, e com uma exuberancia de *mise-en-scene*, nunca vista.

Seguiram-se as peças: *Um drama novo*, em meu beneficio, com a graciosa comedia *Um desquite (chez l'avocat)* de Paul Ferrier, *João de Thommeray,* de Augier e Sandeau, tradução de Pinheiro Chagas, *O Luxo*, de Antonio Enes, *A sociedade onde a gente se aborrece (Le monde ou l'on s'ennui)*, comedia de Pailleron, admiravelmente desempenhada e de conjunto assombroso, peça em que Augusto era um primor de finura, João Rosa magistral, Virginia deliciosa e Rosa Damasceno inegualavel de inocencia e alegria.

Foi das peças em que o estrangeiro não nos alcançou.

Seguiram-se: *Odette,* tradução minha da peça de Sardou, em beneficio de Augusto; *Os irmãos Rantzau*, peça extraida do romance de Erkmann e Chatrian em beneficio de Joaquim de Almeida; *Dora,* com Virginia; *A Sobrinha do Marquez; Othelo; Edade Ingrata; Grande Industrial; Drama no fundo do mar; O Sr. Mi-*

nistro; Vida em familia; Fedora, com Virginia; *As nadadoras; A noiva; O Cardeal Richelieu,* trabalho assombroso de João Rosa;

Os Irmãos Rantzau

(Caricatura de Raphael Bordallo Pinheiro)

Um romance parisience; Ruy Blas; A Chilena; O cão do cego; Aspasia e *Marquez de Villemer.*

A proposito da peça extraida do celebre romance de Sand, contar-vos-hei um episodio, talvez um pouco carnavalesco, que se deu numa das muitas reprises do *Marquez de Villemer.*

Quando as peças estavam sabidas, um dos meus maiores divertimentos era meter-me com os colegas; e num dialogo que eu tinha com o Conde de Duniers, então interpretado pelo saudoso Inacio Peixoto, expondo-me ele o caracter de M.elle de Santrailles, sua protegida, eu tinha de lhe responder: «Mas, Sr. Conde, o que tem uma coisa com a outra?»

E, uma noite, voltando-me para Inacio Peixoto, que esperava a minha resposta para continuar a sua fala, disse-lhe imperturbavel: «Mas, Sr. Conde, o que tem o c... com as calças?»

Inacio Peixoto arregalou os seus olhos e continuou muito aflicto, olhando de soslaio para mim, como se dissesse — «coitadinho! endoideceu.»

E o publico nada percebera!

Seguiram-se: *O Duque de Vizeu,* assombroso trabalho de Lopes de Mendonça, dizendo o *Correio da Manhã,* a meu respeito:

«Desempenho magnifico o de Brazão, desempenho extraordinario que o publico aclamou por muitas vezes.

Não podemos citar, porque o tempo nos falta, as scenas numerosissimas em que o primoroso artista, repassando de um grande sentimento, os versos liricos do seu papel, arrebatou o publico».

Seguiram-se: *Martir, Hamlet* e *Severo Torelli.* Neste verão de 1887, parti para o Brasil representando no Rio, S. Paulo, Santos e Campinas o *Kean, Severo Torelli, Duque de Vizeu* e *Hamlet,* sempre com grande agrado do publico. Voltando para Lisboa seguiram-se as peças: *Samuel, Meter-se a redentor, Luiz XI,* coroa imorredoira de João Rosa, *Guerra em tempo de paz,* delicioso trabalho de Augusto, *Surpresas do divorcio, Rogerio Laroque, A estatua* e *Leonor Teles,* dizendo o *Correio da Noite:*

«No desempenho cabem as honras em primeiro logar a Brazão que se incarnou completamente no personagem de D. Fernando com todos os defeitos e todas as paixões daquele infeliz monarca. O trabalho denota um minucioso estudo e uma inteligencia superior do personagem. No quarto acto sobretudo é extraordinario».

Brazão na *Leonor Teles*

Representamos depois: *O Bibliotecario*, interpretando eu uma *rabula,* que ninguem queria fazer, pela insignificancia.

O *Correio da Manhã* dizia:

Brazão no *Bibliotecario*

«Que belo tipo o do bibliotecario — o verdadeiro! — e que explendida ovação a de Brazão! Para muitos o tipo comico o mais possivel, que Brazão apresentou foi uma surpreza, para nós que nos lembramos ainda com saudade do *Elogio Mutuo,* uma comedia engraçadissima, e do *Fura Vidas,* uma farça grotesca, o *Biliotecario* foi apenas a confirmação do grante talento do actor que se transforma de repente

do sensual e fraco rei Fernando 1.º, no Roberto, um erudito inglez, que um dia, a fatalidade atira do pó dos velhos arquivos, para o meio buliçoso e nem sempre seguro de Londres.

Provou ainda, o que por varias vezes aqui temos dito e é que não ha papeis pequenos quando os actores são grandes. Roberto aparece pouco, mas o seu tipo fica bem desenhado na memoria do espectador».

O trabalho de Augusto nesta peça foi assombroso de finura e *verve*.

Seguiram-se: *Afonso VI, N'guvo, A Morta,* uma das muitas coroas de Lopes de Mendonça, *Alcacer Kibir,* dizendo então as *Novidades* que...

Brazão traça com mão de mestre as linhas do velho fidalgo, dando-lhe grande brilhantismo nalgumas scenas, sendo notavel a scena do delirio e da morte.

e o *Diario Ilustrado:*

No prodigioso dialogo com o Cardeal D. Henrique, Brazão ergueu-se ao apogeu da perfectibilidade artistica que a poucos é dado atingir, e levantou na sala uma prolongada salva de palmas, assignalando essa notavel criação, que ficara sendo uma das mais gloriosas da sua carreira teatral.

Brazão no *Alcacer-Kibir*

Seguiram-se: *Peixes dourados, O Intimo, Alfageme de Santarem, Griselia*, *A Madrugada,* deliciosa comedia de versos harmoniosos

Brazão na *Madrugada*

onde a descrição do pudor bastaria para imortalizar o grande Fernando Caldeira; *O Segredo de Confissão, Estrada de Damasco, Os Velhos*, encantadora comedia campesina de tipos tão nossos, de caracteres tão bem definidos; *Os Castros, Kermesse, Monsenhor, A irmã, O Suicida, Medico á força, O velho tema, Santa Umbelina, A primeira seta, O Flibusteiro, Henrique III, A fera amansada, João José, Judeu Polaco, Imaculavel, O Regente,* onde Augusto Rosa mais uma vez afirmou o seu talento excecional; a *Triste Viuvinha,* delicioso trabalho de Rosa Damasceno, *M.elle La Seigliere,* coroa de Lucinda Simões e de Augusto, e finalmente, *Manelich* peça magistral de Guimerá acerca de cuja representação *O Popular* escrevia:

O desempenho magnifico. Não precisa já de consagração do publico o grande actor Brazão. Mas se o seu nome não estivesse feito, o seu trabalho de hontem acabaria por lhe dar direito a uma merecida consagração. Digno interprete de uma peça como esta.

Não preciso citar scenas; do principio ao fim o actor eminente se revela. Mas o trabalho de Brazão, na descrição do sonho, visão de uma alma pura, no pulsar vigoroso da scena da lucta com o lobo e na scena do choro, no segundo acto é magistral. Da nossa parte,

sendo nós nada propensos a elogiar por favor, o que fica escrito, representa o maior elogio que podemos fazer-lhe.

Brazão no *Manelich*

E assim terminou a empresa Rosas & Brazão, que, não por mim, tanto lustre deu ao Teatro Portuguez.

CAPITULO XIV

«SHAKESPEARE» REPRESENTADO EM PORTUGAL

Quando em 1880, eu representava no Rio de Janeiro, seja-me licito dizer, com grande aplauso, o *Kean* de Dumas pai, Cardoso de Meneses, então director do Conservatorio Dramatico da capital Brasileira, indo ao meu camarim disse-me: «Você, Brazão, não volta de novo cá, sem trazer no seu reportorio alguma peça de Shakespeare; confesso-lhe que me agradou deveras a maneira como disse o monologo do *Hamlet*, na peça *Kean*».

Vim para Portugal, de novo disposto ao estudo, mas o conselho do sabio professor, ficou gravado na minha mente de artista... e de rapaz.

Li o *Hamlet* com todo o interesse, mas achei tão confuso e filosofico o caracter... e, mais que o caracter, os criticos do principe da Dinamarca que não me abalancei a interpreta-lo.

Othelo

(Caricatura de Raphael Bordallo Pinheiro)

Recorri, pois, ao *Othelo,* o impoluto e ciumento Mouro de Veneza, por ser mais facil de compreensão, apezar da sua violencia me embaraçar, por vezes.

E quando vi que o poderia levar sem grande queda para o meu decenio de vida artistica, anunciei-o victorioso aos meus amigos e colegas, que supozeram que eu estava doido.

Na verdade, o meu fisico e o meu temperamento não se adaptavam, sem um *tour-de-force,* ao fogoso Argeliano.

Lembro-me que Carolina Falco, a minha melhor colega no Teatro, ao ver a despeza da montagem que a peça exigia, punha as mãos na cabeça exclamando: «O Brazão teria endoidecido!?... Mal empregado dinheiro que se gasta!...»

E, no entanto, não podendo de maneira nenhuma comparar-me a Rossi ou a Salvini, empreguei todo o meu esforço na interpretação do dificil papel.

José Antonio de Freitas, o primoroso traductor das obras do imortal comediante, dispensou-me os maiores elogios nesta carta, o mais benevolente, o mais carinhosa possivel:

Meu caro Brazão

Vi com prazer nos jornais do Porto as noticias sobre o modo como você compreendeu a personagem do Mouro de Veneza; e, ao ler um artigo do *Comercio Portuguez*, parecia estar ouvindo as palavras que inumeras vezes tenho proferido.

Nem eu sou dado a nimias complacencias em louvar prendas e meritos alheios, nem você presume tanto de si, que pretenda emparelhar-se com os Rossi, os Booth e os Salvini.

A verdade porem, digo-a sempre, e você escuta-a sem ser tomado de orgulho. Por isso afirmo-lhe que o *Comercio Portuguez* conforma-se perfeitamente comigo quando escreve que a sua interpretação do *Othelo* é em muitas coisas superior á do Rossi.

E com efeito, na scena da morte ou — para que melhor digamos — em todo o 5.º acto, na scena do 3.º acto com Yago, scena que não tem rival na literatura dramatica antiga nem moderna, avantaja-se você muito ao tragico Italiano.

A correcção e brilho dessas duas scenas eram bastantes para offuscar as imperfeições, que necessariamente ha-de ter o seu trabalho, se em muitos outros lances você se não desempenhasse como um artista de eleição.

Tenho grande simpatia pelo seu talento; fui seu colaborador, fui seu cumplice no grande arrojo de mostrar ás plateias portuguesas a mais teatral das peças

de Shakespeare; não admira portanto que seja socio e companheiro dos seus jubilos e que lhe dê os parabens quando me chega aos ouvidos o echo dos aplausos com que as multidões o victoriaram no teatro.

Receba um apertado abraço do seu

Amigo e Admirador
José Antonio de Freitas»

Passo a transcrever algumas passagens das criticas de então, referentes ao meu trabalho.

O Ocidente diz:

«Brazão saiu triunfantemente da sua tentativa, e a representação do *Othelo* no D. Maria foi uma victoria».

e mais adiante:

«Brazão que ha dois anos se preparava com um estudo sério para esta batalha, chegando a ir a Londres ver de perto a escola Inglesa moderna — escola que o impressionou profundamente, pelo escrupulo e perfeição com que compreende e executa as grandes tragedias—Brazão foi um *Othelo* fino e distinto, vigo-

roso e patetico, evitando o escolho terrivel em que tantos teem naufragado — a confusão da força com a violencia, e, se não subiu ás alturas impotentes de Kean ou de Macready, deu-nos um estudo shakespeareano consciencioso, fazendo valer quasi sempre as belezas literarias do seu terrivel papel».

Maximiliano de Azevedo, o grande critico do *Jornal da Noite*, escreve:

«Eduardo Brazão no dificilimo papel de Othelo, mostrou brilhantemente quanto podem reunidos o talento e o estudo persistente».

Esta recepção benevola do publico e dos criticos, deu-me alento para a dificil escalada ao escarpado monte shakespeariano, no cume do qual está *Hamlet,* o caracter mais filosofico e mais divergente que tenho conhecido em Teatro.

Abalancei-me pois a interpreta-lo levando dois anos nesta ardua tarefa, durante os quais (oh! fatal inspiração!) resolvi reler os criticos desta obra verdadeiramente sublime, e tão discutida por genios de primeira grandeza, como Goethe, Byron e Victor Hugo, e por inteligencias eleitas, como Taine, Schlegel, Lessing,

Philarete Charles, Voltaire, Guizot, Francisco Hugo, e tantos outros que teem procurado explicar e aprofundar o caracter verdadeiramente extraordinario da imortal criação de Shakespeare.

Mas fiquei tão confuso perante as divergencias de todos estes criticos, que os puz de parte, e, na minha incompetencia, resolvi analizar o principe da Dinamarca.

Uma noite em que estava lendo, pela quarta ou quinta vez, a celebre tragedia, saltou-me aos olhos a fala que o principe dirige a Marcelo e a Horacio, na explanada de Elsenor:

«Agora aqui jurai como ha pouco fizeste, que nunca — assim Deus vos ajude — por mais extravagante e insolito que seja o meu procedimento (porque talvez se me afigure necessario afectar um caracter fantastico), jurai que ao ver-me assim, nunca denotareis saber de mim alguma coisa, cruzando os braços deste feitio ou abanando com a cabeça, ou pronunciando alguma frase duvidosa... ou quaisquer palavras ambiguas».

Estava para mim explicado, o *Hamlet,* não o idiota e visionario, mas o *Hamlet* perspicaz que se fazia passar por louco na intenção de distrair as atenções de poderosos inimigos, para assim poder realizar o seu maior desejo: des-

cobrir o assassino de seu pai. *Hamlet* consegue fazer representar, nos Paços dos Soberanos

Brazão no *Hamlet*

Dinamarqueses, uma scena egual á que lhe contara o fantasma do pai, na explanada de Elsenor, desmascarando então seu tio—o assassino.

A proposito desta minha interpretação do *Hamlet*, os criticos de 1887 escreviam: (Do *Recreio)*

«Se o genial Shakespeare pudesse resuscitar e trasportar-se ao nosso primeiro Teatro em noite de representação daquela sua explendida obra, não se envergonharia de certo de ver a parte primaria interpretada pelo actor Eduardo Brazão.

Quanto podem o mais extremado amor á Arte, o talento e o estudo fraternalmente unidos, quanto produzem nessa extraordinaria e admiravel criação que ha-de ficar registada nos anaes do Teatro portuguez como um confronto soberbo com os primeiros tragicos lá de fora.

Apresentando caracteres diversos durante a peça, porque diversas são as feições, que, subordinadas contudo a um pensamento fixo, o personagem toma em toda ela, amoldando-se como uma percepção luminosa, a cada um dos sentimentos multiplos de que o actor aprove animar o seu heroe, Brazão toca por vezes as raias do sublime».

E no *Jornal do Comercio :*

»Deve-se a Brazão a justiça de dizer, que compreendeu com alta inteligencia o personagem de *Hamlet*

nos momentos em que *Hamlet* pode ser compreendido por alguem.

Sacudiu-me ao ve-lo e ouvi-lo, aquele estremecimento misterioso e indefenivel com que o «belo» faz vibrar as organizações sensiveis á sua influencia, e por um momento rapido, mas inolvidavel, eu compreendi o principe estranho, o alucinado misterioso, cuja figura mortalmente triste paira como uma aparição melancolica sobre o espirito de todos os poetas deste seculo».

E, foi assim, com a critica a animar-me e com o folego de 36 anos que subi ao escarpado pincaro onde *Hamlet* repousa ; e na carreira vertiginosa da descida fiz mais *A Fera amansada*, comedia quasi burlesca do imortal poeta de Strasfor-on-Avon.

E, ao voltar, de novo, ás terras de Santa Cruz fui depor nas mãos de Cardoso de Menezes, a trempe shakespeariana, com um obrigado afectuoso.

CAPITULO XV

PARIS

«CIRANO DE BERGERAC» E UMA EQUIVOCA MANIFESTAÇÃO

Adorei sempre Paris, não pelo *brohaa* que me atordoava, pelos armazens onde me perdia, ou pelos *boulevards* onde me estonteava; adorei Paris por ser o logar onde aprendi mais do meu *metier*, vendo perpassar pelos meus olhos ávidos de aprender, essa cavalgada Valquiriana de celebres artistas, todos *hors-con-cours*.

Vi o celebre *Got,* admiravel no *Maitre Guerin* e em todo o Teatro de Moliére; Vi *Delonay*, insigne galã, eterno na juventude; *Coquelin ainé*, o actor que mais variava de reportorio, sendo, tanto na farça como na tragedia, verdadeiramente sublime; *Coquelin cadet,* celebre nos seus monologos; *Tyron,* magistral no *Marquis*

de La Seigliere; Mounet Sully, o grande classico, soberbo nas peças de Victor Hugo; *Sarah Bernhardt,* a grande tragica; *Madelaine Brohand,* no *Monde ou l'on s'ennui*, admiravel; *Pauline Granger*, assombroso com *Got*, no *Maitre Guerin; Barreta, Worms* e *Feroudy,* nos *Les affairs sont les affairs, Huguenet,* na *Robe Rouge, Rejane* e tantos outros artistas excepcionais!

Olhando hoje para a França, a patria desse emporio maravilhoso de ha 40 anos, a desilusão é grande; mas é consolador ver que não é só em Portugal que a decadencia campeia.

Hoje, em Paris, quais são os actores de nome?

Quem ha de valor que se nomeie?

— Dois, trez, e esses dois ou trez comparados com qualquer desses astros radiosos, são estrelas apagadas e vacilantes.

* * *

Chegado a Paris numa das minhas inumeras viagens, ancioso por ver *Cirano de Bergerac*, que no Teatro Porte S. Martin contava já quatrocentas e tal representações, e não querendo aparecer de dia a *Coquelin ainé*, grande

actor e meu velho amigo, no intuito de lhe fazer a surpreza de me apresentar no seu camarim

Coquelin no *Cirano*

antes da representação, dirigi-me ao Teatro para marcar logar.

Na noite seguinte, cheguei um pouco antes da hora, perguntando, no *contoir*, a um dos trez homens que fiscalisavam as entradas dos espectadores, como poderia falar a Coquelin. Calcularam por certo, pelo meu aspecto, ser artista estrangeiro, pediram-me o meu cartão e, pouco tempo depois, chegava um criado dizendo-me que Mr. Coquelin me receberia no intervalo do primeiro acto, e que me não levantasse do meu logar, pois ele me mandaria conduzir ao seu camarim.

E, com efeito, no final do primeiro acto, caía nos braços de Coquelin, sempre alegre, que me disse:

«Fizeste bem em me prevenir que estavas a ver o espectaculo pois esta noite vou representar a valer».

Ce soir mon cher Brazon je ne tricherais pas!

Era natural que com quatrocentas e tal representações, Coquelin baixasse o seu papel a metade do diapasão.

Mas, nessa noite, o grande comediante tocou as raias do sublime, e *Cirano* passou a chamar-se *Cirano de Coquelin.*

* * *

Fui incumbido pela empresa Rosas & Brazão de, na minha proxima ida a Paris, comprar

duas *mise-en-scenes* francesas, sendo uma a do *Judeu Polaco*.

Chegado á capital francesa, dirigi-me á *Comedie*, onde essas peças tinham sido representadas e portanto onde se compravam ao Director de Scena, em geral actor reformado, que tinha a seu cargo fazer as *mise-en-scenes* das peças.

O porteiro conduziu-me ao Director expondo-lhe eu o que desejava. Mandou-me voltar no domingo seguinte, depois da *matinée* da *Rene Jeane*, pois já as teria prontas.

Em Paris, aos domingos, a *Comedie* está obrigada por um contracto com o governo a dar *matinées* gratuitas aos empregados e trabalhadores.

Chegado o dia combinado, depois dum passeio de *fiacre* com Rosa Damasceno pelo «Bois de Bologne, dirigi-me ao Teatro Francez.

O espectaculo ainda não tinha terminado. Esperei no gabinete do porteiro (mil vezes melhor do que qualquer camarim dos actores portugueses) até que me vieram chamar.

Paguei as *mise-en-scenes* e desci a larga escadaria dos actores.

Ao chegar á porta da caixa vi uma compacta multidão que por certo esperava alguem, e que, á minha passagem se ia descobrindo reverente :—a roseta que eu ostentava na lapela,

a pasta que sobraçava, e a minha cara de actor, fizeram com que aquela boa gente me tomasse por um dos interpretes que acabavam de ovacionar. Não quiz eu desiludir os meus inesperados manifestantes, e vim agradecendo os seus cumprimentos muito compenetrado do meu papel até chegar ao *fiacre* que estava a uma pequena distancia.

Rosa Damasceno ao ver aquela avalanche seguir-me, gesticulando e apontando para a minha pessoa, perguntou-me muito aflicta:

«Oh! Eduardo, o que é isto?»

Subi para o *fiacre* correspondendo ás saudações do povo que por pouco me não ovacionava em pleno largo da *Comedie;* e quando o *fiacre* já rodava sobre o *macadam* é que pude explicar a Rosa Damasceno—que tudo aquilo... era *popularidade!*

CAPITULO XVI

DOIS GRANDES ACTORES E DOIS CARACTERES COMPLETAMENTE DIVERSOS

Assistindo com Rosa Damasceno, no Teatro Gimnasio, em Paris, á segunda representação do *Abade Constantino* pelo grande actor La Fontaine, num dado momento do primeiro acto instinctivamente olhamo-nos estupefactos. La Fontaine deixara passar despercebida uma situação que seria coroada de aplausos.

Achei a peça encantadora, e resolvi compra-la para fazer o papel magistralmente desempenhado pelo celebre actor francez.

Regressando a Lisboa, pedi a Pinheiro Chagas para a traduzir, e como tivesse com os meus colegas da Empresa um litigio na distribuição de dois papeis secundarios, escrevi ao dramaturgo da *Morgadinha de Val-flor* para

me mandar a sua opinião acerca da distribuição dos papeis.

Pinheiro Chagas, não sabendo que eu tinha comprado a peça no intuito de fazer o Abade Constantino, respondeu dizendo-me que a sua opinião era que o Abade devia ser feito pelo João, o galã dramatico por mim, o galã de comedia pelo Augusto, Carolina Falco no papel de dama central, Rosa Damasceno e Amelia da Silveira nas duas pequenas Americanas.

Concordei sinceramente com a opinião do tradutor e, sem reserva alguma, fui entregar o meu papel a João Rosa, que, leal camarada, não queria fazer um personagem que eu tinha trazido para mim.

Mas aceitou-o finalmante, ao ver que da minha parte tambem só havia sinceridade e camaradagem. Pedi-lhe apenas que o papel de galã dramatico fosse dado a Eugenio de Magalhães, para que este actor, recem-chegado do Brasil, se estreasse num papel de certa importancia.

João Rosa acedeu gentilmente, desinteressando-me eu dos ensaios e da representação.

A peça foi marcada por Aristides Abranches, segundo a *mise-en-scene* francesa.

Mas, a quando dos ensaios de apuro, Rosa Damasceno veio pedir-me que não deixasse de assistir a um deles, porquanto não tinham feito um

só detalhe do que viramos em Paris; e, nessa mesma noite, com grande espanto meu vi ensaiar uma peça que, na verdade, em nada se assemelhava ao Abade Constantino.

Acabado o ensaio, fui ter com João Rosa e disse-lhe:

—Oh! João, vocês erraram todos os papeis!

—Tens muita razão, eu por mim sinto-o perfeitamente; peço-te que venhas assistir a estes ultimos ensaios de apuro e prometo-te que amanhã me has-de ver no verdadeiro Abade Constantino.

Com efeito, João Rosa o actor mais conhedor do seu *metier,* transformou por completo o seu trabalho e conseguiu, em varios momentos, ultrapassar o criador da peça; deixava apenas passar despercebida a situação brilhante de que La Fontaine não fizera caso.

Fiz-lha notar, e João Rosa, executando-a magistralmente, teve a coroal-a uma calorosa salva de palmas; e, logo ao sair de scena, correu a abraçar-me comovido, dizendo: — «estas foram para ti».

Eram assim os colegas, ha quarenta anos!...

* * *

Nesse ano de 18..., Celestino da Silva, o grande empresario brasileiro, contratou o João

e o Augusto para uma *tournée* ás terras de Santa Cruz, não me falando a mim nem a Rosa Damasceno que iriamos ao estrangeiro...

Era ainda permitida, nesse tempo, a venda de bilhetes da loteria de Espanha.

Um dos cambistas mais conhecidos em Lisboa, era o meu amigo sr. Gouveia, sogro do meu colega José Ricardo e ex-empresario da Trindade. Este Gouveia costumava comprar dez bilhetes que abria em dezenas, resolveu mandar-me nesse ano duas cautelas de trinta mil reis: logo ao recebe-las, deliberei ficar sómente com uma, mas o tempo passou sem que eu me lembrasse de lhe devolver a outra.

Estavamos, nessa ocasião, em ensaios de leitura do *Duque de Vizeu*. Num deles, fui procurado por um irmão do Gouveia que ao ver-me perguntou:

— O Sr. Brazão tem alguma dezena da loteria espanhola eu seu poder?

— Ai que me esqueceu de lhe levar uma delas!

—Ainda bem que a não mandou, pois nesses numeros saiu um dos premios maiores da loteria.

— Um premio? E de quanto?

— Um premio de quatorze contos!!

Quando voltei ao meu logar, os colegas, percebendo no meu aspecto que alguma coisa de agradavel tinha acontecido, perguntaram:

— Ha alguma novidade?

— Se ha... fui ao Brasil e voltei.

* * *

Chegado o verão, parti, com Rosa Damasceno para Paris. Na mesma ocasião partia para o Brasil a companhia do Teatro D. Maria II, levando Augusto Rosa varios papeis do meu reportorio.

No ano seguinte, Celestino da Silva perguntou-me:

— E então, queres ir este ano?

— Pois sim, e quanto me dás?

— Dou-te 30 % da receita bruta, tirando-lhe 400 mil reis diarios. Está arrumado o assunto?

— Podes contar comigo.

Celestino foi para a Italia, onde tinha a sua familia. Depois do seu regresso, notei que andava preocupado e que procurava evitar-me.

Fui falar-lhe e instei que me dissesse o que havia a meu respeito.

— Olha, Brazão, eu não te queria falar no assunto, mas já que insistes dir-te-hei: — O Augusto não vai ao Brasil, se porventura lá fizeres todo o teu reportorio.

— Não quere que eu faça o meu reportorio? Então o que vou eu lá fazer?

— Do teu reportorio ficarás apenas com o

Kean, Hamlet e *Othelo*, peças que ele lá não representou ficando tu a ganhar 35 %.

Aceitei o contrato.

Semanas depois recebo do Brasil uma carta de Xico Lacroix, nos seguintes termos:

«Consta aqui que o Augusto vem fazer os teus papeis; peço-te que tragas tudo o que pertencer a essas peças».

Obedeci ao velho amigo e, meses depois, partimos para o Rio, estreando-se a companhia no *Marquez de Villemer* com Augusto no meu papel de Duque de Aleria.

O Teatro de S. Pedro estava cheio!

Eu passeava ao fundo dos bastidores, de bengala atraz das costas, conversando com Luisa Lopes; nisto paramos surpreendidos: o pano subia e uma tremenda pateada—a maior a que tenho assistido—fez-se ouvir, acompanhada de «morras ao empresario», de dichotes e de pó que se elevava até ao lustre.

O pano subia e descia, querendo por varias vezes Carolina Falco, que estava em scena, falar ao publico, o que este não consentiu.

Vendo que era impossivel a representação, entregou-se o dinheiro aos espectadores.

Nessa mesma noite ceava com Augusto Rosa discutindo animadamente, sem trocar uma só palavra sobre o assunto.

Na manhã seguinte, enquanto me arranjava, João Rosa foi ao meu quarto pedir-me por tudo que fizesse os meus papeis.

— Eu nunca os recusei! Respondi-lhe serenamente.

Acabei de me vestir, saí para o *hall* disposto a ler os jornais, quando me apareceu Celestino.

— E agora, meu caro Brazão, voltamos aos 30 %.

— Não meu caro Celestino, ficamos nos 35!

Foi a primeira vez que eu fui esperto com um empresario.

Anunciou-se para a noite seguinte o *Marquez de Villemer;* e quando o velho Benoit anunciou — «O Sr. Duque de Aleria» — levantou-se o Teatro em peso, acenando-me com lenços, num delirio que tocava as raias da loucura.

Foi uma das minhas maiores ovações apesar de para ela não ter contribuido de forma alguma...

CAPITULO XVII

ARTISTAS DA MINHA GERAÇÃO

ROSA DAMASCENO

Por explicavel e natural escrupulo não me referirei á actriz Rosa Damasceno, que foi minha mulher, deixando ao antigo cronista e meu muito amigo Santos Tavares, o delinear aqui o seu perfil artistico.

Rosa Damasceno foi no Teatro uma figura excelsa.

Pertencente a uma até agora ultima pleiade de artistas, de estirpe de oiro de Jupiter, quando se fizer a historia da nossa actividade dramatica na segunda metade do seculo XIX, ali ela terá um conquistado logar de eleição. Ingenua, no seu genero não teve quem a egualasse sequer. Era a graça suprema, o encanto, a frescura, sorriso e perfume de amor, adejando e irra-

diando. Nunca a candura, a timidez o retraimento moral, foram reproduzidos com tão perturbado enleio, com tão meticulosa delicadesa. Dir-se-ia uma madrugada perpetua, promissora e casta.

Santos Tavares

Apezar das figuras que interpretara terem, então, um relevo scenico identico, o seu instinto entretecia-as com expressões diversas — sorriam, amuavam, choravam, diferenciadas para a diversa composição dos quadros dramaticos.

A sua arte essencialmente emocionada de lirismo, primaveras de almas, deixou recordações imperecíveis, e assim, certos personagens de casta humilde, a Suzel do *Amigo Fritz,* as do Teatro idilico de João da Camara, viverão na saudade de nós todos, como se o poder medianimico da

memoria lhes desse de novo vida e, renascentes, voltassem a encher-nos os olhos de belesa e o coração de suavidade e de melancolia.

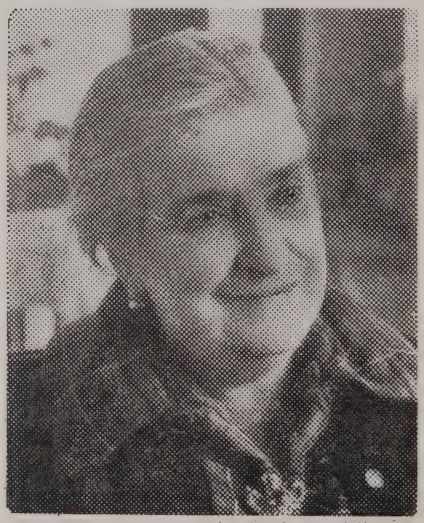
O Teatro numa constante e rapida evolução, de tecnica na construção das scenas, e de analise na exhumação dos sentimentos, sejam quais forem as variantes que acaso houve— da enfase literaria de Dumas, á sensorialidade de Bataille — romantico ou de aparencia naturalista, manterá assomos de vida porque é vida criada pela fantasia do autor no verosimil, mas para existirem as almas por ele evocadas, necessario será que o sopro de Deus as anime, transfigurando-as pela arte.

Rosa Damasceno

Rosa Damasceno foi a mais encantadora interprete dessas almas.

Do seu reportorio destacam-se os seguintes papeis:

Suzel do *Amigo Fritz,* a Rainha Isabel do *Afonso VI,* Berta da *Madragada,* Assunção da *Triste Viuvinha*, a Ofelia do *Hamlet,* Condessa Olga da *Fedora,* uma das pequenas americanas do *Abade Constantino,* a mulher de Socrates M.elle Santraille do *Marquez de Villemer,* Ilka da *Guerra em tempo de paz,* etc., etc.



Lucinda Simões

LUCINDA SIMÕES

Depois do belo perfil de Rosa Damasceno por Santos Tavares, ocupar-me-hei da grande actriz e da grande amiga Lucinda Simões.

Espirituosa, distinta e inteligentissima, a inter-

prete admiravel da *Teresa Raquin*, do *Demi-mond* e da *Madame de Saint-Gene,* é um dos maiores nomes do Teatro Portuguez.

Lucinda Simões passou no Brasil grande parte da sua vida artistica: aí casou com Furtado Coelho, o actor, ensaiador e escritor que tanto admiramos.

Esta gloriosa artista que é filha dum grande actor e mãe duma grande actriz, é tambem a melhor amiga e a peor inimiga que conheço: por um amigo verdadeiro, tudo sofre e sacrifica; mas a um inimigo sabe como ninguem, fulmina-lo com duas palavras apenas...

Cavaqueadora admiravel, é finissima no seu porte, engraçadissima nos seus ditos, por veves mordazes; enfim, Lucinda Simões a minha grande amiga de ha trinta anos é, e justamente um dos nomes mais aureolados do Teatro Portuguez.

ANGELA PINTO

Angela Pinto foi grande, mas poderia ter sido enorme.

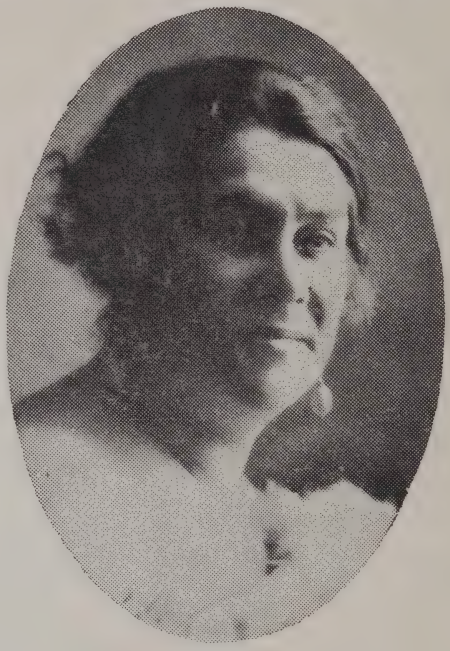
Destrambilhada, mas com um extraordinario talento, Angela ou era assombrosa quando queria, ou mediana quando se desleixava.

Mas, ainda na sua mediania, se é que por vezes a teve, mostrava bem claro o talento que

possuia e o seu profundo conhecimento da vida scenica. Foi a interprete inegualavel da *Severa*.

O seu trabalho nesta peça foi assombroso!

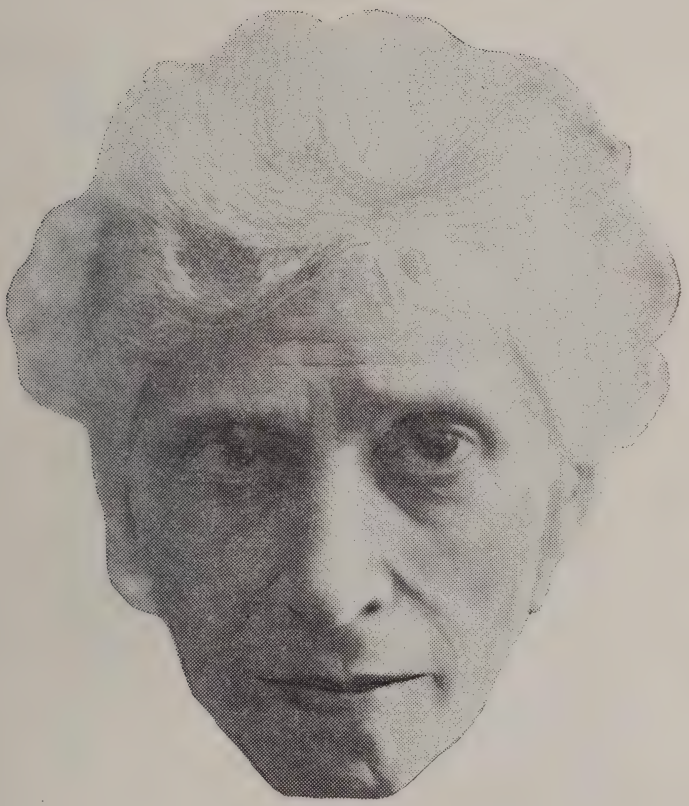
A *croia* dos bairros difamados, a amante de Vimioso, devia ser assim!



Angela Pinto

Bastaria só esse papel para que Angela ocupasse um logar dos mais scintilantes no Teatro Portuguez. Retirou-se da scena ha pouco, e hoje o publico pode cantar esse trinado soturno das vielas da Mouraria:

«chorai fadistas chorai
que a Severa já morreu»



Virginia

VIRGINIA

Discipula querida do grande Santos, Virginia deixou um nome glorioso no nosso Teatro.

Foi a interprete d'*As ideias da madame Aubray,* d'*Os Velhos*, de *Catarina*, d'*O caminheiro,* d'*Os peraltas e sécias,* d'*A mancha que limpa,* d'*O Marquez de Villemer,* d'*A Fédora* e de tantas outras peças, marcando sempre, com o alto prestigio que tinha no publico e com o seu talento, um dos primeiros logares da nossa arte dramatica.

Morreu ha um ano; e num suspiró brando, voou da terra onde tanto sofrera, á paz eterna da morte.

LUCINDA DO CARMO E ADELINA ABRANCHES

Lucinda do Carmo e Adelina Abranches, são dois verdadeiros paradoxos da scena portuguesa: dois enormes talentos, nos mais pequenos corpos do nosso Teatro.

A primeira já abalou desta vida, depois de ter conseguido chegar a um dos mais altos logares da arte teatral.

Era inteligentissima, ilustrada e espirituosa; passando uma grande parte da sua vida na opereta, onde colheu justissimos louros, abraçando

quasi no final da vida a declamação, a sua memoria ainda nos comove, ainda nos sorri!

Lucinda do Carmo

Lucinda do Carmo, morreu ha talvez dois anos com sua mãe, o ente que ela mais ado-

rava; e lá «nesse país, donde viajante algum voltou ainda», estará abraçada a ela, com o amor mais santo dos amores da terra.

* * *

Adelina, que foi uma das melhores da sua geração, ainda hoje nos faz vibrar, ainda hoje nos comove.

Adelina Abranches

A interprete assombrosa do *Gaiato de Lisboa*, das *Proesas de Richelieu*, da *Resurreição*, da *Mãe* e de *Uma Anedota* é, em toda a acepção da palavra uma grande actriz.

Que ela ainda interprete muitos personagens é o que todos nós portugueses desejamos, para bem da arte teatral.

AMELIA PEREIRA, AMELIA VIEIRA, CAROLINA FALCO E OUTRAS

Não me podendo deter em demoradas considerações sobre todas as actrizes da minha geração, não quero todavia deixar de mencionar aqui todas aquelas que, pelo seu talento se souberam impor na vida teatral.

* * *

Ana Pereira, que foi admiravel estrela da opereta, passou depois para a declamação ; na comedia foi eximia.

Amelia Vieira, discipula querida de Carlos Santos, e depois sua mulher, foi admiravel no reportorio do Teatro do Principe Real e mais tarde do D. Maria II.

Carolina Falco, deliciosa dama central, marcou sempre pela sua finura e distinção.

Barbara Wolkart, que hoje retirada do Teatro, vive em Benguela, foi uma excelente caracteristica.

Amelia da Silveira, dama galã, afirmou-se na *Sociedade onde a gente se aborrece.*

Emilia d'Oliveira, excelente dama central.

Luz Veloso, interessante ingenua, pertencente a uma geração mais moderna, represen-

tou no entanto quasi todo o meu reportorio no Teatro D. Amelia.

Leonor Faria, passou vertiginosa no nosso Teatro, fazendo-nos ainda relembrar a sua harmoniosa voz e o seu incontestavel merito.

Palmira Bastos, tambem de uma geração mais moderna, foi uma grande actriz na opereta, onde colheu fartos louros; ha poucos anos entrou no Teatro de declamação, onde tem elevado ainda mais o seu prestigioso nome na *Morgadinha de Val-flor,* na *Fédora,* na *Leonor Teles, Marionnetes, Edade de Amar, Montmartre, Maria Antonieta* e muitas mais.

Palmira Bastos

Palmira Bastos é indubitavelmente uma grande actriz.

Pena tenho de não poder divagar sobre a sua brilhante carreira artistica, como preito ao seu talento e á sua amizade.

De *Maria Matos,* a actriz que alia a sua grande inteligencia ao seu enorme talento, podemos dize-lo afoitamente que é a nossa melhor caracteristica.

E alem de grande caracteristica é uma excelente ensaiadora, uma optima dirigente da sua companhia, tendo como auxiliar, seu marido o actor Mendonça de Carvalho.

De multiplas facetas e de brilho inconfundivel, o talento de Maria Matos ficará mostrando aos vindouros um raio brilhante de uma geração que já se extinguiu.

Apesar de pertencer á geração de Palmira, de Leonor Faria e de Luz Veloso, referir-me-hei á grande actriz Lucilia Simões no Capitulo —Artistas novos — pois é nos nossos dias que Lucilia se tem firmado e engrandecido, no alto pedestal que aliás já ocupava nos tempos do D. Amelia.

JOÃO ROSA

João Rosa foi o maior actor da sua geração. Soube afirmar-se sempre em todo o seu vasto reportorio, como artista de enormissimo talento; os seus velhos eram admiraveis, os seus galãs eram assombrosos.

Caindo-lhe nas mãos, quasi todos os *canastrões,* João conseguia torna-los em papeis deliciosos, mercê do seu alto saber.

Grande actor na verdade; depois de Tasso e de Santos, foi o maior com quem contrascenei.

De uma simplicidade e bonomia atraentes,

era tambem a pessoa mais esquecida, que tenho conhecido.

Lembro-me nitidamente, que numa das scenas de *Henrique III* (interpretado por Augusto) estando este mônarca, sentado no trono rodeado pelos seus *mighonts,* um pagem anunciava: «O duque de Guise». E João Rosa entrava armado da cabeça aos pés, de viseira subida, e tinha de dizer: «Eu venho poupar Vossa Magestade...».

Pois numa das representações João entrou magestoso, e curvando-se perante o rei, disse num ar enfatico e nobre:

— «Eu venho papar V. Ex.ª...».

O nosso espanto foi enorme, julgamos que tivesse endoidecido; mas João Rosa continuou imperturbavel, sem perceber o que tinha dito.

Era desta jaez, a distracção do grande actor, que interpretou com tanto encanto, com tanto talento, esses papeis que jamais poderão ser representados, sem nos lembrarmos do sublime actor.

Assim *O Abade Constantino,* o Froilão do *Alfageme de Santarem,* o Mestre d'Aviz da *Leonor Teles,* o D. Pedro da *Morta, o Cardial Richelieu,* o Belac da *Sociedade onde a gente se aborrece, o Luiz XI,* o Siriex da *Fédora, o Grande Industrial,* o Yago do *Othelo* e tantos outros, que foram verdadeiros titulos de gloria do grande actor de que venho falando.

E a gloria de João Rosa ha-de perdurar, porque, incontestavelmente ele foi uma das mais altas figuras do nosso Teatro.

AUGUSTO ROSA

Augusto Rosa, foi um actor admiravel no seu genero.

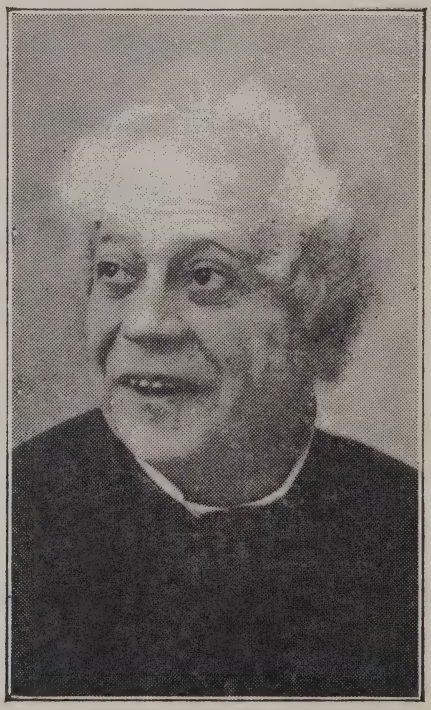
Aureola-lhe a fronte, a criação assombrosa do *D. Cesar de Bazan,* prototipo do panache e da bravura, excedendo o mestre da scena francesa *Coquelin ainé;* a sublime criação do Duque de Septimon na *Estrangeira,* em que foi superior a Le Bargy; Alvaro Vaz d'Almada, o Conde de Avranches no *Regente,* D. Diniz na *Leonor Teles,* na *Guerra em tempo de paz,* patenteou-nos a sua infinita graça e delicadeza; e quantas criações mais!

Augusto foi um verdadeiro *gentleman;* o seu nome é imortal. Ainda hoje me comove, recordar esses personagens, que tanto enobreceram e elevaram o Teatro Portuguez.

JOAQUIM D'ALMEIDA

Espirito irrequieto e turbolento, passou vertiginoso pelos Teatros de D. Maria, da Trindade, da Rua dos Condes, do Ginasio, do Prin-

cipe Real e Baquet do Porto, nunca se sentindo bem em nenhum deles. Joaquim d'Almeida foi um grande actor na comedia e no drama.



Joaquim d'Almeida no *Papá Lebonara*

Teve interpretações assombrosas no *Saltimbanco,* no *Papá Lebonard.* nos *Lazaristas,* etc., etc.

O espirito interessante do homem e do artista, já dorme, na paz do tumulo, e poucos se lembram dele (1).

FERREIRA DA SILVA

Durante a firma Brazão, Rosas & C.ª, como Carlos Posser, amigo de infancia, que representava então, em Teatros de segunda ordem, instasse comigo, para ingressar no Teatro D. Maria II, propuz a sua entrada na assembleia geral, sendo recusada pela maioria.

Passaram-se anos; a nossa empresa foi mudada pelos motivos já expostos em *Rosas & Brazão;* e, numa das *tournées* que os Rosas fizeram a Coimbra, encontraram lá um rapaz que cursava filosofia e matematica, e que, com imenso geito para representar, era então director do Teatro Academico. Indo ter com eles, mostrou-lhe o seu desejo de abandonar Coimbra, e de vir para a nossa empresa.

Chegados a Lisboa, João e Augusto propu-

(1) Ultimamente os actores Francisco Judicibus e Casimiro Tristão, fizeram construir o Teatro Joaquim d'Almeida em homenagem ao grande actor. E' por todos os titulos digno de elogio a obra desses belos rapazes querendo assim perpetuar um dos grandes nomes do nosso Teatro.

zeram-me a sua entrada, ao que acedi com a condição de entrar tambem o nosso colega Posser.

Ferreira da Silva, o jovem academico, estreou-se finalmente, e por algum tempo, não sei porque informações erroneas... julgou que eu tivesse sido o obstaculo á sua entrada.

Ferreira da Silva

Mas a nuvem passou rapida, e, durante a vida, fomos bons amigos e leais camaradas.

Ferreira, foi um actor muito pessoal, amoldando ao seu caracter o dos personagens que representava. Supriu a sua diminuta figura, a sua voz roufenha, pela sua inteligencia e pelo seu incontestavel talento.

Teve interpretações explendidas, como o

Bobo da *Aljubarrota,* o *Pai, o Morgado de Fafe, o Avarento,* etc.

Emfim, Ferreira foi um grande actor, foi um leal camarada, e um inteligente e espirituoso cavaqueador.

JOSÉ RICARDO

José Ricardo

Ha poucos anos o Teatro de declamação abriu de par em par as suas portas para receber mais um filho ilustre que se recolhia ao seu seio.

Era ele José Ricardo, o grande comico da opereta onde o seu nome ficou gravado, acima dos mais ilustres; e, entrando para o Teatro de declamação, novas coroas de gloria foram depostas aos seus pés, novos aplausos coroaram as suas brilhantes interpretações.

E', dos da minha geração, o unico que tra-

balha (1), honrando sempre o Teatro Portuguez. As suas criações são inumeras, pois todos os papeis são criações para José Ricardo.

Que ele continue no seu trabalho imorredoiro, é o que o Teatro Portuguez lhe deseja, como restea de sol, de antigas gerações.

CHABY PINHEIRO

De uma ilustração e inteligencia completissimas, Chaby é hoje o nosso melhor *diseur*. Prejudicado pelo fisico, aproveita-o todavia, para os papeis que interpreta, com uma mestria assombrosa, com um talento inexcedivel.

A sua graça é expontanea, sem os artificios rebuscados que nos enfastiam.

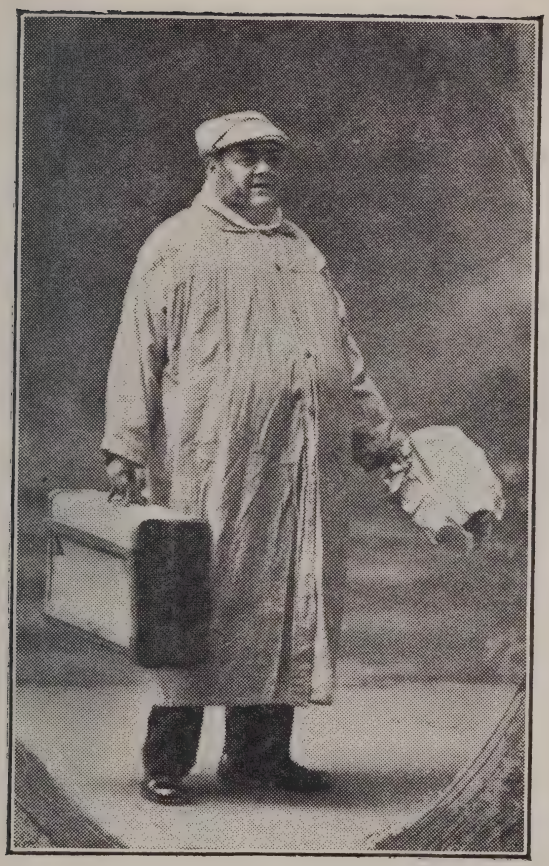
As interpretações que mais gravadas ficaram no meu espirito, rindo-me ainda ao recorda-las, são:

O hoteleiro da *Bisbilhoteira,* o Zé Maria do *Conde Barão,* o Venancio Pereira do *Amigo de Peniche, o Genro do Sr. Poirier,* etc., etc.

Chaby, Nascimento e Amarante, — são a trempe do riso espontaneo, que nos brota irresistivel á flor dos labios, refrigerio á vida e aos seus sofrimentos.

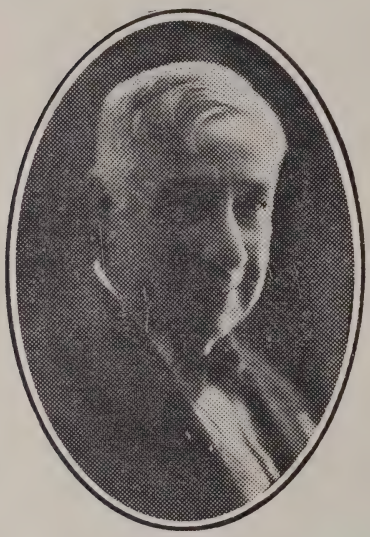
---

(1) Depois da morte de Joaquim Costa.



Chaby Pinheiro no *Amigo de Peniche*

AUGUSTO DE MELO E JOAQUIM COSTA



Joaquim Costa

Como me consola, recordar os já raros amigos da infancia; esses colegas que me foram acompanhando na minha arte; que se foram elevando com o seu talento e o seu trabalho, apanagio de antigas gerações!

De todos esses que a morte já ceifou, restam-me dois—Augusto de Melo, espirito perspicaz d'artista, de inteligencia cuidada, e de vasta ilustração; professor eximio do Conservatorio d'Arte de Representar, sapiente ensaiador e artista de primeira plana, e Joaquim Costa, delicioso actor no seu genero, *vedeta* tanto na revista como na comedia.

E quantas diabruras de rapaz, me ocorrem, ao escrever o seu nome!? (1)

Pinto de Campos, belo actor, representando no seu tempo segundo a escola d'hoje.

Cesar Polla, excelente *diseur.*

Fernando Maia, actor culto e inteligente.

Alvaro Filipe Ferreira, distinto galã romantico.

João Gil, inteligente obreiro da sua arte.

Cristiano da Silva, considerado actor no seu genero.

Queiroz, evidenciou-se principalmente na opereta, onde foi *vedeta* e agradando tambem na comedia.

Inacio Peixoto, teve criações admiraveis no seu genero.

Antonio Pinheiro, hoje o mais sapiente ho-

---

(1) Ao entrar este livro no prelo, chega-me a noticia da morte de Joaquim Costa, o grande actor da naturalidade, o criador inimitavel do barbeiro dos *Velhos* e do *Cabo Elisio,* meu amigo da mocidade, e companheiro da escola!

Quantas lagrimas amargas, sulcaram a minha face, nessa hora agreste do findar da tarde em que o seu corpo ia refugiar-se num humilde jazigo, a mansão do esquecimento humano.

Como o findar é triste! Como é triste ver desaparecer, aqueles a quem amavamos, aqueles a quem estremeciamos!?

mem de Teatro, grande ensaiador e inteligente actor.

Carlos Santos de uma geração mais moderna, filho do grande Santos, é uma das maiores inteligencias do nosso Teatro, sabedor do seu *metier,* distinto professor do Conservatorio, fazendo um exame brilhantissimo para a cadeira que hoje ocupa.

Henrique Alves foi no D. Amelia um belo actor comico e de excelentes qualidades.

Carlos d'Oliveira, de enormes faculdades artisticas.

Tomaz Vieira, excelente actor, hoje no genero excentrico.

Luiz Pinto, engraçado actor comico.

De Alves da Cunha, Henrique d'Albuquerque, Rafael Marques e outros artistas que como estes, já marcavam no D. Amelia logares de destaque, referir-me-hei no capitulo — Artistas novos.

E assim termino com esta resenha de artistas, que davam honra ao Teatro Portuguez, nesse tempo aureo em que havia companhias de conjunto.

CAPITULO XVIII

DRAMATURGOS INSIGNES

LOPES DE MENDONÇA

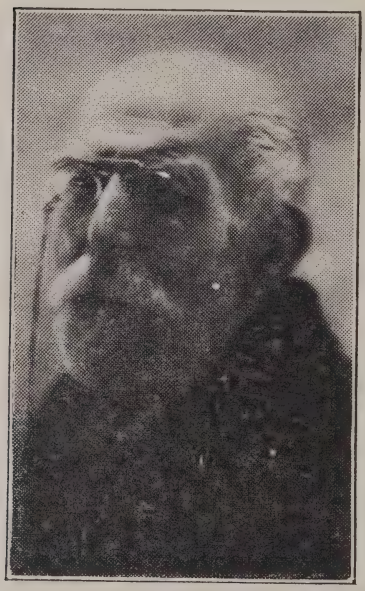
E'-me deveras grato recordar os dramaturgos do meu tempo.

Não devia, nem podia esquecer essa inumera e brilhantissima pleiade, a cujo talento fiquei devendo alguns dos meus maiores triunfos na arte teatral.

Principio por saudar calorosamente o iminente escritor e meu grande amigo Henrique Lopes de Mendonça, por ser de todos os dramaturgos do seu tempo, o unico que ainda vive. Quero agradecer-lhe aqui, cheio de profundo reconhecimento, a honra imerecida que sempre me deu, escolhendo-me para interprete das suas geniais criações.

Os dramas de Lopes de Mendonça são dos

mais belos de todo o nosso Teatro:—o *Duque de Vizeu,* cheio de grandeza e de conhecimentos scenicos, é para mim a sua melhor peça; o *Afonso de Albuquerque* é a revivescencia estupenda duma figura imensuravel da nossa historia; *A Morta* dá-nos admiravelmente o reinado de D. Pedro I; *A Saudade,* é um gracioso *bouquet* de amor; e o *Crime de Arronches*, ainda ha bem pouco representado no Teatro Nacional, é uma peça em que o autor mantem, na firmeza duma tecnica perfeita e no conhecimento exacto dos valores dramaticos, as suas qualidades de homem de Teatro.



Lopes de Mendonça

Enfim, Henrique Lopes de Mendonça é um nome que jamais se apagará da nossa literatura, enquanto houver o culto da arte em Portugal.

JULIO DANTAS

Depois de saudar Lopes de Mendonça, não quero deixar de prestar a minha homenagem a Julio Dantas que, embora mais novo do que aquele, é tambem uma das individualidades mais notaveis da nossa dramaturgia. Dantas é o autor de algumas dezenas de livros que o publico procura e lê, sempre com interesse e agrado, e é o presidente da Academia das Sciencias de Lisboa.

Julio Dantas

De toda a sua obra teatral quero destacar o *Paço de Veiros, A Ceia dos Cardiais* e *O que morreu de amor,* peças que de per si só bastavam, para que o autor ocupasse um logar de relevo entre os dramaturgos do seu tempo.

D. JOÃO DA CAMARA

E agora passemos aos mortos... Dentre estes, tem jús a primasia o meu saudoso amigo D. João da Camara, esse extraordinario dramaturgo que nos fez recordar trechos amargos da nossa historia e episodios floridos da nossa vida rustica.

D. João da Camara cultivou todos os generos, e em todos eles soube afirmar o seu enorme talento.

Alcacer Kibir, a sua obra prima, é uma peça em que prepassam figuras tão nossas e caracteres genialmente definidos!

Afonso VI é tambem uma obra admiravel como revivescencia historica.

E a proposito deste drama contarei um facto que sucedeu comigo na interpretação do atraiçoado monarca: para a composição do personagem que me fora distribuido, pedi ao saudoso dramaturgo que me indicasse alguma obra, onde podesse estudar com minucia, a indole de *Afonso VI.* Indicou-me João da Camara a *Anti-Catastrofe,* que li o mais atentamente possivel; e depois de a ler, admirado por ver que João da Camara havia deturpado absolutamente a figura do seu personagem, procurei-o e disse-lhe:

— Fique o meu amigo sabendo que o livro que me indicou não condiz em nada com o que escreveu!

— Deixe lá, não faça caso; represente o meu *Afonso VI.*

E assim foi. Logo no dia seguinte Colares Pereira, critico teatral, dava-me uma grande pancadaria por eu ter transformado o vacilante monarca, num tirano e algoz.

D. João da Camara

E, passados alguns dias, encontrando-me com o mencionado critico perguntei-lhe:

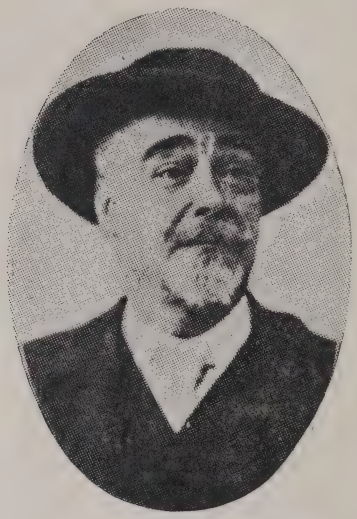
— Olhe lá, então V. queria que eu transformasse a peça do «autor?»

— Não meu caro Brazão, não é isso, mas é que me ficava mal dar pancada no D. João da Camara!...

E no entanto, apesar dalguns destes pequenos nadas, a sua obra é estupenda, tanto no *Alcacer-Kibir* e no *Afonso VI* como na *Triste Viuvinha* e nos *Velhos.*

* * *

Marcelino Mesquita e Fernando Caldeira foram dois grandes dramaturgos em campos completamente opostos.



Marcelino Mesquita

O primeiro vigoroso e patético, o segundo mavioso e ingénuo; mas ambos assombrosos—Marcelino na pérfida *Leonor Teles,* e Caldeira na pura e casta *Madrugada.*

São dois astros que fulguram sem cessar; um da côr rubra do sensualismo, o outro da côr palida da castidade.

* * *

Salvador Marques foi o evocador scenico dos *Campinos.*

Antonio Enes, foi o grande escritor dos *En-*

geitados, do *Saltimbanco,* do *Luxo,* da *Emigração* e dos *Lazaristas.*

Abel Botelho tambem se revelou grande no *Germano*, na *Jucunda,* na *Claudina,* nos *Vencidos da Vida,* etc.

Alberto Braga foi o burilador da *Irmã* e do *Estatuario.*

Coelho de Carvalho o sapiente investigador de tantos temas da historia antiga, e o psicologo admiravel do caracter popular.

Eduardo Schwalbach, é ainda um grande comediografo, imprimindo sempre na sua vasta obra uma execução e tecnica verdadeiramente admiraveis.

E muitos mais que a minha enfraquecida memoria não gravou nitidamente. Todos Soes que iluminam e iluminaram com a sua luz bemfazeja o nosso infelizmente precario patrimonio teatral.

CAPITULO XIX

FIALHO NA CRITICA

Qual é o portuguez amante da sua patria e daqueles que a honraram, que não conhece Fialho, pelo menos de nome? Quem ha aí que não conheça esse escritor assombroso—o psicologo admiravel da *Cidade do Vicio*, do *Paiz das Uvas* e dos *Contos,* o critico mordaz dos *Gatos,* da *Vida Ironica* e de tantas outras obras cheias de interesse e de beleza? Creio bem que pessoa alguma de mediana instrução, desconhece este iconoclasta tremendo que, ao mesmo tempo, foi uma das maiores figuras literarias da sua epoca.

E que honra para nós, artistas ou não artistas, que tivemos, deixai-me dizer, a dita de ser criticados por este grande prosador.

Porque Fialho d'Almeida não era um qualquer de quem a obra desaparecesse, pela evolução continua da literatura, pelas metamorfoses porque ela passa.

Não! a obra do grande demolidor, talvez contribuindo para a decadencia que atravessamos, marca profundamente o caracter da sua epoca, o seu proprio caracter indomito e inflexivel.

Fialho d'Almeida

E' pois com orgulho e não com recentimento, que transcrevo, na integra, esse artigo a meu respeito, tão bem manejado, tão eloquentemente composto, que o fel com que ele me inunda se transforma em perfumada ambrosia.

E, demolindo-nos, Fialho alteia-nos, ou pelo menos, se preciso fosse, tornava-nos conhecidos.

BRAZÃO O OLYMPICO

Figura d'actor francez, indole ardente, braços descommunaes, e uma voz sem flexibilidade com tendencia a enriquecer o som pelos rugidos. E' a figura principal da companhia, e as suas bellas intrometidas, revelando

um buscador audaz de lances scenicos, lá vão percorrendo toda a escala de generos onde o lado brilhante possa dar-lhe ensejo a effeitos calorosos. A sua galeria é extensissima, e se não deixa um grande papel scientificamente composto, de fora para dentro á Coquelin, deverá isso atribuir-se á sua indole oratoria de portuguez desamorado dos infinitamente pequenos da psychologia, e apenas vendo pela corticula emphatica, creações destinadas a emocionar plateas que não pensam. Tem na distribuição dos papeis, oiço dizer, a parte do leão, gostando de confrontos, pouco, e evitando em toda a scena por isso todas as situações em que o publico podia comparal-o desvantajosamente a algum dos mais. No *Othelo* por exemplo, Iago irrita-o, por lhe parecer que os applausos não visam exclusivamente o ciume de moiro que elle enrouquece a dar nos possiveis da sua artificialidade de sceptico alfacinha. Como todas as indoles de proscenio, recebe mal que se triumphe e medre ao lado d'elle; a evidencia é uzeira e vezeira em sovinices d'estas, e na vida de theatro a lucta pela voga é uma coisa tão rude, que muitas vezes os artistas gastam em intrigalhas de bastidor o talento que depois lhes vem a fazer falta para o desempenho dos papeis.

E' por isso talvez que ha uns anos para cá quasi toda a companhia estacionou, explorando pelo rodriguinho e affectividade estupida do vulgo, e guizando o repertorio novo com os trez ou quatro narises de cera creados para o velho. Esta paragem não é apenas nociva pelos entraves locaes que determina, senão por

ess'outros que generalisa em tudo quanto tem relação com uma ideia de conjuncto.

No theatro, como na rua, as figuras paradas perturbam o livre transito; os individuos activos veem-se obrigados a contornar esse obstaculo, visto como, sendo elle grande, lhe não possam passar por cima, e é o caos dos actores novos, annos e annos á espera que a policia da critica restabeleça a circulação que um mal entendido orgulho se compraz d'interromper. Comparada á dos societarios seus colegas, ainda assim a carreira de Brazão não se pode dizer posesse ponto: primeiro, é um talento torrido, com accumulações de seiva em plena floração; a edade não lhe peza, a vida regorgita-lhe em borbotões de esbelteza ductil da figura, e vendo-o na scena repetir-se, explorar dos papeis apenas a oratoria, lançar a voz e os braços em certa altura dos actos, como para salvar a nado a peça, o que se apercebe não é com certeza no artista um tolo estanque, senão alguem que em face de broncos, guarda o oiro da lei p'ra lhes lançar desprezivamente uns tentos de latão. D'estas escamoteações somos todos culpados, e não só no theatro, mas em tudo, pois com o nosso ar de bonhomia servil, d'enthusiasmo fingido, tudo nos é por egual indifferente; um individuo ou um facto vivem no nosso espirito apenas para o momento em que apparecem; insistem, supponhamos, e logo a fadiga que isto nos causa se transforma rapidamente em irritação — do que acontece resolverem-se ás vezes pela troça coizas que tinham entrado em nós pela ternura ou pelo extasi.

Esta é a falta d'interesse das naturezas cacheticas de leitura, dos espiritos pairantes, que em todos os meios intelligentes usam ser os maiores da opinião; sustada sua influencia na arte, ficarão as questões á mercê das instinctividades desordenadas da turba, que assim achará tudo mau ou tudo bom, conforme lhes bata ou não bata o coração. D'esta sorte acontece que os actores portuguezes sejam quasi todos feitos pelo publico ordinario, que os ensaia a tirante das suas apetencias grosseiras, tornando-os em meros figurinos d'uma *sensibleria* d'occasião. Não posso dizer se a edade, coberta d'experiencia, e apaziguada nas sedes de brilhante que fazem o continuo anhelo do actor cego de palmas, recapitulará um dia em Eduardo Brazão as esperanças maximas que alguns partidarios seus pozeram no seu estro.

E' possivel que abandonando os papeis de galan, de linha janota, fatigada a larynge dos berros cavos que levantam aos domingos as plateas de caixeiros, e sazonando o artista pelos martyrios do estudo que á hora dos cabellos brancos amoedam o caracter n'um typo adentrado á cogitação das modalidades do ser interior, d'esta ensimesmação moral surja um actor verdadeiramente forte para nos dar centros de peças, detalhados para dentro, já sem as pandilhices discursivas que são o facil do officio, e de que todo o creador tem obrigação de fugir como d'uma bortoeja deshonesta. Em Eduardo Brazão valeria a pena investir contra esta barreira formidavel, alem da qual só se é verdadeiramente no theatro um typo superior, porque depois dos actores

romanticos contemporaneos d'Emilia nenhum como este se revelou mais bem dotado, sendo pena que o publico lhe peça tão pouco, e que elle, com uma escala d'aptidões tanto ao moderno, não tenha feito por egualar-se aos grandes comediantes, desprezando a pepineira facil dos applausos, desbridando o talento á custa de martyrio, cravando as unhas na alma té o sangue lhe espirrar na plasticisação d'uma galeria esculptada com todas as vesanias e resaibos da psychologia individual contemporanea, tão pathologica, tão louca, e de que um grande observador faria o laboratorio de shakespearisações estranhas e terriveis. (1)

(1) Do n.º 3 d'*Os Gatos*—2.ª serie de 25 de Janeiro de 1894.

CAPITULO XX

NO D. AMELIA, NO D. MARIA E NO PRINCIPE REAL

ENTREVISTA DE LUCINDA SIMÕES COM EDUARDO BRAZÃO (FILHO)

Lucinda Simões, que eu desde pequeno admiro, e com quem tenho privado de perto, em nossa casa, nesses jantares, que a grande actriz anima com a sua *verve* tão subtil, sabendo que eu estava compilando as Memorias de meu Pai, quer falar do D. Amelia.

E é com verdadeiro prazer que associo Lucinda Simões, a estas pobres Memorias, tecidas somente pelo meu esforço e pelo meu carinho.

* * *

A grande actriz está sentada num *maple* do meu escritorio: e o seu rosto ilumina-se, ao

recordar o passado tão belo do Teatro Portuguez.

E no seu tom de voz ainda tão harmonioso, tão insinuante, diz:

— A Companhia do D. Amelia, Eduardo, foi a mais extraordinaria que se reuniu!

— Era então deveras boa?

— Se era! Não podes calcular! Imagina que era composta pelo teu pai, pelo João e Augusto Rosa, Pinheiro, Augusto Antunes, Cristiano de Sousa, Henrique Alves, Alvaro Cabral, Chaby, que então principiava; Carlos d'Oliveira, Rosa Damasceno, Angela, a minha filha, eu, Maria Falcão, Maria Pia, Carolina Falco, Elvira Costa, etc.

— Que conjunto, Sr.ª D. Lucinda?!

Lucinda Simões sorriu-se, ia falar, mas lembrou-se que as suas palavras iam ser escritas!

E quantas coisas interessantes nos diria a grande actriz?!... mas continuou:

— Esse negocio com a empresa Rosas & Brazão, foi o mais assombroso que se tem feito?

— Sim?

— Imagina tu que a empresa trouxe para o D. Amelia um repertorio de 43 peças primorosamente montadas, mobiliario riquissimo, arquivo, scenarios assombrosos do pincel do grande Marini; enfim um repertorio que qualquer empresario sabedor do seu *metier,* teria aproveitado para

muitas epocas. Pois o negocio fez-se não entrando em linha de conta nenhum destes pertences.

— E o repertorio durou muitas epocas?

Brazão n'*O que morreu d'amor*

Lucinda sublinhou a frase e disse:

— Uma só, Eduardo...

— Como pode ser?

E a grande actriz cortou o assunto, para falar das criações de meu pai, do João e do Augusto, durante essa epoca.

— A primeira peça que se representou foi *O que morreu d'amor,* de Julio Dantas, soberba criação de teu pai.

— Foi tambem nesta epoca que se representou a *Ceia dos Cardeaes?*

O rosto de Lucinda brilhou de comoção e alegria.

— Tu podes lá supor o que foi essa *première!?*

— Calculo.

— Não calculas não! Foi um assombro, desde o scenario e as baixeias, até ao trabalho de Julio Dantas que devia bemdizer o acaso, ao escrever trez cardeaes, para trez eminencias!

— Tenho ouvido meu pai dizer que a scena estava riquissima!

— Se estava! Imagina que no final da noite, o fiscal do Teatro veio ter com Augusto, que era então director de scena, para lhe dizer que não ficaria só no Teatro, com tanta riqueza.

— E o Augusto?

— Arranjou trez policias.

— E que peças seguiram?

— Pouco mais ou menos reprises das peças representadas no D. Maria!

— E depois?

Brazão na *Ceia dos Cardeaes*

— Depois, teu pai saiu, quando o Braga poz em scena uma opereta, dizendo ao tão falado empresario, que tivesse paciencia, pois temia que ele se lembrasse de pôr uma revista, e o mandasse para a scena de comboio á cabeça cantarolando:

Brazão no *Afonso d'Albuquerque*

Eu sou o comboio, comboio, comboio...

— E foi...

— Para o D. Maria, onde fez algumas reprises, e o *Afonso d'Albuquerque,* uma das suas maiores criações, da autoria de Henrique Lopes de Mendonça, e o *Judas* de Augusto de Lacerda, saindo pouco tempo depois para o Principe Real.

— Porque motivo?

— Oh! meu filho... Sociedades artisticas...

— Ah! percebo! E não houve nesta ocasião um acto interessante d'alguns dramaturgos?

— Ah, sim, isso é preciso registar!

— E quais foram?

— O Lopes de Mendonça que retirou a sua peça *O Azebre* do Teatro do Governo, dando-a para o Principe Real; o Marcelino com o *Envelhecer,* enorme criação de teu pai; e o Vasco de Mendonça, que então começava a sua carreira, na contingencia de que a sua primeira peça não fosse representada.

— E o publico?

— O publico estava todo a favor dos artistas.

Não podes imaginar o que foi essa primeira representação!

— Sim?

— Olha, o Vasco de Mendonça creio que esgotou as flores de Lisboa que foram atiradas ao palco, que ficou completamente coberto; emfim, uma grande manifestação!

— E não houve nesta temporada umas conferencias?

— Sim, foram organizadas tambem pelo Vasco de Mendonça e realizadas pelos vultos intelectuais de Lisboa, com a colaboração dos artistas.

— Deviam ser interessantes!?

De algum facto se lembrara Lucinda, e cheia de reticencias disse:

— Algumas... que pena não se poder contar tudo!?

— Quais eram os artistas que estavam nessa companhia?

— Olha, era o teu pai, o Ferreira, eu, a Maria Falcão, o Cristiano, etc.

— E as peças que se representaram?

— Uma grande criação de teu pai; o *Envelhecer,* de Marcelino; *O Azebre,* de Lopes de Mendonça, e *O ultimo beijo,* de Vasco de Mendonça, que já mostrava o talento que possuia, manifestado mais tarde, em tantas outras peças!

Lucinda Simões levantara-se, dava por terminada a entrevista, ou antes, a conversa amigavel; e já da porta do meu escritorio disse-me, no seu costumado sorriso nobre e gracioso:

— Olha, Eduardo, escreve tudo quanto houver de mais elevado a respeito de teu pai, tudo quanto eu sinto pela grande admiração e amizade que lhe tenho, mas que não sei reproduzir nas palavras banais que usamos.

CAPITULO XXI

DEVE UM AUTOR DRAMATICO SER TAMBEM CRITICO TEATRAL?

Um dia, ha já muitos anos, um bom amigo meu que, de ha muito se havia revelado um distintissimo escritor, veio ler-me uma peça que concluira pouco tempo antes.

Ouvia-a com sincero agrado, dizendo, no entanto, ao seu autor, que não a poderiamos pôr imediatamente em scena pela despesa que tinhamos feito com a peça que então se representava!

Passado pouco tempo, subia á scena o *Intimo,* de Schwalbach, peça e desempenho que teve um unanime sucesso de jornal e do publico.

Era então critico teatral o escritor de que venho falando; o seu artigo, que apareceu no dia imediato ao da representação, era o mais elogioso possivel, tanto para a peça como para os interpretes.

Mas, caso curioso, fazendo eu o protagonista, o meu nome não vinha sequer mencionado; e, no dia seguinte, o mesmo critico escrevia pouco mais ou menos estas palavras:

«Ao fazer a critica da peça, esqueceu-nos falar de Brazão...» e seguia-se um longo elogio á minha pessoa e á interpretação do *Intimo;* «mas», concluia: «Brazão é um actor de cujo trabalho o publico se esquece completamente logo no dia seguinte.»

Recortei este final para o guardar cautelosamente na carteira.

Tempos depois, a peça a que ao principio aludi, era-nos lida oficialmente, sendo aceite por unanimidade.

Finda a leitura procurei o autor e disse-lhe:

— Como os autores teem o direito a escolher os seus interpretes, dize quais são os artistas que escolhes para representar a tua peça.

— Eu tinha-te escolhido para o principal papel: foi nessa ideia que fiz o meu trabalho!

— Para mim? Tu não estás no teu perfeito juizo?, e, tirando o pedaço de jornal que guardara na carteira, disse-lhe: Então tu afirmas que as minhas interpretações são esquecidas pelo publico no dia seguinte e queres que eu vá fazer o protagonista da tua peça? Olha que ficas prejudicado... nunca mais se lembrarão do teu trabalho!

— Oh! Brazão, desculpa-me, aquilo foi escrito num momento de zanga!

— Pois sim, mas palavras leva-as o vento, e o que fica escrito, fica escrito.

Augusto de Lacerda

Perante a minha recusa, o autor foi pedir a João Rosa que fizesse o protagonista, ao que este se recusou, dizendo-lhe que seria de má camaradagem interpretar um papel que tinha sido escrito para mim!

O autor guardou a sua peça na gaveta... e nunca mais se falou no assunto, ficando nós amigos como sempre.

Passaram-se anos, e um dia, nas Pedras Salgadas, encontrando-me no mesmo hotel com a pessoa de que venho falando, fui ao seu quarto pedir-lhe uns versos para recitar num sarau que se realizava nessa mesma noite, no Casino. Depois de aceder ao meu pedido, o meu velho amigo ficou falando acerca de muitas coisas. De subito, porem, disse-me:

— Oh! Brazão, eu queria pedir-te um favor.

— Não digas nada, já sei o que é. Queres que te ponha a peça, não queres?

— Era isso, era.

— Pois bem, quando chegar a Lisboa, tratarei do assunto.

E, num apertado abraço, todos os meus possiveis melindres desapareceram, e se até aí tinhamos sido amigos, daí em diante aumentou essa amizade e admiração, da minha parte, por Augusto de Lacerda, o encantador e mavioso dramaturgo da admiravel peça a que venho aludindo — *Judas*.

CAPITULO XXII

RUI CHIANCA E A SUA OBRA

Um dia, o então novel escritor, apareceu em minha casa com uma carta de recomendação de Ana de Albuquerque, minha ex-colega, casada com o general D. Luiz da Camara Leme, trazendo-me para lêr uma peça dum acto em verso.

A comedia agradou-me; no entanto era dificil coloca-la num espectaculo já preenchido pelos três a quatro actos das peças modernas. Disse-lhe, pois, que se tinha vontade de tentar o Teatro, escrevesse uma peça mais extensa... e nunca mais pensei no caso!

Mezes depois, Rui Chianca visitava-me de novo, trazendo dois actos de uma peça que tinha idealizado, e que não queria terminar sem ouvir o meu parecer.

Escusei-me ao principio, pelo muito trabalho que tinha nessa ocasião, mas, instado pelo moço escritor, prestei-me a ouvi-lo.

Antes de começar, Rui Chianca pediu-me que desse desconto á sua recitação, pois tinha o defeito de gaguejar a lêr.

Rui Chianca

Fez-se a leitura e foi tal a boa impressão recebida, apezar do muito gaguejar do autor, que pedi ao Visconde de S. Luiz de Braga para

lêr imeditamente esses dois actos, verdadeiramente espantosos para um principiante, cheios de engrenagem teatral, de finais de actos empolgantes, de versos sonoros e melodiosos, que fizeram tambem o assombro do Braga que me pediu para mandar dizer ao autor que concluisse a sua peça o mais rapidamente possivel, para imediatamente a pôr em scena.

A peça, como deveis calcular, era *Aljubarrota,* baseada na *Abobada* das Lendas e Narrativas de Herculano, e que representada tempos depois, colocou Rui Chianca na primeira fileira dos dramaturgos modernos.

* * *

Passado tempo escreveu *D. Francisco Manuel,* peça de mais intensidade, de mais acção, enfim de mais tecnica teatral que *Aljubarrota.*

E os criticos, os mesmos que o tinham elevado aos pincaros da celebridade a quando da sua estreia, derrubaram-no cruel e injustamente na nova peça.

Porque seria?...

Pertence ao segredo dos deuses... e dos criticos.

O que é certo é que Rui Chianca que, entre os modernos, marcou o seu logar na primeira fileira, nunca mais delineou aquelas figu-

ras tão nossas, tão portuguesas, tão verdadeiras, como o cego Afonso Domingues orgulhoso da sua patria, o arquitecto sublime da sala do Capitulo da Batalha, ou D. Francisco Manuel de Melo, o fidalgo, escritor e namorado, protótipo do *panache,* da bravura portuguesa do seculo XVIII.

E, hoje, só podemos reler, nos seus livros, as poucas figuras que animou tão soberanamente, sem termos o consolo de ver novos herois portugueses, aplaudidos por portugueses tambem, amantes da sua patria, que ao verem passar aqueles, que deixaram gravados os seus nomes tão profundamente na nossa historia, sentem orgulho desta patria tão bela que se honra de inscrever entre os seus filhos, o nome já aureolado de Rui Chianca.

E, atravez do Oceano que separa as duas patrias irmãs, eu envio ao notavel dramaturgo que lá se encontra, nas longinquas paragens de Santa Cruz, os meus emboras afectuosos, cheios de gratidão e reconhecimento, por me ter escolhido para reviver essas duas figuras imortais, que ele modelou, cheias de brilho e de grandeza, na sua bela, mas diminuta obra.

CAPITULO XXIII

NO D. AMELIA, A MINHA DOENÇA E A REAPARIÇÃO NO D. MARIA II

Do Principe Real, parti com Ferreira da Silva, para o Brazil, na empresa de Eduardo Victorino.

Demoramo-nos de Julho a Agosto de 1909, representando-se o *Envelhecer,* o *Bibliotecario, Kean, João José, Afonso de Albuquerque* e *Hamlet.*

De regresso a Portugal, fui de novo para o D. Maria II, onde fizemos a *réprise* do *Marquez de Villemer* e pondo em scena *Os Filhos,* original de Vasco de Mendonça.

Estamos em 1910...

Regressei ao antigo D. Amelia transformado nesse ano em *Republica,* abrindo com a *Promessa,* de Vasco de Mendonça.

Nessa temporada de exploração, S. Luis de Braga, o grande emprezario, que dirigia o nosso

Teatro, contratou para umas recitas em Lisboa, os grandes artistas do Teatro Espanhol, Diaz de Mendoza e sua mulher Maria Guerrero.

Brazão na *Primerose*

E a proposito desta *tournée,* é de todo o direito que prestemos homenagem á memoria de S. Luis de Braga que com o seu *savoir faire,* conseguiu que o publico portuguez, admirasse os maiores vultos do Teatro estrangeiro, como

Zaconi, Mounet-Suly, Huguenet, Duse, Sara Bernhardt, e tantas outras celebridades, hoje desaparecidas, mas vivendo ainda na memoria daqueles, que tendo verdadeiro amor á arte teatral, sentiram-se orgulhosos, de a ver tão alta e tão sublimemente encarnada.

Seguiram-se as peças: *Papillon, Margarida do Monte,* um desastre artistico do grande Marcelino, a *réprise* do *Envelhecer,* uma das corôas scintilantes do mesmo autor, *Primerose, Aljubarrota,* de Chianca, dizendo o *Jornal do Comercio* que:

«Eduardo Brazão com todo o seu vigor artistico e com o seu modo impecavel de dizer o verso, fez do simpatico personagem do velho Afonso Domingues mais uma criação notavel que ficara ao lado de muitas outras que formam a sua gloriosa carreira de actor eminente.»

Seguiram-se a reprise do *Hamlet* em meu beneficio, *A Labareda* com Italia Fausto, *D. Francisco Manuel* de Chianca, *A mulher do Juiz,* deliciosa *pochade* em que a graça salta em todos os ditos e em todos os personagens.

Escreve *A Nação:*

«Brazão fez uma rabula magistralmente: quasi que só para o ver, vale a pena ir ao teatro.»

Razão mais forte de Chagas Roquete e Alvaro Lima e a reprise do *Bibliotecario.*

Neste ano de 1914 um terrivel incendio, devorou nas suas rubras labaredas, o querido Teatro da Republica.

Tudo quanto tinha no meu camarim se reduziu a pó; apenas entre os escombros, alguem descobriu a caveira do *Hamlet,* a primitiva, que ainda hoje conservo, negra das labaredas, desdentada, talvez pela sua velhice ao meu lado, desde que interpreto a obra imortal de Shakespeare.

E enquanto o Teatro da Republica se reedificava fomos para S. Carlos representando o *Gavião* de Croisset, seguindo-se o *Amigo Fritz*, etc.

Passados para o Republica, já reconstruido abrimos com *A noite de Santo Antonio* peça encantadora de Vasco de Mendonça, seguindo-se *O Cardeal* de Lewis Parker, tradução de João Soler.

Foi neste ano de 1917, que uma doença

grave, que os medicos prognosticavam de um *cancro* na laringe, afastar-me-ia para sempre

Brazão no *Cardeal*

do Teatro, senão fosse a energia de minha santa mulher que, indo contra os preconceitos dos medicos que me queriam operar inutilizando-me

completamente a voz, contra os proprios amigo sque viam nisto um absurdo inexplicavel, e ajudada pelo tratamento therapeutico de M.me Gibot, conseguiu manter-me no proscenio, a reviver ainda com mais amor personagens de que já me tinha despedido.

Joaquim Leitão

E quando a maior parte dos amigos me tinham abandonado como ser já desaparecido, Joaquim Leitão, o primoroso escritor, numa entrevista em minha casa, mostrou ao publico que eu ainda havia de representar!

E instado pela minha familia eu voltei de novo, como o filho prodigo de que nos fala a lenda, á casa paterna, á casa de Garrett.

E essa noite da minha reaparição em que se representava a candida *Madrugada,* o publico delirou de entusiasmo, como o pai ao abraçar o filho, que andou por tão diversas terras, não encontrando nunca a paz do seu lar, a paz da sua familia, que abraçava agora comovido e contente.

Carlos Santos numa enternecida homenagem

distribui pela sala um folheto escrito pelo seu punho, tão consolador, tão cativante!

Seguiram-se as peças *Cardeal (réprise), Morgadinha de Val-flor,* com Palmira Bastos, que então saía da opereta para a declamação, e mais uma *réprise* do *Hamlet.*

E de novo saí da casa paterna, como a andorinha emigrante, que ao sentir o inverno agreste, parte no seu bando, para voltar de novo na estação calmosa.

CAPITULO XXIV

NO GIMNASIO E NO AVENIDA COM PALMIRA BASTOS

No final da epoca do Nacional, saí com Palmira Bastos, grande actriz da opereta, e já neste segundo ano da sua carreira dramatica, tambem grande actriz de declamação, para o Gimnasio, o velho teatro da minha mocidade, estreando no *Altar da Patria* de Bernstein, sendo num dos ensaios desta peça que ao ouvir uma vozita agradavel e desconhecida, aproximei-me dos bastidores, perguntando a Carlos Santos, então director de scena:

— Quem é esta rapariga?

— É a Ilda Stichini, que vai estrear comnosco, depois de ter passado alguns anos na revista.

— Vamos aproveitá-la, pois parece-me que ha-de ser alguem!

E na verdade, não me enganei; em tres ou

quatro anos de declamação Stichini não poderia ir mais longe:

Seguiram-se as peças *Marionettes* e *Idade de Amar.*

Do Gimnasio passamos ao Avenida, onde representamos na epoca de inverno de 1919, reprises das peças do Gimnasio, e mais a *Leonor Teles,* terminando assim, esta agradavel emigração, numa companhia onde dardejava um sol bruxuleante — Palmira Bastos e uma estrelinha a querer despontar — Ilda Stichini.

CAPITULO XXV

ARTISTAS NOVOS

Tentei reviver a «grande geração», hoje quasi desconhecida, e que repousa na paz da morte; agora referir-me-hei aos artistas novos, que procuram com entusiasmo, continuar a obra dos que tanto enobreceram a nossa Arte Dramatica.

Aqueles foram grandes, estes procuram sê-lo, e creio bem que dentro em pouco colherão o exito merecido.

É com carinho que deles falo, como quem os viu nascer e, vacilantes, palmilhar o chão movediço da Arte.

* * *

Referir-me-hei em primeiro logar ás actrizes, iniciando este capitulo por Lucilia Simões.

Foi a discipula dilecta do grande Augusto Rosa, com quem muito aprendeu.

Lucilia Simões

Quando já caminhava firme, descobrindo sempre novos horisontes, aperfeiçoando-se cada vez mais, retirou-se; e depois de alguns anos, voltou de novo á scena, mais actriz, mais insinuante, ocupando hoje sem duvida, um relevante logar no teatro portuguez.

É uma actriz de pormenor, sabendo bem o que executa e procurando salientar em emoção e arte as situações.

Dizia-me uma vez sua mãe que Lucilia: — *era uma actriz exquisita.*

E tem razão na verdade. Não se parecendo com nenhuma outra, a sua personalidade tem realce, brilho, sedução. Presenciei o seu nascimento na arte, alegro-me de a vêr tão crescida!

ILDA STICHINI

Ha pouco tempo que começou e já hoje é a nossa melhor ingenua.

Regosijo-me de ter sido o seu primeiro guia no Teatro.

E ao ouvi-la re-

Ilda Stichini

presentar, esquecemo-nos do seu rosto singular, dos seus olhos rasgados em amendoa, para só nos enebriarmos com a sua flexibilidade gentil, com a sua voz doce e evocadora que encanta, prende e seduz.

Foi uma esperança, que se tornou realidade, com um largo futuro aberto deante de si, mas futuro sem nuvens a obscurental-o.

Que ela suba alto, hoje, como pomba candida e meiga, mais tarde como águia, é o que lhe deseja o velho actor, cujas esperanças se resumem nos novos de talento como ela.

Amelia Rey Colaço

AMELIA REY COLAÇO

De uma finura inegualavel, de maneios gentis, de uma voz

terna e vibrante, Amelia Rey Colaço é o *especimen* da actriz de sensibilidade moderna, requintadamente elegante, espirituosa e inteligente.

É tambem uma das esperanças que se tornou em realidade.

O seu futuro, como o de Stichini, é tambem amplo, cheio de promessas e cheio de bons augurios.

Como actriz, tenho uma profunda admiração pelo seu talento; como mulher, admiro-a.

* * *

São estas tres artistas, as que melhor teem marcado o seu lugar na scena; isto não quer no entanto dizer que as outras não progridam e sejam tambem rutilas promessas.

Para não prolongar esta resenha artistica, tornando-a monotona, apontarei apenas os nomes daquelas que pelo seu esforço e fé, em breve serão, quero crel-o, astros scintilantes.

Assim: Aura Abranches, Ester Leão, Irene Gomes, etc., etc.

Dos actores destacarei:

Alexandre de Azevedo que é hoje um dos nossos primeiros artistas.

Pertencente a uma pleiade de disciplina e de ordem, firmando já o seu nome no D. Amelia na peça a *Primerose* e em tantas outras, indo

para o Brasil onde esteve bastantes anos, voltou de novo a ocupar o logar a que tem jús pelas suas demonstradas qualidades.

Azevedo está hoje perto de Amelia Rey Colaço e creio que os dois artistas, hão-de enobrecer, com a sua inteligencia, o seu esforço, e o seu trabalho, o nosso Teatro.

Alves da Cunha é um artista de mérito e de optimas aptidões artisticas — mocidade e vigor.

Henrique de Albuquerque, é um perfeito *gentleman,* dentro e fóra do Teatro.

Tem belos papeis na alta comedia, onde a sua distinção domina. Sabe da sua arte, como homem inteligente que é.

Robles Monteiro, discipulo de Augusto Rosa, é um belo centro dramatico.

Rafael Marques tambem discipulo de Augusto Rosa, é um artista de grandes qualidades como os da velha escola; o seu instinto é feito de paixão pela arte.

Ribeiro Lopes, é talvez o nosso primeiro caracteristico. Tem subido sempre, e ainda se elevará, pela sua grande vontade, talento e inteligencia.

Clemente Pinto, apezar da sua inconstancia no trabalho, tem marcado pelo seu talento ajudado pela sua figura insinuante.

Samwel Dinis, é um excelente galã central e um optimo cinico. A sua criação em o *Ninho*

de Aguias marca o inicio de uma carreira que se me afigura de faceis predições.

Erico Braga, foi um dos modernos, a quem ajudei com todo o meu esforço e amizade!

É um galã inteligente e distinto.

Ha dois anos fez a sua melhor criação, — casou com Lucilia.

Joaquim de Oliveira, rapaz inteligente, vem mostrando quanto vale o estudo, acompanhado de indiscutiveis faculdades.

Nascimento Fernandes e *Amarante* aos quais já me referi, são dois actores por quem tenho especial predilecção.

E ao recordar-me deles, ainda me rio das suas jocosidades e dos seus ditos tão naturais, tão expontaneos e onde uma nota de burlesco resulta.

Outros artistas se movem tambem, confiantes, na actividade scenica portuguesa; perfis de actrizes graciosas e de actores cheios de esperança. São os que não terceram ainda armas definitivas: são os que tentam os primeiros passos, os que procuram firmar os seus temperamentos e amanhã todas as indecisões com que a arte enovela aqueles que virão a triunfar um dia.

Para esses actores e actrizes que ensaiam os primeiros vôos, que buscam o exito, o meu desejo de os vêr conquistar o logar que ambicionarem, mas conquistá-lo pelo trabalho afincado e pela fé perduravel.

CAPITULO XXVI

O ADEUS AO BRASIL

Instado por minha mulher e por meu filho, que ao ouvirem sempre as minhas palavras de grande admiração pelo Brasil, ambicionavam conhece-lo de perto e sentindo eu tambem uma vontade indiscritivel de vêr pela ultima vez esse povo que tanto me ovacionou e que eu tanto amei, resolvi partir em demanda das terras de Santa Cruz, da gloriosa patria irmã que todos nós portugueses veneramos.

Parti, pois, para o Brasil na companhia de que fazia parte a grande Lucinda Simões e Palmira Bastos.

E nos quinze dias passados nesse castelo flutuante que nos conduzia através os mares, eu revivi o sonho do passado, o Brasil d'antanho; os amigos leais que lá deixara e que já dormiam na campa raza ou no jazigo heraldico; a patria que quasi vi nascer e que fui acom-

panhando passo a passo na minha mente de apaixonado; e ensinava a meu filho como devia tambem amar esse país que tanto honrara seu pai, que tanto o festejara.

E ao chegar, a alegria que senti foi enorme por vêr que ainda tinha amizade lá nesse país de tantas belezas, de tantas maravilhas.

Os filhos daqueles que foram meus amigos, continuavam a sê-lo do já velho actor! A mesma admiração, o mesmo carinho, pulsavam nos corações dos bons brasileiros.

E uma noite pude verificar bem claramente a sua amizade e o seu afecto.

Um crítico qualquer, beliscara levemente na minha reputação artistica. Estava então no Teatro Municipal, quando, ao terminar o 2.º acto do *Hamlet,* o Dr. Leopoldo Frois, o grande actor brasileiro, entrou no palco á frente da sua companhia, protestando energicamente em nome do Brasil contra o crítico que me tinha maculado. E de cima do palco, insultou asperamente a individualidade jornalistica que se sentava num *fauteuil* de primeira fila.

E louco de comoção, com o sangue brasileiro a fervilhar-lhe nas veias, Leopoldo Frois lançou-se aos meus pés, chorando nervosamente.

E num apertado abraço, Portugal e Brasil uniram-se chorando comovidos.

É pois em Frois, a honra da sua patria, que

eu de alem do Oceano saúdo enternecidamente o Brasil, enviando-lhe o ultimo adeus nas mesmas palavras singelas com que me despedi da capital carioca no Teatro Lirico:

«Consenti-me que vos exprima a minha gratidão em singelas e comovidas palavras, e que associe ao meu reconhecimento pela vossa presença e pelas vossas efusões carinhosas, a saudade desta hora em que me despeço de vós e do Brasil.

Para que bem possais compreender a emoção intensa e irreprimivel com que vos apresento as minhas despedidas será necessario lembrar-vos que, desde 1871, eu conheço o Brasil; que o visitei doze vezes, atravez da minha carreira laboriosa de artista, sempre com o mesmo fiel sentimento de estima; que por esta cidade deslumbradora passou a minha juventude; que aqui vim com os meus cabelos louros, com os meus cabelos grisalhos e os meus cabelos brancos.

Aqui o meu coração se prendeu a milhares de amisades e se entregou aos brasileiros em milhares de gratidões acumuladas. Vi crescer a vossa cidade esplendida e a vossa civilização vertiginosa.

Trabalhei em Teatros de que só resta hoje

a memoria. Conheci muitos dos vossos homens ilustres, já adormecidos na morte.

O Brasil tomou tão grande parte da minha vida, que eu sinto, na hora de partir para nunca mais voltar, que essa parte da minha vida aqui fica. Tenho a consciencia de sempre me haver esforçado por merecer a vossa estima. Fiz o que em minhas forças coube para contribuir com o meu trabalho para o lustre da vossa scena dramatica.

Tantas vezes meu filho me ouviu falar de vós e de vossa terra com saudade e carinho que na sua imaginação infantil o Brasil tomava as proporções de uma terra decerto das «Mil e uma noites». Foi para mostrar-lhe o Brasil que eu pela ultima vez atravessei os mares. Quiz ser eu a mostrar-lhe a vossa terra, incutindo-lhe desde a infancia o culto pelo Brasil, que está no coração de todos os portuguezes. Nele se prolongara a minha estima indestructivel e a minha gratidão inapagavel.

Permiti-me que nestas palavras de antecipada saudade e de emocionada gratidão eu inclua com o grande quinhão que lhes é devido, os meus compatriotas. Digo adeus a brasileiros e a portuguezes. A gratidão é uma patria comum — e nunca os senti tão irmãos como na minha estima.»

E finalmente eu envio um adeus do fundo da alma ao Brasil, um adeus aos portuguezes que lá se encontram.

Um adeus para sempre! (1)

(1) Nesta ultima *tournée* ao Brasil, representaram-se nas tres cidades que visitamos (Rio de Janeiro, S. Paulo e Santos) as seguintes peças:

Hamlet, Marionettes, Morgadinha de Val-flôr, Kean, Edade de Amar, Marquez de Villemer, Pipiola, Cardeal, Leonor Teles, Bibliotecario, etc., etc.

CAPITULO XXVII

NO NACIONAL E NO APOLO COM JOSÉ RICARDO

De regresso do Brasil, representei no Nacional, sob a gerencia de Augusto de Pina, *Afonso VI* reprise da peça de D. João da Camara, e a *Casa cercada,* tradução de José Sarmento da peça de Frondaie.

Por um insignificante letigio, que não vale a pena recordar, saí do Nacional com José Ricardo, Ilda Stichini e Samwel Diniz, indo-nos juntar no Apolo com Maria Matos, hoje sem duvida a nossa melhor caracteristica e Mendonça de Carvalho, entrando mais no elenco Gomes e sua filha, Abilio Alves, etc.

Nesta empresa de José Ricardo, o grande actor comico, representaram-se: *Os Fidalgos da Casa Mourisca* fazendo eu o orgulhoso fidalgo D. Luiz que já me fôra distribuido na minha meninice; e *As Bodas de Oiro* em que não entrei, deliciosa comedia de Vasco de Mendonça.

No verão a companhia de José Ricardo, partiu para a provincia, indo eu fazer o meu primeiro *film— As pupilas do sr. Reitor,* e mais tarde juntei-me com os meus colegasn a Povoa do Varzim, onde representava pela primeira vez, sendo recebido carinhosamente pelo amavel publico que enchera o teatro.

Foi a ultima digressão, fora do lar paterno, tendo por colegas, o maior comico portuguez e meu grande amigo José Ricardo, a nossa melhor caracteristica Maria Matos, e a nossa melhor ingenua Ilda Stichini.

Creio, que não se pode exigir mais.

CAPITULO XXVIII

DRAMATURGOS MODERNOS

Em evolução rapida e constante, o Teatro moderno, sofreu grandes remodelações, desaparecendo quasi por completo o historico e enternando-se mais na vida presente, influencia poderosa do teatro francez.

As peças são rapidas, de acção constante, onde vemos passar como numa fita de cinema, os caracteres e personagens, tão nossos conhecidos.

Dos autores modernos destacarei:

Bento Mantua que já é um nome aureolado!

As suas peças são encantadoras, revivendo em muitas delas, as classes humildes.

Assim: a *Má sina,* obra prima do regionalismo portuguez.

O Fado, inspiração do trabalho de Malhoa, e tantas outras!

Bento Mantua não precisa que o elogiem; todos o conhecem, todos o admiram.

Por ordem cronologica, escreveu as seguintes peças:

Novo altar, Má sina, O alcool, Gente moça, A morte, Ordinario... marche, Freira, O fado, Furtar, O passado, A nortada, Quando manda o coração, O cuco de Tanger, colaboração com Sacramento Junior, *O crime da Avenida 33,* colaboração com Luis Barreto da Cruz, *A Triplice Aliança,* opereta de colaboração com Salvador Marques.

Vasco de Mendonça Alves, grande amigo e grande dramaturgo, é dos da geração moderna que mais tem gravado o seu nome.

No Teatro historico, escreveu duas peças admiraveis: *A Conspiradora,* uma das corôas rutilantes de Lucinda Simões, e os *Marialvas.*

Apezar da sua inconstancia no trabalho, Vasco de Mendonça conta já doze peças representadas com um exito extraordinario: *O ultimo amor, Filhos, Primeiro beijo, Promessa, Noite de Santo Antonio, Conspiradora, Marialvas, Avó, Neta, As bodas de oiro, Flores que se desfolham, Seductores,* e com um breve nascimento — *Perdoai-nos Senhor.*

O seu nome já é grande, conquistado exclusivamente pelo seu talento; e como ainda é novo, muito tem de esperar dele o Teatro portuguez.

Alfredo Cortez, de inteligencia rara e de

conhecimentos profundos e talento incontestavel, que nos fez reviver com tanta mestria, esse pedaço tão nobre, tão heroico da historia patria— *A' la fé.*

No Teatro moderno e leve escreveu a *Zilda,* explendida criação de Amelia Rey Colaço, *O Lodo,* onde nos pinta com mão de grande psicologo, o lupanar asqueroso das vielas difamadas de Lisboa.

Carlos Selvagem, o valoroso combatente da grande guerra, tem peças de alto valor como *Entre giestas* (uma das melhores peças do Teatro regional), o *Herdeiro, Ninho de aguias, Cavalgada nas nuvens,* etc.

Francisco Lage e *Correa de Oliveira,* são duas afirmações talentosas do Teatro moderno.

Patenteam-nos o seu talento na peça *Os Lobos* (tragedia rustica), na *Ribeirinha,* bela reconstituição historica do reinado do rei trovador, e n'*A Verdade.*

Luna de Oliveira, o poeta mavioso e tragico do *Viriato* e de tantas outras peças e operetas (algumas de colaboração com D. José Paulo da Camara) mostra-nos sempre o seu espirito requintado de amante das musas.

No Teatro comico — *Chagas Roquete* espirituoso comediografo com o seu nome já marcado nas deliciosas farças e comedias que escreveu.

André Brun, outro nome tambem aureolado com uma enorme produção.

Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e *João Bastos,* são na verdade os detentores do riso nacional, que brota espontaneo, pela graça ingenua e leve que dimanam.

Henrique Roldão, tambem já é um nome firmado no teatro comico.

E ainda no drama e alta comedia onde teem os nomes já marcados:

Victoriano Braga, o autor do *Octavio* e da *Casaca encarnada;*

Jaime Cortezão, o dramaturgo do *Infante de Sagres;*

Ramada Curto, Guedes Vaz, Sousa Costa, o grande romancista, Caiola, Julia Escorcio, Mario Duarte, Tito Arantes, Americo Durão, Antonio Ferro, Chianca de Garcia, Norberto Lopes, etc.

Do Porto o dr. Campos Monteiro e a parceria Arnaldo Lelo e Carvalho Barbosa.

Uns ainda esperanças, outros já realidades, procurando com o seu esforço, desanuviar o nosso querido Teatro das peças estrangeiras, de que o nosso publico tanto idolatra...

CAPITULO XXIX

O PORTO

Nas minhas Memórias, não fiz voluntariamente menção das inumeras *tournées* á capital do Norte.

Resolvi dedicar um capitulo especial a essa cidade de tão longinqua memoria, a essa cidade que com tanto carinho me recebia.

E recordando-me dela, passam na minha mente já cançada, tantas gerações, tantos amigos que lá deixei.

Lembro-me de Camilo com as suas botas *á frederica,* envolto numa capa á espanhola, passear triste e pensativo, pelas ruas escuras e lamacentas da velha cidade!

Firmino Pereira, o grande amigo da infancia Borges de Avelar, Urbano Loureiro, o grande poeta Alexandre Braga, Moutinho de Sousa, Ramos, pai, Soares dos Reis e Teixeira Lopes mestres insignes da estatuaria portugueza; o

primeiro já morto, o segundo no apogeu da sua gloria.

Antonio Ramos Pinto, João Teixeira Duarte, o grande amigo, o grande caracter.

Manuel Reis e José Rosas Junior mestres da ourivesaria em Portugal; e quantos mais! quantas gerações!

Á capital do norte, aos amigos sinceros que ainda lá tenho, envio o meu ultimo adeus, cheio de reconhecimento, pelos aplausos recebidos, pelas amizades contraídas.

É bem triste, ver-se esfumar um passado de cincoenta e tantos anos.

CAPITULO XXX

NO CINEMA

Eu que já não sou da era luminosa do progresso, mas daquele tempo tão distante em que se ia veranear para *Vale do Pereiro,* — hoje R. Castilho, — em que o comboio era uma fixão doirado das *Mil e uma noites,* o telegrafo, o assunto da risota da geração da epoca, e o telefone uma idealização de almas propensas aos sonhos, foi com verdadeiro interesse que aceitei um contrato de filmar na empresa Caldevila do Porto no ano de 1920.

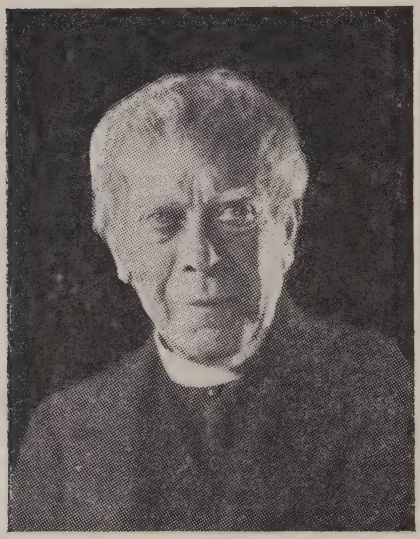
Fui fazer o Reitor das *Pupilas,* interessando-me deveras por essa arte tão diferente da Teatral, mais restrita, de gestos sobrios, quasi nulos.

Exibiu-se, pois, o *film* e não gostei do meu trabalho; era a primeira vez que eu me podia criticar.

No Natal de 1921, Virginia de Castro e Al-

meida, a nossa grande escritora, organizou uma empreza cinematografica.

E contratando-me para o seu segundo *film* — *Os olhos da alma* —, executei, na verdade, o meu primeiro personagem nessa arte tão complexa para o espectador, tão simples para o artista.



Eduardo Brazão nas *Pupilas do sr. Reitor*

E Virginia de Castro e Almeida, ao exibi-lo pela primeira vez num dos melhores cinemas de Paris, escreveu-me:

. . . . . .

É com o mais profundo e sincero prazer que venho dar-lhe as noticias relativas á apresentação do nosso «film» *Os olhos da alma* aqui em Paris.

Essa apresentação teve logar no dia 11 de Dezembro, no cinema «Select» da Avenida Clichy, uma grande e elegante sala da *Agence Générale Cinematografique* concessionaria do *film* para a França.

Tivemos uma sala cheia e uma assistencia muito escolhida, tanto do mundo elegante como profissional.

A sua explendida criação do meu Dionisio, esse moleiro vidente que desenhei com tanto amor e que V. Ex.ª tão admiravelmente compreendeu, agradou imenso pela concepção e pela notavel interpretação.

Comunico a V. Ex.ª com verdadeira alegria, que a sala inteira fez uma ovação entusiastica ao grande actor, que tão maravilhosamente interpretou o moleiro *dont les yeaux plongent dans les consciences et regardent au de lá des horizons humains.*

Quereria estar aí para lhe dar um abraço de reconhecimento e para lhe dizer o meu orgulho de ser a primeira a revelar num *ecran* parisiense, diante dum publico de notabilidades, o talento de artista cinematografico, do nosso grande Brazão, não só no palco como tambem na setima arte.

. . . . . .

E ajuntando o vidente moleiro ás minhas Memorias, parece-me que deixo uma recordação, ainda que tenue, da minha passagem por este mundo, ás gerações vindouras.

CAPITULO XXXI

E FINALMENTE NO TEATRO NACIONAL

Lino Ferreira, essa alma de eleição que todos veneram, foi nomeado com toda a justiça — Gerente do Teatro Nacional.

E ao sentir que um pulso forte e amigo, tomava a cargo o Teatro do Governo, entrei de novo, com a grande alegria que sentimos, depois de percorrer habitações estranhas, entrar na casa onde nascemos.

O Nacional foi na verdade onde eu nasci para a Arte Teatral.

Foi aí, na companhia de dois grandes actores — João e Augusto Rosa — que tanto me esforcei por engrandecer o nosso Teatro!

Foi aí que eu recebi os maiores aplausos, corôas tão consoladoras ao meu trabalho conscienciosо!

Foi aí que eu vi representar os meus Mestres.

Soes que jamais se apagarão da Historia do Teatro Portuguez.

E guiado pela mão de Deus, foi aí finalmente que representei as ultimas peças da minha carreira artistica — *Alcacer Quibir,* do grande João da Camara e *Auspicioso Enlace,* de André Brun e Carlos Selvagem.

Adoeci gravemente, e talvez não veja mais o publico que tanto amei, que tanto me esforcei por agradar!

Tenciono dar a minha recita de despedida, mas se a não fizer, é daqui da minha casa, onde estou rodeado por dois ou tres amigos, que eu envio o ultimo adeus a esse publico que em tempos me teve admiração, e que tanto me ovacionou!

E eu hoje ainda me recordo dele com carinho e com verdadeiro amor, apezar que talvez já da sua mente desaparecesse o vulto deste artista que tanto trabalhou por ele!

É bem certo: «A memoria do actor desce com o pano, a sua gloria é da geração a que pertence».

A RECITA DA DESPEDIDA

No decurso desta minha demorada e pertinaz doença, tive um desejo, uma ambição, mais forte do que todas as ambições; era tornar a ver, pela ultima vez, esse publico que tanto me estimou, e pisar tambem pela ultima vez, o palco, cadafalso da minha saude, da minha vida, mas cadafalso que foi trono, erguido apenas pela amizade do publico — cadafalso que eu jámais esquecerei.

E no dia 20 de Novembro de 1924, no Teatro de S. Carlos, depois da peça regional de Durão—*A Ave de Rapina,* subiu o pano, para a ultima entrada em scena desse actor que eu julgava que era já apagado o seu nome da memoria daqueles, a quem ele deu a vida, o trabalho insano de cincoenta e tantos anos.

Mas Deus quiz-me ainda dar esse consolo derradeiro, e o publico, o publico portuguez, esse que me acompanhou pela vida fora, que me estimulou e a quem eu devo noites de gloria, ainda se lembrava do velho actor!

Como o meu coração transbordou de alegria! Representei esse acto tão leve, tão ingenuo e gracioso da *Manhã de Sol* com a grande actriz Lucinda Simões.

E o publico num entusiasmo delirante, saudou os dois velhos actores, para de novo se entusiasmar no acto apoteotico, em que todos os artistas do Teatro Portuguez rodeavam a scena, ao fundo da qual, numa escadaria, os personagens por mim creados, permaneciam imoveis, como atomos daquele que os viveu com tanto carinho, com tanto amor, á espera doutro que lhes dê vida de novo, que lhes dê alento para novas resurreições.

E sentado com Lucinda Simões a um canto da scena, eu ouvi, discursos tão belos, ditados apenas pela bondade daqueles que ainda não me tinham esquecido.

Rafael Marques leu o brilhante discurso de Santos Tavares, o digno comissario do Teatro Nacional; Matos Sequeira, o grande crítico, o grande escritor e arqueologo, leu, vibrante de entusiasmo, alguma coisa que era demasiado para mim; José Ricardo, o meu velho amigo e grande actor, leu uma enternecida homenagem de Jorge de Faria, eminente homem de letras; e Avelino de Sousa compoz esses versos tão gratos para mim, que passo a transcrever, com

o maior dos reconhecimentos ao amigo e admirador de tantos anos :

A DESPEDIDA

Senhor, porque te vais ? ! Senhor, porque nos deixas ! ?
Já nesta côrte alguem, acaso te ofendeu ? !
Oh ! fala, Senhor, fala e conta as tuas queixas ! . . .
— Mas deixa-me evocar em sentidas endeixas
o Talento imortal que á Arte te prendeu !

Porque has de abandonar, assim, teu sólio regio
de Principe da Arte em todo o Portugal,
onde se tornou Grande esse Teu Nome egrégio ? ! . . .
Ah ! . . . esta despedida, é bem um sacrilégio
que amarfanha e tortura a Alma nacional !

Pois tu não vês, ó Rei, que o teu manto de arminho,
ása branca de luz em vibrações de Genio,
era p'ra todos nós o simb'lo do carinho
com o qual nos abristes, a todos, o caminho
da Arte, a iluminar a boca do Proscénio ? !

E assim nos quer's deixar ! E assim te vais embora
fugindo ao nosso amor, fugindo ao nosso afago ! . . .
E assim fica sem Rei o Povo que te adora
a soluçar de Dôr e a maldizer a hora
em que partes, deixando esse teu trono vago !

Dize-me cá, Senhor, p'ra quem irá, p'ra quem
o sceptro, a c'rôa, o manto, a gloria de reinar ? !
QUEM FICA, SE TE VAIS ? . . . Conheces tu alguem ? . . .
— Quem fica ? . . . — E o *Romeiro*, ao longe diz : — *Ninguem*,
Ninguem em cujas mãos tu possas abdicar !

Inda se fosses só !... Mas não, — perdôa o egoismo —
levas atrás de Ti, Senhor, de forma altiva
fidalgos, cortezãos, principes... — Fundo abismo
que cavas para nós, votando ao ostracismo
o Povo que te amava, e á tua comitiva !

Comtigo vai, Senhor, o sequito vistoso
montando os seus corceis, num cortejo imponente.
D. Fuas, *Frei Luis*, *D. Fernando*, *o formoso*
o *Duque de Vizeu*, o *Hamlet* orgulhoso,
os cardeais e o *Kean*, o *Alfageme* e o *Regente!*

E tudo assim se vai, nesta hora de tortura,
enublando de pranto os tristes olhos meus !...
Já oiço repicar os sinos da Amargura
nas torres da Saudade augusta, que perdura !...
— Senhor, a tua Mão. Por todos nós, adeus !

Meus olhos seguirão a tua trajectoria
p'ra onde quer que Tu vás. E bem posso afirmar-te
que o Teu ilustre Nome ha de ficar na Historia
num resplendor de luz a rebrilhar de gloria,
e que onde tu estiver's, é lá, que está a Arte !

(AO PUBLICO)

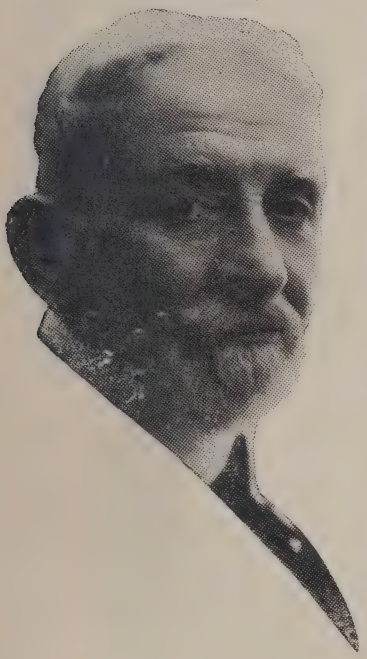
Povo da minha terra : — Eu vim ao Beija-Mão,
traduzindo o sentir da scena nacional,
— mas de novo vos lanço esta proclamação
— Real, Real, Real, por Eduardo Brazão,
sagrado o Rei da Arte em todo o Portugal !

* * *

Caiu o pano sobre a minha vida de artista...

Da longa e ardua travessia, ficou-me um travo de profunda, de intensissima saudade.

Foram anos de actividade febril, de trabalho constante e de perene entusiasmo. Para traz, nas folhas deste livro, deixo a tumultuaria onda das recordações que nestas primeiras horas de repouso, me dei ao prazer agri-doce de evocar, de reviver.



Eduardo Schwalbach Lucci

De episodios e scenas de ha cincoenta anos, algumas esbatidas já na minha memoria fatigada, outras viridentes ainda, como nos recuados momentos em que os vivi de sorrisos ageis ou de lagrimas furtivas, se compõe este volume, no fecho do qual não quero deixar de exprimir a minha amizade e a minha admiração — sempre agradecidas — pelos que deram brilho inolvidavel á minha ultima noite de artista, e entre eles: Erico Braga.

São figuras da minha intimidade, pelo cari-

nho dispendido, essas, entre as quais destaco o perfil amigo — velho amigo e companheiro — de Eduardo Schwalbach a quem o teatro portuguez deve muitas paginas dramaticas de notavel relevo e brilho, paginas de observação e de ironia, paginas soltas de um humorismo leve e gracioso, onde deixa, em todos os generos, o cunho de um talento inconfundivel.

Camarada de antigas lutas, alguns dos meus exitos de palco — se alguns tive — foram devidos á sua bela colaboração de homem de letras, ao seu engenho vivace e á sua penetração de autor.

Caiu o pano sobre a minha vida de artista...

EDUARDO BRAZÃO
(FILHO)

INDICE

	Pag.
CAPITULO I — A minha infancia	19
CAPITULO II — Aspirante de marinha	25
CAPITULO III — Marinheiro ou Actor?	33
CAPITULO IV — Uma carta de Augusto de Melo	37
CAPITULO V — Artistas da minha mocidade	45
CAPITULO VI — No Gimnasio	67
CAPITULO VII — A minha primeira biografia por Gervasio Lobato	73
CAPITULO VIII — Em Pernambuco e no Rio com Joaquim de Almeida	87
CAPITULO IX — Ensaiadores e Interpretes	81
CAPITULO X — A Empresa Biester Brazão e C.ª no Teatro D. Maria II	91
CAPITULO XI — Em Pernambuco, Pará e Maranhão	103
CAPITULO XII — No D. Maria II e no Brasil com Palladini	107
CAPITULO XIII — No D. Maria II	111
CAPITULO XIV — «Shakespeare» representado em Portugal	125
CAPITULO XV — Paris	135
CAPITULO XVI — Dois grandes actores e dois caracteres completamente diversos	141
CAPITULO XVII — Artistas da minha geração	149

CAPITULO XVIII — Dramaturgos insignes..... 173
CAPILULO XIX — Fialho na critica..... 181
CAPITULO XX — No D. Amelia, no D. Maria e no Principe Real..... 187
CAPITULO XXI — Deve um autor dramatico ser tambem critico teatral?..... 195
CAPITULO XXII — Rui Chianca e a sua obra..... 196
CAPITULO XXIII — No D. Amelia, a minha doença e a reaparição no D. Maria II..... 203
CAPITULO XXIV — No Gimnasio e no Avenida com Palmira Bastos..... 211
CAPITULO XXV — Artistas novos..... 213
CAPITULO XXVI — O Adeus ao Brasil..... 221
CAPITULO XXVII — No Nacional e no Apolo com José Ricardo..... 227
CAPITULO XXVIII — Dramaturgos modernos..... 229
CAPITULO XXIX — O Porto..... 233
CAPITULO XXX — No Cinema..... 235

A Recita de despedida..... 241

ERRATAS

Pela inexperiencia na revisão de provas, saltaram-me varias gralhas; passo a transcrever as que se me afiguram mais graves:

			onde se lê	*leia-se*
Na pag.	21,	linha 5 —	de então	desse tempo
» »	31,	» 23 —	porte boneur	porte bonheur
» »	37,	» 8 —	cherez de Viscondessa	Xeres de Viscondessa
» »	27,	» 11 —	*Alma Viva*, intercalado eutre outras peças, não é uma peça, mas sim o *galã* do Barbeiro de Sevilha.	
» »	44,	» 2 —	Uno uomo d'affai	Uno uomo d'affari
» »	60,	» 20 —	Falerro	Falerno
» »	64,	» 25 —	linitivo	lenitivo
» »	67,	» 13 —	Hygh-Life	High-Life
» »	69,	» 15 —	explendida	esplendida
» »	134,	» 15 —	Strasfor-on-Avon	Stratford-on-Avon
» »	135,	» 10 —	Valquiriana	Walquiriana
» »	144,	» 10 —	resolveu	resolvendo
» »	144,	» 20 —	eu	em
» »	150,	» 1 —	Amelia Pereira	Ana Pereira
» »	151,	» 17 —	houve	tome
» »	163,	» 11 —	Septimon	Septimonts
» »	188,	» 28 —	Marini	Manini
» »	231,	» 2 —	que nos fez	fez-nos
» »	232,	» 21 —	Arnaldo Lelo	Arnaldo Leite

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DA «OTTOSGRAFICA», LARGO DO CONDE BARÃO, N.º 50, EM LISBOA

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
0001551099 3